



NA PARAÍBA

Ações de combate aos crimes cibernéticos protegem infância

*Em pouco mais de um ano, a Polícia Federal realizou 46 operações e sete prisões em flagrante. **Página 7***

Instituições articulam medidas para enfrentar a desinformação

Iniciativas institucionais e acadêmicas buscam combater a propagação de notícias falsas e a manipulação de imagens e vozes, conhecidas como “deep-fakes”, no ano eleitoral.

Página 13

Treze e Campinense fazem o Clássico dos Maiorais, hoje, pela sexta rodada

Disputa, que acontece às 18h, no Amigão, coloca frente a frente duas das equipes que mais venceram o Campeonato Paraibano. Times lutam para ficar na zona de classificação.

Página 21

Ronaldo Fraga fala da conexão com a Paraíba

Em entrevista ao jornal A União, estilista mineiro comenta a paixão pelo Cariri do estado, artesanato e suas criações.

Página 4

Foto: Divulgação/Secom-PB



Mortes por doenças cardiovasculares caem 14,3%

Infarto do miocárdio permanece como a cardiopatia mais letal, responsável por cerca de nove mil óbitos no estado, de 2022 a 2025. Programas governamentais preventivos e de assistência, como o Coração Paraibano, ajudam a salvar vidas.

Página 6

9º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA
HOMENAGEM A LUIZ RAMALHO

INSCRIÇÕES ATÉ
13 DE FEVEREIRO

radiotabajara.pb.gov.br/festivaldemusica

GOVERNO DA PARAÍBA FUNESC EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Seu Pereira e Coletivo 401 relança, em vinil, o seu primeiro álbum

Disco volta ao circuito cultural buscando aguçar a curiosidade e incentivar uma escuta mais atenta ao trabalho de estreia.

Foto: Divulgação



Página 9



■ “Nestes meus 75 anos de vida pessoense, vi duas vezes a prancheta do planejamento riscar e executar um programa continuado de restauração”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Gostaria de escrever sobre as coisas que vivo no dia a dia. Sem teorias, abstrações, conceitos formais. Coisas que me tocam pelos sentidos e que mexem com o corpo”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Diante dessa máquina de triturar existências, a resistência individual é nobre, mas insuficiente. É a flor no asfalto: linda, frágil, condenada a ser pisada”.

Eduardo Augusto

Página 3

Editorial

Altos e baixos

O Brasil oferece paisagens muito bonitas, quando visto pelas janelas dos aviões. Picos elevados, praias, rios e florestas seduzem os apaixonados pela natureza. Isso sem falar nos tapetes de nuvens, no infinito azul dos dias claros, na poesia do Sol nascente da Lua cheia no céu pontilhado de estrelas. Já os prodígios da engenharia e da arquitetura nacionais encantam os apreciadores de obras primas feitas de aço, vidro, tijolo, cimento.

No entanto, há, também, imagens que remetem a pesadelos. A consciência ator-doadada com os quadros de uma figuração hiperrealista, representada pelas coberturas improvisadas de milhares de casas de laje dos morros da cidade do Rio de Janeiro e de barracos da periferia da cidade de São Paulo. Um mar de pobreza sem histórias de pescadores. Os relatos são reais, mas tramas ruins, ao que parece, supe-ram os enredos com final feliz.

Quem contempla do alto os casarios nos quais habita a imensa legião de pessoas que não prova do bolo cujos ingredientes são as riquezas produzidas pelo país fica a matutar sobre quão difícil é resolver o problema das desigualdades sociais. Como gerar emprego e renda e levar a assistência devida pelo Estado para tanta gente? E moradia digna? Como substituir tudo aquilo por casas e apartamentos com o mí-nimo de conforto?

Para se ter uma ideia um pouco mais aproximada da realidade social nas áreas mais carentes das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, recomenda-se aterris-sar nas páginas da pesquisa intitulada “Sonhos da Favela”, assinada pelo Data Fa-vela. O estudo engloba as cinco regiões do Brasil, mas a ênfase recai sobre as terras de Djamila Ribeiro e Lima Barreto. As narrativas são de 4.471 moradores de favelas, todos maiores de 18 anos.

O objetivo da consulta é estabelecer uma espécie de diálogo entre a população das áreas menos assistidas e o poder público, proporcionando um conhecimento mais amplo desses contextos sociais, com vistas a encontrar soluções que ao menos mini-mizem os problemas que impactam negativamente na vida de seus habitantes. Res-salte-se que a maioria dessa população é formada por jovens, negros e trabalhadores.

Se o que se reivindica hoje tivesse sido atendido ontem, o Brasil não teria tantos altos e baixos. Entre as aspirações recolhidas para Sonhos da Favela, estão casas me-lhores, saúde de qualidade, filhos na universidade e segurança alimentar. Favelas não são apenas problemas, é fato, mas, se os mais graves que lá existem fossem so-lucionados, a inteligência coletiva teria formas, cores e sentidos muito mais amplos, portanto fáceis de ver, seja de que ângulo for.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A nova escalada intervencionista

Os Estados Unidos se valeram do colapso da União Soviética, em 1991, para intensificar suas políticas intervencionistas na África, na Europa Oriental e no Orien-te Médio. O conflito ideológico que divi-diou o mundo entre os polos capitalista e comunista, no pós-Segunda Guerra Mun-dial, perdeu força, mas não eliminou o in-tervencionismo como instrumento de po-der. Tanto EUA quanto URSS recorreram, ao longo do tempo, a intervenções políti-cas, econômicas e militares para preservar interesses estratégicos e ampliar suas áreas de influência. Estima-se que, entre 1776 e 2026, os Estados Unidos tenham realizado cerca de 400 intervenções militares, sendo aproximadamente metade delas no perí-o do pós-Guerra Fria.

O governo Trump 2.0 reforça uma po-lítica externa orientada pelo lema “Ameri-ca First”, resgatando princípios da Doutri-na Monroe e do Corolário Roosevelt para reafirmar a primazia dos EUA no Hemis-fério Ocidental. Trump busca se colocar como uma espécie de “polícia hemisfé-rica”, legitimando intervenções por meio de pressões diplomáticas, sanções econômi-cas, confisco de ativos, processos judiciais em jurisdições estrangeiras e, quando jul-ga necessário, pelo uso direto da força. A crescente presença chinesa como principal parceiro comercial da América Latina re-presenta um desafio adicional à hegemo-nia estadunidense no continente.

Observa-se, assim, um esforço explí-cito do atual governo norte-americano para ampliar o envolvimento dos EUA nas Américas, combinando políticas protec-ionistas com medidas agressivas de deporta-ção. A estratégia intervencionista tem sido pouco dissimulada, revelando a intenção de reorganizar a ordem hemisférica sob li-derança exclusiva de Washington. No se-gundo mandato, Trump demonstra dispo-sição em expandir e consolidar a influência dos Estados Unidos na região.

Essa escalada da política externa de Washington normaliza o uso unilateral da força em uma região historicamente mar-cada por intervenções, tutelas e recorrentes ameaças à soberania. O ataque à soberania da Venezuela exemplifica essa postura, ao violar princípios do direito internacional

que proíbem o uso da força contra a inte-gridade territorial ou a independência po-lítica dos Estados. Subordina-se a legalida-de à capacidade de intervenção, enquanto a noção de segurança passa a ser definida de forma unilateral.

Não se trata apenas de um impasse geo-político, mas de uma ameaça à democra-cia, ao privilegiar a coerção em detrimento da diplomacia. Soberania não é o direi-to do mais forte de impor limites aos de-mais. Nenhum hemisfério pode ser tratado como propriedade exclusiva de um úni-co povo, e nenhuma liberdade se susten-ta quando a soberania se transforma em concessão. O cenário torna-se ainda mais preocupante diante da ascensão de lide-ranças como Javier Milei, na Argentina, e Nayib Bukele, em El Salvador, que adotam retóricas alinhadas ao trumpismo, contri-buindo para o fortalecimento da extrema direita na América Latina.

O precedente venezuelano pode esti-mular novas intervenções sob o pretexto do combate ao narcotráfico ou da estabili-zação política, esvaziando o debate demo-crático e marginalizando o multilateralis-mo. Os fundamentos da ordem jurídica internacional construída no pós-Segun-da Guerra Mundial vêm sendo colocados em xeque, produzindo instabilidade e su-bordinação política. Há claros indícios de que o intervencionismo norte-americano na América Latina, sob o governo Trump, passa por uma reconfiguração legitimada pela linguagem do contraterrorismo e da segurança transnacional.

“

Não se trata apenas de um impasse geopolítico, mas de uma ameaça à democracia

Opinião

Foto Legenda



Ponteiros da história

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um final diferente

Bem posto, de olhar fixado na câmera, o copo de água já esvaziando, o governador João Azevêdo anuncia, em sessão remota da Assem-bleia, estar deixando o cargo até 4 de abril para concorrer ao Senado. Previa-se. Mesmo assim, tive um toque de surpresa, como não foi dife-rente quando ele surgiu escolhido, sete anos atrás, para o governo.

Como Burity, Azevêdo não era das hostes. Me lembro bem dos dois, um bem antes, na chefia de gabinete do capitão-reitor Guilhardo Martins, o filho do professor emérito Gonzaga Burity já chegado da França ou Suíça de uma pós-graduação, enquanto o engenheiro João, já no governo de Burity, alimentava de pro-jetos irretocáveis o programa habitacional do antigo Ipep. O governador com quem estive ao lado de Rubens Nóbrega, há alguns meses, em seu amplo gabinete (um teclado de frente e um grande painel ao fim da mesa de reuniões), não me lembrou outro senão aquele rapaz do Ipep.

Ele já secretário de Estado no governo de Ri-cardo, passei a suspeitar do que viria depois por conta da resposta breve a uma pergunta que lhe fiz ao ouvido no silêncio do velório de um ente querido que muito nos pertencia.

— O que vocês estão fazendo para não fal-tar dinheiro com tantos programas e projetos, inclusive o de manter em dia o funcionalismo? — foi a pergunta. Funcionário assumido, gover-no bom pra mim era sempre o que conseguis-se pagar em dia.

— Não gastar mais do que dispõe, não ir além do haver — foi mais ou menos esta sua resposta, a mesma que ouvi, noutra época, de um administrador sensato e comum chamado “Damásio Franca”.

É que não me ocorre à lembrança programa ou projeto concebido ou proposto à administra-ção estadual, nesses últimos dez anos, que te-nha se tornado inviável por falta de recursos. Ao chegar ao governo, o professor de uma es-cola técnica fundada por um presidente de cor para a formação do artífice, trazia, arraigada, sem discurso, a consciência política das dívidas do poder público com as bases sociais. Essa a vi-são dirigida prioritariamente às ações na Edu-cação, com incremento à formação tecnológi-ca, na Saúde, com a interiorização de hospitais

“

Abrem-se outros museus, tornando mais vivo e palpável o acervo histórico da Filipeia, a partir do Museu da Cidade

e mais médicos, nos Transportes e no horizon-te cultural, priorizando o museu na insemina-ção e difusão da imagem histórica da cidade e no orgulho do seu povo, sendo simbólico que o centenário Palácio da Redenção seja erigido legitimamente em Museu do Estado. Abrem-se outros museus, tornando mais vivo e palpável o acervo histórico da Filipeia, a partir do Mu-seu da Cidade, cogitado desde o primeiro go-verno de Maranhão e só agora montado com temática diversa da que esperávamos, que se-ria a de museu de 1930, ano em que a Paraíba deflagrou uma revolução para o Brasil, temáti-ca que se reservou ao Palácio e não à casa onde morou o presidente heroico.

Some-se a esse período em destaque na nossa história administrativa, seja pela ofer-ta de novos serviços públicos e particulares, e, de forma inédita, mais emprego, mais ren-da, mais crédito, o empenho de Sua Excelên-cia com a restauração da riqueza monumental da cidade. Nestes meus 75 anos de vida pes-soense, vi duas vezes a prancheta do planeja-mento riscar e executar um programa conti-nuado de restauração. No governo de Burity, que converteu uma secretaria de Estado, com equipe formada e destinada a seu plano de restauração, a partir da Igreja de São Francis-co, e neste período que termina sem cansa-ço do governante e, a tirar por mim, também dos governados.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa

DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Gisa Veiga

GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda

DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

INCLUIR PARAÍBA

Programa deve alcançar seis mil famílias até 2027

Projeto garante renda digna e melhores condições de vida na zona rural do estado

Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com

O Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais, conhecido como Incluir Paraíba e transformado em lei estadual em 2023, vem impulsionando e renovando a vida de famílias em situação de extrema pobreza na Zona Rural paraibana. Mais do que uma política de repasse de recursos, o programa busca promover a ascensão econômica e a autonomia das famílias beneficiadas, garantindo-lhes uma renda digna e melhores condições de vida e desenvolvimento.

A iniciativa é gerida conjuntamente pela Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) e pela Secretaria de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento do Semiárido (Seafds). Em sua primeira etapa, o programa beneficiou 1.040 famílias, distribuídas em 52 municípios da Paraíba. Segundo Jailson Lopes, o diretor administrativo da Empaer e um dos idealizadores do projeto, os beneficiários vivem, em sua maioria, em cidades com baixos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM).

“O programa nasceu inspirado em uma iniciativa semelhante do Governo Federal que, antes da pandemia, atendia cerca de 10 mil famílias na Paraíba. Com a interrupção das ações durante o período pandêmico, o Governo do Estado assumiu, em 2023, o compromisso de dar continuidade ao trabalho, transformando-o em lei. O objetivo é destinar recursos para que as famílias criem e mantenham sistemas produtivos rurais, agrícolas ou não”, explicou o diretor.

“Se o produtor já tem experiência com a criação de galinhas, por exemplo, podemos propor a construção de um aviário. As atividades podem ser de natureza diversa, tivemos casos de mulheres que abriram negócios de panificação e de estética. Também tivemos pessoas que investiram no ramo de borracharia. E a Empaer chega com a consultoria completa de como tocar esse negócio, além do aporte financeiro para isso. A nossa ideia é ser como aquele ditado: não dê o peixe, ensine a pescar, no entanto, o Incluir Paraíba seria o ensinar a pescar mas com condições de comprar a vara, o anzol e a isca”, afirmou Jailson.

Após a definição do projeto, os beneficiários assinam um termo de adesão, comprometendo-se a seguir as metas, participar das atividades propostas e utilizar corretamente os recursos recebidos. Em seguida, os valores são liberados e novas visitas são realizadas pela Empaer para acompanhar a plena execução dos planos produtivos. Ao fim do processo, as famílias participam de oficinas de gestão de negócio e capacitação empreendedora, além de avaliações que podem encaminhá-las a outros programas de fomento.

Segundo Jailson Lopes, uma parceria entre o Governo



Foto: Arquivo pessoal

Vendas de produtos de artesanato geram renda para as famílias participantes do programa

Estadual e o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) garantirá, a partir de março, a inclusão de mais 1.100 famílias de 32 municípios. Cada uma receberá R\$ 4.600 do Governo Federal, além de um aditivo estadual de R\$ 1.400 voltado a mulheres e jovens, público que já representa mais de 90% dos projetos implementados. O incentivo busca reduzir o êxodo rural e fortalecer o protagonismo feminino e juvenil no campo — tota-

lizando R\$ 6 mil por família para iniciar e expandir seus empreendimentos.

Com o apoio do MDS, mais de R\$ 5 milhões serão investidos nas famílias rurais em situação de vulnerabilidade na Paraíba. A meta é que, até 2027, mais de seis mil famílias sejam alcançadas pelo Incluir Paraíba, consolidando o programa como uma política permanente de inclusão produtiva e desenvolvimento sustentável no campo.

A seleção das famílias é feita com base no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) e no CadÚnico, priorizando aquelas que vivem em situação de extrema pobreza. Após a identificação, equipes técnicas da Empaer realizam visitas às propriedades para elaborar um projeto produtivo personalizado, considerando as aptidões, vocações, habilidades e experiências prévias de cada participante.

Agricultores têm apoio financeiro e técnico para expandir negócios

Maria José Faustino, moradora da comunidade Urubu, na Zona Rural do município de Fagundes, é um exemplo inspirador de crescimento por meio do programa Incluir Paraíba, do Governo do Estado. Ela foi uma das primeiras agricultoras a aderir à iniciativa quando esta chegou ao município, em 2021. Artesã por vocação, Maria vive com o marido e o filho e sempre teve grande habilidade manual para a confecção de peças em linha e tecido — especialmente produtos para cama, mesa e banho. No entanto, enfrentava dificuldades para expandir sua produção e levar seus trabalhos para outras cidades, pois lhe faltavam recursos e equipamentos adequados.

“Desde a primeira visita da equipe da Empaer, eu já mostrei a eles algumas das peças que produzia em casa e falei sobre o quanto me identifiquei com o artesanato, além do meu desejo de ampliar o negócio e alcançar novos mercados. Com o apoio financeiro do Incluir Paraíba, consegui adquirir uma nova máquina de costura e formar um estoque de matérias-primas como linhas, tecidos e

aviamentos. Também passei a ter condições de participar de feiras e eventos de artesanato em diversas cidades da Paraíba, especialmente na região de Campina Grande e Queimadas”, relatou Maria.

Entre os eventos que marcaram sua trajetória recente, destaca-se a Jornada Produtiva, realizada pela Empaer em Fagundes, em agosto de 2025. O encontro, que tem como meta aproximar os serviços públicos das comunidades rurais, promove momentos de aprendizado e troca de experiências entre produtores e técnicos. Durante a jornada, agricultores e artesãos têm acesso a informações sobre incentivos governamentais, crédito rural, apoio técnico e boas práticas de produção, além de poderem conhecer exemplos de sucesso, como o da própria Maria José, que hoje é referência local de empreendedorismo feminino no campo.

Maria conta que conheceu o programa a partir do Centro de Referência de Assistência Social (Cras) de Fagundes, onde foi orientada sobre as possibilidades de apoio financeiro e técnico oferecidas. Pouco tempo depois, foi con-

templada com o benefício e iniciou uma nova fase em sua vida. Para ela, o Incluir Paraíba representa muito mais do que apenas o aporte financeiro: o acompanhamento técnico e o aprendizado repassado pelos profissionais da Empaer são fundamentais para o desenvolvimento contínuo dos agricultores e artesãos participantes.

“Além das minhas peças artesanais, eu quis diversificar e começar na suinocultura, para complementar a renda da minha família. Mas, no início, eu não tinha o conhecimento necessário — não sabia como construir uma pocilga adequada, como alimentar corretamente os porcos ou cuidar da higiene do espaço. Tudo isso aprendi com a orientação dos técnicos do programa, que me ensinaram passo a passo. Hoje já tenho quatro porcos para engorda e tudo está indo muito bem”, comemorou.

Com o apoio do programa e sua dedicação, Maria José Faustino segue ampliando suas atividades, unindo o artesanato tradicional à produção agrícola familiar e ajudando a fortalecer as comunidades rurais da Paraíba.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Corpo inimigo

Dizem que você nasce devendo. Antes do primeiro suspiro, já há uma conta em seu nome: de minutos, de metas, de sonhos convertidos em *spreadsheets*. Seu corpo, um pacote de carne e potencial, chega ao mundo pré-catalogado: força de trabalho, consumidor, dígito. A máquina, voraz, já espera por você com seus dentes de engrenagem bem lubrificadas.

Viver, então, nesse sistema, não é um ato natural. É um ato de rebeldia.

Acordar e, em vez de se lançar na corrida dos ratos, tomar cinco minutos para olhar o céu pela janela é rebeldia. É sabotagem da produtividade. Recusar-se a odiar o próprio corpo porque ele não cabe no manequim da propaganda é rebeldia. É recusar a mercadoria. Cuidar de um velho, plantar um pé de alface na laje, ler um livro de poesia sem “aplicação prática” são atos de resistência. São pequenas recusas ao mandamento supremo: transforme tudo em capital, inclusive sua alma.

Pois o capitalismo não é só um sistema econômico. É uma metafísica do cansaço. Ele precisa que você se sinta só, para vender conexão. Precisa que você se ache feio, para vender a beleza em tubos. Precisa que você tema o futuro, para vender segurança que nunca chega. Ele suga o tempo, esse bem não renovável, e devolve em troca ansiedade parcelada em doze vezes. A vida, a vida pulsante e desordenada, é seu inimigo. Porque a vida que vale pelo que é, e não pelo que rende, é um escândalo.

Diante dessa máquina de triturar existências, a resistência individual é nobre, mas insuficiente. É a flor no asfalto: linda, frágil, condenada a ser pisada. O sistema é hidra; corta-se uma cabeça da exploração no trabalho, nascem duas na forma de dívida estudantil e algoritmo de vigilância.

Por isso, a rebeldia precisa deixar de ser só gesto e virar projeto. Precisa olhar para a raiz do mal e dar nome aos bois: a propriedade privada dos meios de produção, a mais-valia extorquida, a luta de classes que eles negam, mas nós sentimos na pele todos os dias. A análise fria e cirúrgica de Marx não foi um exercício acadêmico. Foi um raio X de um cadáver que ainda se finge de vivo. E Lênin, com seu punho de ferro e vontade de aço, mostrou que o raio X poderia virar bisturi. Que a teoria não era para ser decorada, mas para ser armada.

A revolução socialista não é um “sonho”. É a única conclusão lógica para quem, cansado de rebeliões estéticas, quer de fato curar a doença, não apenas aliviar a coceira. É entender que não se negocia com um vampiro; arranca-se a estaca que o sustenta. É a organização consciente da classe que tudo produz e nada tem, para tomar o que é seu por direito: o controle sobre o próprio destino, o fruto integral do próprio trabalho, o tempo roubado.

É a rebeldia feita de maneira coletiva, estratégica, irrevogável. É a transformação da defesa da vida em ofensiva pela nova vida.

Portanto, respirar fundo hoje é subversão. Cuidar do outro é tática. Estudar a realidade com olhos de fogo é treinamento. Cada ato de gentileza não comercial e cada momento de ócio não culpado são pequenos estilhaços no vidro blindado da alienação. Mas lembre-se: eles servem para nos manter humanos até a hora do grande enfrentamento. Até o dia em que a rebeldia dispersa se tornar um exército, a resistência desesperada virar assalto aos céus e o último suspiro de cansaço se transformar no primeiro grito de uma nova aurora.

Porque no fim, diante da máquina que nos cospe como resíduo, só há uma resposta verdadeiramente humana, uma verdade que ecoa como um trovão através dos séculos de opressão:

Um espectro ronda o mundo...

Ronaldo Fraga

Estilista

“A Paraíba entrou em mim e nunca mais saiu”



Foto: Leonardo Azei

Em entrevista ao jornal A União, estilista mineiro fala da paixão pelo Cariri paraibano, artesanato e suas criações

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com cerca de 40 anos de atuação no mundo da moda, o estilista mineiro Ronaldo Fraga conta que foi o gosto pelo desenho que acabou levando-o por esse caminho. Além disso, ele queria ter uma profissão que lhe possibilitasse viajar e conhecer o mundo. Deu certo. Suas criações já foram apresentadas em diferentes países, como Japão, Holanda, Espanha, Uruguai, Bélgica, Chile, Argentina, México e Angola. Seu interesse maior, porém, permanece no Brasil, em sua cultura e em suas tradições. Apaixonado pelo Cariri paraibano, ele esteve em João Pessoa para apresentar a coleção Lar-Jedo, realizada em parceria com crocheteiras do Lajedo do Marinho. A apresentação ocorreu durante o desfile Tramas Arretadas, realizado no dia 31 de janeiro deste ano, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo. Confira a entrevista exclusiva do estilista ao jornal A União.

Entrevista

■ *Em que momento você decidiu que ia trabalhar com moda? Como a moda surgiu na sua vida?*

Na verdade, eu nunca tive essa coisa de “quando eu crescer, eu vou trabalhar com a moda”. Eu desenhava desde criança e a minha coisa foi pelo desenho, para onde o desenho me levasse. Aí eu venho de uma família de poucos recursos, meus pais tinham morrido e eu fazia qualquer curso de desenho, contanto que fosse gratuito. E, adolescente, eu fiquei sabendo de um curso de desenho de moda no Senac, em Belo Horizonte. Fui fazer o curso, mas sem nenhuma pretensão que eu iria trabalhar, eu ia ser um profissional de moda. No final do curso, eu tive uma nota mais alta e imediatamente, na semana seguinte, me indicaram para um emprego numa loja de tecidos. Nunca mais parei. Isso foi mais ou menos 84, 85.

■ *De lá para cá, como é que você vê a evolução da moda no Brasil?*

É tão curioso, eu lancei um livro dois anos atrás: “Memórias de um estilista coração de galinha” (2023). Eu nunca tinha tido consciência que eu tinha começado no final de um ciclo da moda brasileira e o início de outro. E estava lançando o livro no final de um ciclo também. Então, quando eu comecei, nos anos 80, estava o Brasil começando também a fortalecer a indústria do prêt-à-porter. Naquela ocasião, na primeira metade dos anos 80, as pessoas ainda compravam muito tecido, ainda existia costureira de família, né? Então eram poucas lojas. As lojas vinham, era curioso que qualquer parte do Brasil, ela tinha que ter o codinome “Rio”, que é o Rio de Janeiro, é a grande referência. É a “Marina Rio”, “não sei o que Rio” e tal. E os anos 80 foram uma década que, para a cultura brasileira, houve um movimento na música, no cinema e na moda, como a gente nunca tinha vivi-

do antes. Mas, ainda assim, era algo que era focado no mercado externo. A tendência era ditada pelo mercado externo. Nos anos 90, a gente começa a ver um movimento no mundo pela procura do novo e da identidade na moda, assinatura na moda. É nessa esteira que eu fui selecionado para o Phytoervas Fashion, que iria dar origem ao São Paulo Fashion Week, e estreio no São Paulo Fashion Week em 2001. Aí a gente fala que, nos anos 2000, a gente viu uma organização do calendário da moda brasileira, dos profissionais da moda brasileira. O Brasil tem um boom de escolas de moda e passa a ser o país com o maior número de escolas de moda do mundo. Já na década de 2010, a gente começa a ver a decadência disso. A indústria migrando para os países asiáticos. Então, hoje, a indústria têxtil migrou para os países asiáticos. A concorrência é desleal, com a produção em série vinda de fora. E, mais do que nunca, é importante — eu falo da moda, mas isso eu acho que em todo setor — que a criatividade seja o grande bastião e a prova dos nove. Então, se a gente comparar a moda de hoje com a moda dessas décadas, a gente pode dizer seguramente que a moda acabou. Ela não existe, ela não tem mais uma força que a moda brasileira um dia teve. Mas, ainda assim, o brasileiro tem gosto por moda; a indústria vai persistir, mas não com o vigor como ela já teve em décadas passadas.

■ *Você saiu de Belo Horizonte para o Brasil e para o mundo. Como veio parar na Paraíba?*

Tudo culpa do meu mentor intelectual, que é o Mário de Andrade. Quando adolescente, eu lia muito. Era final da ditadura militar. Eu lia muita literatura política dos clássicos. E foi aí o meu encontro com o Mário de Andrade. E, quando eu li o “Turista Aprendiz”, do Mário, eu

falei: “Gente, mas é isso que eu quero fazer. Eu quero ir de encontro”. Eu fui provocado por ele. Eu falei: “Não, eu quero ir de encontro aí esse Brasil. Eu quero ter uma profissão que me permita fazer isso”. Mas eu nem pensava que seria a moda. Então a primeira vez que eu cheguei na Paraíba foi em 2003, para trabalhar com algodão colorido e levar o algodão colorido para o desfile no São Paulo Fashion Week. E esse encontro me impactou muito na minha vida profissional, na minha vida pessoal, na minha visão de mundo, na minha relação com o Brasil. A Paraíba entrou em mim e nunca mais saiu. E depois vieram outros projetos com a renda Renascença e agora o projeto com as expedições. Já estamos na 33ª expedição que eu faço com Paulo e Thiago Burity, os irmãos da agência Visu, que é uma agência que trabalha com o turismo humanizado.

■ *Você também teve uma coleção que tinha uma participação das Sereias da Penha.*

Participação não, foi toda centrada nisso. Foi a Fúria das Sereias. Eu fui convidado na época, por causa de um desfile que eu tinha feito com biojoias no Sudeste do Pará. E tinha umas meninas que trabalhavam com escama de peixe. Eu lembro... quando eu cheguei aqui, elas até já tinham uma marca; a marca chamava “Escamando”. Eu falava: “Gente, mas esse nome não é bom”. Como era na Praia da Penha, eu sugeri, e elas aceitaram, “Sereias da Penha”, que foi um sucesso, que as colocou como uma referência da escama de peixe no Brasil.

■ *Quais são os elementos que são usados nas suas coleções agora e que vêm da Paraíba?*

Eu falo que, quando esses saberes do Brasil entraram na minha vida, entraram para não sair nunca mais. Por mais que a coleção não tenha Paraíba como tema, mas você vai encontrar alguma coisa bordada pelas meninas de Monteiro, você vai encontrar alguma coisa crochettata pelas meninas lá do Lajedo do Marinho. Eu sou um apaixonado pelo Cariri Paraibano. Aí vem uma influência do Mário [de Andrade]. O brasileiro conhece o Brasil pela borda, só pela borda, e permanece na borda. Aí ele era muito contra essa coisa do Nordeste conhecido através só do Litoral. Porque, quando você pega uma hora em linha reta aqui, aí você cai em outro universo que a maioria dos brasileiros e, pasme, dos paraibanos, não conhece. Agora também tem uma coisa com esse projeto, com esse

trabalho, que eu acho que é importante, que é da autonomia para o grupo. Por mais que tenha a minha chancela, por mais que tenha a criação de uma peça minha, por mais que eu tenha participação numa coleção, elas precisam caminhar sozinhas.

■ *A sua participação vem da criação das peças?*

A criação é minha das peças, foram desenvolvidas por mim. Nós fizemos essa oficina em novembro, mas as peças são delas. Eu não ganho nada por isso. Não é peça da minha coleção. Foi uma provocação que eu fiz. É muito importante que um crochê, que a pintura, que um trabalho de uma renda venda a cultura daquele lugar. E venda a natureza daquele lugar, como é o caso dessa coleção Lar-Jedo. Então brinquei com as meninas, fiz a provocação de peças que mimetizassem a beleza do Lajedo do Marinho, da flora local, da fauna local, dos dias de chuva, dos dias de sol, e é isso que foi o que é o resultado, é isso que as pessoas vão ver.

■ *O crochê é uma atividade manual que vem de décadas e décadas e de repente tem ganhado muito destaque na moda. Você acha que é uma tendência passageira ou algo que deve permanecer?*

Eu espero que não seja tendência, eu espero que não entre na moda. Porque na verdade você chega nas lojas de produção em série, aí do fast fashion, você vê aquele monte de crochê feito da máquina, um monte de renda feita da máquina. Então isso é péssimo quando entra na moda. Porque a menina de 15, 20 anos, ela quer o vestido de crochê mais barato, independente se isso foi feito com uma crocheteira ou não. Então é importante que a gente trate esses saberes como sinais e marcas da ancestralidade do povo brasileiro e, nesse caso, do povo nordestino. Eu falo que você consegue criar um mapa etnográfico, poético, geográfico, através dos saberes e as rendas do Nordeste brasileiro. Então, nesse mapa, a renda renascença é Pernambuco, a renda filé é Alagoas, a renda irlandesa é Sergipe, o ponto abrolhos é Bahia, a renda de bilro é cearense. Por mais que essas coisas sejam produzidas no Nordeste inteiro, existe um epicentro disso. Por isso que é importante que o crochê produzido aqui traga características desse lugar. Porque o crochê você tem no Brasil inteiro, mas qual é a diferença do crochê daqui? Então essa coisa da moda... quando eu falei: “Vai entrar na moda, vai virar tendência”... isso

é bom e isso é ruim; porque, se entrar na moda, sai. Hoje está na moda, amanhã não está mais. E eu acho que nós temos o Japão, nós temos a França, nós temos a Itália, que nos ensinam que esses saberes precisam ser valorizados e perpassados por gerações. Cada vez mais, deveria se valorizar, e eu acredito nesse lugar do feito à mão. O artesanato torna-se cada vez mais raro.

■ *Você também apresenta muito suas coleções fora do país. Como é que o pessoal recebe esse artesanato?*

A Europa valoriza muito, o Japão valoriza muito também. Aliás, acho que todos os lugares, eles ficam muito impactados com aquilo que fazemos, que é o feito à mão, que é o bordado e que é a nossa relação com cor. Por isso que é muito triste quando você vê um novo designer simplesmente querendo re-fletir algo que foi feito por eles e eles não querem saber disso mais. Existe um certo fascínio e curiosidade pelo Brasil; não é pela moda brasileira, é pelo Brasil. Então é importante que vetores e a cultura desse país reflitam esse país.

■ *Como é que você vê o apoio que é dado ao artesanato aqui na Paraíba por meio de ações governamentais como, por exemplo, o Salão do Artesanato?*

A primeira vez que eu fiz o trabalho com a renda Renascença, em 2006, mais ou menos... o Governo da Paraíba era o único no Brasil que tinha uma secretaria do artesanato, que era chamada “secretaria de artesanato”, mas nós podíamos chamar até de uma “secretaria de economia criativa”. Porque é um estado que tem uma indústria de bens de consumo incipiente, mas tem uma cultura fortíssima. Então é importante que esse estado invista na criatividade. Mas aí, como acontece com o Brasil, veio um governador que acabou com a secretaria de artesanato. Então foi esse governo atual que retomou a secretaria. Aí eu fui contratado para voltar e fazer uma nova coleção com as meninas da renda da Renascença. E eu espero que governador nenhum mexa nisso. E, aliás, só não vai mexer se o povo paraibano entender isso como valor e importância. Poucos estados no Brasil têm uma gestão pública voltada para o artesanato. E a Paraíba é um deles. A Paraíba é um exemplo, o Sebrae da Paraíba acaba sendo um exemplo para os outros estados, a gestão do governo virou um exemplo também para outros estados. Eu acho que com isso ganha a Paraíba e ganha o Brasil, principalmente.

TRAMAS ARRETADAS

Artesanato vira moda internacional

Peças das coleções paraibanas feitas por artesãs, estudantes e estilistas serão exibidas em um museu da Alemanha

Bárbara Wanderley
com Lucélia Pereira
babiwonderley@gmail.com

O diálogo entre o artesanato paraibano e a moda, que ganhou destaque, mais uma vez, no desfile Tramas Arretadas, realizado no dia 31 de janeiro, no Espaço Cultural, em João Pessoa, ocupará novas passarelas mundo afora. A coleção “Paraíba, meu amor”, de renda renascença, desenvolvida pelo designer Renato Imbroisi em parceria com rendeiras do Cariri paraibano, alcançará projeção internacional em maio, quando será exibida em um museu da cidade de Leipzig, na Alemanha.

O projeto do Tramas Arretadas partiu de uma iniciativa do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde) e do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Foram cinco coleções autorais que utilizaram a renda renascença, o bordado labirinto, o macramê e o crochê.

Na ocasião do desfile, o governador João Azevêdo destacou a projeção que a arte paraibana tem conquistado fora do país e reforçou o papel das políticas públicas de incentivo no impulsionamento do artesanato local. “Da mesma forma que a renda cresceu, eu tenho certeza que as outras tipologias vão, a partir de um evento como esse, desenvolver-se. Você imagina que, em 2019, Ronaldo Fraga foi chamado para abrir a São Paulo Fashion Week com o mesmo desfile que fez aqui”,

afirmou. Ao relembrar a trajetória recente das ações voltadas ao setor, o governador exaltou, ainda, a criação do Centro de Referência da Renda Renascença (Crença) em Monteiro e o reconhecimento da cidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como referência da renda renascença. “Quando, verdadeiramente, se faz política de incentivo, em qualquer segmento, ele dá muito certo”, cravou.

Já a primeira-dama do Estado e presidente de honra do PAP, Ana Maria Lins, ressaltou o potencial de visibilidade gerado pelo desfile e pelas coleções apresentadas. Segundo ela, a iniciativa amplia esse reconhecimento e abre novas portas para o trabalho das artesãs. “Com certeza, a partir deste desfile, elas terão muita visibilidade para receber encomendas e crescer com a sua arte”, celebrou. Também estiveram presentes no evento a segunda-dama Camila Mariz e a secretária de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), Rosália Lucas.

No campo criativo, Renato Imbroisi comemorou o sucesso da coleção, atribuindo o resultado ao trabalho das rendeiras. Segundo ele, a vitória está no fato de a coleção representar a identidade dessas mulheres e evidenciar quem produz as peças, como e de que maneira esse trabalho é realizado, algo que, para o designer, está estampado no rosto de cada uma delas. Imbroisi destacou ainda que os desenhos foram criados pelas próprias rendeiras, com a participação de seus familiares, e res-



Marielza Rodriguez, Camila Mariz, Ronaldo Fraga, Ana Maria Lins e Rosália Lucas no encerramento do desfile Tramas Arretadas

saltou a importância de que todas estejam satisfeitas, com bons resultados de venda e reconhecimento do público. De acordo com ele, esses objetivos foram alcançados, refletidos nos elogios recebidos e na força coletiva demonstrada pelas artesãs.

O designer ressaltou, ainda, que o interesse europeu pelo artesanato paraibano apresentado no Tramas Arretadas não se limita à Alemanha. Segundo ele, a participação em Leipzig representa apenas o primeiro passo desse processo de internacionalização. Além da exposição no museu alemão, há a expectativa de que a coleção siga, em 2027, para Madri e para outros museus, que vêm demonstrando novos interesses e estabelecendo contatos com o trabalho desenvolvido na Paraíba.

A gestora do PAP, Marielza Rodriguez, explicou que todos os produtos artesanais desenvolvidos no programa vão para feiras nacionais e para eventos no exterior. “Em 2025, fizemos 10 feiras fora do

estado e dois eventos em Portugal”, contou.

Outras tipologias

Além de “Paraíba, meu amor”, outras coleções também devem ter desdobramentos. É o caso da “Simplesmente Paraíba”, desenvolvida por estudantes do curso de Produção de Moda da Escola Técnica Professora Maria Cecília de Castro, da cidade de Alcantil, Cariri paraibano, em parceria com o consultor de imagem e produtor artístico Haendel Melo.

Haendel explicou que a ideia inicial da coleção surgiu a partir de uma provocação da gestora do PAP, Marielza Rodriguez, que desafiou os alunos concluintes do curso de Produção de Moda a criar uma coleção apta a ser apresentada na Semana Criativa de Tiradentes.

A proposta ganhou mais consistência com a consolidação de uma parceria com o Centro Cultural Meninos de Alcantil, que envolveu 13 jovens do programa Primeira Chance, atuando como esta-

giários em todas as etapas de organização e criação. Segundo Haendel, muitos desses participantes nunca haviam tido contato com o artesanato paraibano ou sequer conhecido uma peça artesanal, passando, a partir daí, por oficinas e formações conduzidas pela artesã Sandovânia Bertolino.

Como resultado dessa experiência de aprendizagem, foi desenvolvida uma coleção com o propósito de prestar uma homenagem à Paraíba por meio de suas tipologias artesanais. Cada vestido representa uma dessas tipologias do artesanato paraibano, compondo um desfile que se transforma em uma verdadeira celebração da identidade cultural do estado.

Para reforçar esse conceito, a cartela de cores foi inspirada nas cores da bandeira do estado, criando uma narrativa visual forte e simbólica. “Mais do que uma apresentação de moda, ‘Simplesmente Paraíba’ foi concebida como um projeto educativo e cultural de longo alcance. A proposta é que a coleção se transforme em uma exposição itinerante, circulando por museus e escolas e levando o artesanato, a moda e a criatividade como ferramentas de formação”, concluiu Haendel.

Macramê

A coleção “Arroxando Mais” foi resultado das oficinas ministradas por Ana Sudano, Carol Teixeira e Roberto Meireles para macramistas de João Pessoa, Campina Grande e Araruna. As peças desenvolvidas são fruto de um trabalho construído de forma coletiva e também individual com os artesãos.

De acordo com a professora e artesã Carol Teixeira, o processo buscou ir além da execução técnica do macramê, estimulando os participantes a sair de suas zonas de conforto. Cada artesão incorporou às criações suas vivências pessoais, a maneira como enxerga o macramê e referências da própria Paraíba, expressas em elementos como cores e formas.

Além da imersão na cultura local e no aprimoramento da técnica, o projeto também envolveu a criação e formalização da Associação dos Ma-

cramistas da Paraíba (AMPB). Carol destaca ainda que, ao adquirir artesanato, o consumidor leva consigo exclusividade, história e o tempo dedicado à produção das peças. “Isso impacta diretamente a economia local e o aspecto social, ao mesmo tempo que valoriza as técnicas tradicionais sem abrir mão da inovação”, concluiu.

Mulheres labirinteadoras

A designer Lu Azevedo explicou, em entrevista à Rádio Tabajara, como foi desenvolvido o trabalho com as mulheres labirinteadoras do município de Ingá e apresentou detalhes da coleção de bordados Jardim de Labirintos. Segundo ela, o projeto vem sendo desenvolvido há cerca de três meses no Quilombo Pedra d'Água, envolvendo a formação das mulheres labirinteadoras e a criação de novos produtos.

O desenvolvimento das peças foi concebido como um processo formativo, estruturado a partir de oficinas de costura, modelagem e montagem de acessórios, além de um processo criativo amplo, que resultou na coleção apresentada. As criações dialogam diretamente com o território das artesãs, trazendo como referência as plantas cultivadas nos jardins do quilombo.

Antônia dos Santos, que aprendeu a arte do bordado de labirintos com a mãe, falou sobre a emoção de ver suas criações ganhando visibilidade. Para ela, é motivo de extrema alegria perceber que as peças produzidas pelas artesãs chegaram a um desfile, reforçando o sentimento de valorização e pertencimento.

“Lar Jedos”

O estilista Ronaldo Fraga, cuja coleção fechou o desfile, teve a oportunidade de ministrar uma consultoria para as crocheteiras do Lajeado do Marinho, Zona Rural de Boqueirão, apresentando assim a coleção “Lar Jedos”. Em entrevista ao jornal A União, ele ressaltou que a coleção reflete a natureza daquela região, como forma de torná-la única e diferenciada em relação a outros trabalhos realizados em crochê em outras localidades.



Na capital, desfilaram coleções autorais utilizando a renda renascença, o bordado labirinto, o macramê e o crochê



ATENÇÃO E CUIDADO

Mortes por cardiopatias diminuem

Números caem 14%; infarto do miocárdio aparece como a doença mais letal, responsável por cerca de nove mil óbitos

Iris Machado
irmsmchdo@gmail.com

Nos últimos quatro anos, a Paraíba registrou uma redução de 14,3% na mortalidade por doenças cardiovasculares, de acordo com dados da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB). Em 2022, foram contabilizados 8.667 óbitos em decorrência de complicações do sistema cardíaco no estado. Já em 2025, esse número caiu para 7.429 mortes. Apesar da queda, o infarto do miocárdio permanece como a cardiopatia mais letal na região, tendo sido responsável por cerca de nove mil mortes de paraibanos ao longo do período analisado.

Como explica o cardiologista Luiz Prota, as patologias que acometem o aparelho circulatório representam a principal causa de morte no Brasil. Trata-se de enfermidades frequentemente agravadas por distúrbios silenciosos, cujo tratamento, muitas vezes, é negligenciado. Entre elas, a doença arterial coronariana — caracterizada pelo entupimento das artérias do coração — é a mais comum.

O especialista expõe que os principais fatores de risco, como hipertensão arterial, diabetes e colesterol elevado, são, em sua maioria, assintomáticos. No entanto, quando as cardiopatias já se encontram em estágio mais avançado, podem surgir sinais clínicos. “Dor no peito ou sensação de peso no tórax, especialmente durante caminhadas ou esforços físicos mais intensos, são sintomas típicos da doença coronariana. Além disso, podem ocorrer falta de ar sem causa aparente, cansaço excessivo e, eventualmente, palpitações associadas a quadros de arritmia”, detalha.

O médico ressalta que as cardiopatias estão interligadas: o descuido com uma



Foto: Divulgação/SEE

Com o objetivo de diminuir os riscos de operação, os médicos falam da importância do diagnóstico precoce e dos hábitos saudáveis

delas pode favorecer o surgimento de outras e desencadear complicações ainda mais graves. Por esse motivo, mesmo na ausência de sintomas, pessoas com histórico familiar de doenças cardiovasculares ou com fatores de risco associados devem realizar avaliações clínicas periódicas. “Se a pessoa apresenta fatores de risco já diagnosticados ou antecedentes familiares, o ideal é iniciar o acompanhamento mais cedo. Para a população em geral, recomenda-se a partir dos 35 aos 40 anos, sempre lembrando que a prevenção é melhor do que o tratamento de qualquer doença”, orienta.

Foi justamente uma dor no peito que levou o empresário José Venâncio, de 49 anos, a procurar um cardiologista em Alagoinha, no Agreste paraibano, em dezembro de 2025. Inicialmente, os exames solicitados não apontaram alterações cardíacas, o que levantou a hipótese de um quadro de ansiedade. No entanto, o incômodo persistiu com intensidade suficiente para tornar até mesmo os afazeres cotidianos difíceis de serem realizados.

José relata que os primeiros sinais surgiram de forma sutil, com um cansaço intenso no corpo, especialmente nos ombros e na mandíbula.

Com o tempo, após um esforço físico maior, passou a sentir mal-estar e dores fortes no peito, acompanhadas de uma leve dormência que se estendia pelo braço esquerdo até o dedo mindinho da mão. “Eu acordava com aquela dor insuportável que não passava e, depois de cinco a 10 minutos, tudo voltava ao normal, como se nada tivesse acontecido. Já estava acreditando que fosse ansiedade”, recorda.

Somente após buscar a avaliação de outro profissional e realizar uma angiogramia coronariana foi identificada uma obstrução na artéria principal do co-

ração. Diante do diagnóstico, José foi transferido para o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, onde se submeteu a um procedimento de cateterismo com implante de *stent* — um tubo utilizado para dilatar vasos sanguíneos comprometidos.

Depois do tratamento, a rotina do empresário passou por mudanças significativas. “Agora mudou tudo. Procurei uma nutricionista para ajustar a alimentação e o médico me orientou a levar uma vida mais suave, mais leve. Já fui liberado para atividades físicas, que sempre pratiquei. Estou me sentindo ótimo e



Foto: Arquivo pessoal

Dor no peito, especialmente durante caminhadas, são sintomas típicos da doença coronariana

Luiz Prota

Criado em 2023, Coração Paraibano completará três anos salvando vidas

Diante do cenário epidemiológico no que diz respeito a doenças cardíacas na Paraíba, foi instituído, desde 2023, o programa Coração Paraibano, voltado ao atendimento de pacientes com sintomas de síndrome coronária aguda (SCA). Com equipes em plantão 24 horas por dia, a iniciativa oferece serviços de cirurgia cardiovascular, hemodinâmica e internação especializada em todo o estado. A rede conta com dois Centros Especializados, localizados em Campina Grande e Patos, além de 12 Centros de Referência distribuídos nas unidades regionais e nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), incluindo ainda o Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires.

Segundo o cardiologista e coordenador da rede, Ivson Braga, a principal contribuição do programa está na qualificação da assistência por meio das estratégias de regionalização, interiorização e universalização do atendimento. “Isso envolve



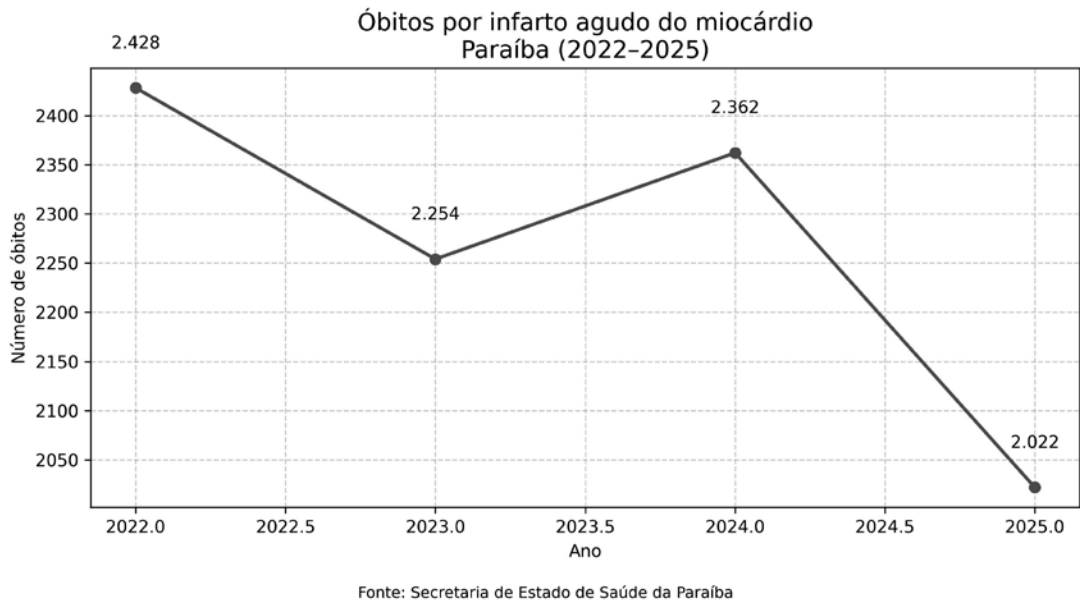
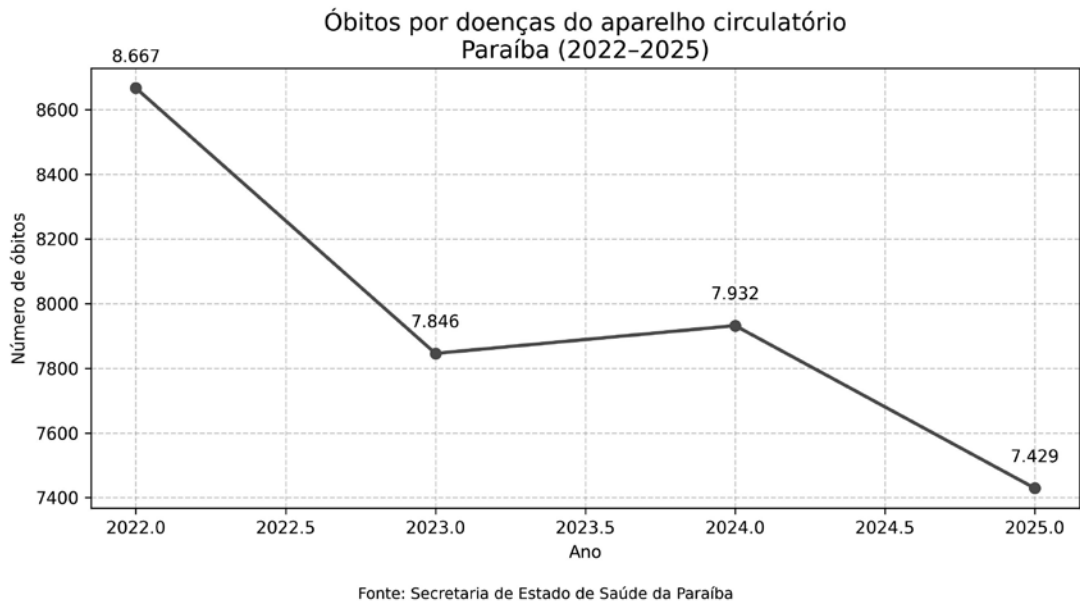
Foto: Divulgação/SEE

Programa disponibiliza avião para transporte de enfermos

a criação de serviços de alta complexidade no Sertão e em áreas distantes, que antes não existiam, além da implantação da telemedicina, que agiliza o diagnóstico, e da trombólise precoce, quando indicada. O atendimento começa nas unidades de saúde, onde o objetivo é realizar um eletrocardiograma nos primeiros 10 minutos”, explica.

A iniciativa funciona de forma hierarquizada e é regulada pelo Complexo Estadual de Regulação Hospitalar (Cerh). Para garantir a

agilidade no atendimento, o programa dispõe de uma estrutura de resgate composta por 62 ambulâncias, que atendem desde João Pessoa até Cajazeiras, além de duas aeronaves utilizadas nos casos em que o deslocamento terrestre ultrapassaria 120 minutos. Os resultados já são expressivos: nos últimos três anos, o Coração Paraibano impactou 34.879 vidas por meio de triagens, telemedicina e atendimentos de urgência. Somente em 2025, mais de 13 mil pessoas receberam assistência pelo programa.



CRIMES CIBERNÉTICOS

PF combate abuso sexual de menores

Por meio de delegacia especializada, órgão federal cumpriu, em um ano, 56 mandados em 46 ações no estado

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Enquanto navegam pela internet, crianças e adolescentes podem estabelecer contato com uma série de pessoas diferentes, por meio de jogos, redes sociais e comunidades de usuários que dividem os mesmos interesses que elas. E, se, por um lado, esses espaços parecem repletos de semelhantes, permitindo conectar-se e fazer amigos, por outro, também são capazes de esconder criminosos, que agem como iguais para ganhar a confiança das vítimas e, disfarçando sua verdadeira identidade por trás de perfis fakes, cometer violações. Somente na Paraíba, de janeiro do ano passado até o último dia 23, a Polícia Federal (PF) realizou, por meio da Delegacia Especializada na Repressão a Crimes Cibernéticos (Deleciber), 46 ações para combater transgressões virtuais relacionadas ao abuso sexual infantojuvenil.

Ao todo, dentro desse período, foram cumpridos 56 mandados de busca e apreensão, sete prisões em flagrante, uma prisão temporária e 45 indiciamentos em inquéritos policiais. Segundo a PF, o índice de solução desses crimes chegou, no intervalo referido, a 87%. As diligências fazem parte de uma estratégia contínua de repressão, que inclui iniciativas como a Operação Kori e a Operação Discovery. Apesar dos nomes diferentes, ambas integram o mesmo esforço institucional, sendo que sua distinção está menos no foco e mais na abrangência: enquanto a Kori é conduzida, principalmente, por delegacias do interior do estado, a Discovery tem caráter nacional.

Conforme o delegado federal Joziel Brito, embora muitos considerem o ciberespaço como um território



Foto: Divulgação/PF

Iniciativas como as operações Kori e Discovery integram uma estratégia contínua de repressão ao armazenamento e à distribuição de arquivos digitais de conteúdo ilegal

Parcerias

A instituição conta com a colaboração de autoridades e entidades internacionais, como a polícia da Turquia e a ONG NCMEC, para rastrear e investigar suspeitos

onde é possível manter-se anônimo e, portanto, estabelecer redes invisíveis de criminalidade, todo delito deixa um rastro, e a presença da PF é marcante, também, no mundo digital. “Existem

técnicas especiais de investigação, que fazem com que a polícia chegue até esses criminosos. Em uma escala global, crimes virtuais vêm se intensificando, ficando mais graves, como vimos com os deepfakes sexuais. Mas, na mesma proporção, as polícias estão se especializando para reprimir esse tipo de conduta hedionda, que faz tanto mal para as nossas crianças e adolescentes”, explica.

Rede conectada

Um dos pilares desse trabalho, que permite que criminosos em qualquer lugar do mundo sejam rastreados, é a cooperação internacional entre órgãos de Segurança. O Brasil é signatário de tratados que possibilitam a troca contínua de informa-

ções entre autoridades de diferentes países, por meio de um canal permanente, operado 24 horas por dia. Foi assim que, no dia 20 de janeiro, informações repassadas pela polícia da Turquia levaram à identificação e à prisão em flagrante de um investigado em Guarabira, no Brejo paraibano. “Além desse canal, outro grande ponto de contato é o das informações que vêm diretamente dos Estados Unidos”, revela Joziel.

“Empresas de tecnologia — como a Google e todas as big techs —, por lei, precisam informar a uma ONG sempre que identificarem imagens de crianças e adolescentes em contextos de risco. Essa organização, por sua vez, monta um relatório com essa massa de dados e encaminha para

a PF”. A ONG em questão é a NCMEC, sigla para National Center for Missing and Exploited Children — ou, em português, Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas. Fundada em 1984, ela funciona como uma entidade privada de interesse público, que também atua no combate à exploração sexual infantil e na prevenção da vitimização de crianças.

Ao receber as imagens suspeitas envolvendo menores de idade, a PF utiliza tecnologia própria — um sistema chamado “Rapina”, que “caça” informações relevantes — para identificar condutas criminosas em meio aos arquivos digitais, os quais incluem desde figurinhas de WhatsApp com crianças fazendo palavras até cenas de

abuso sexual. “A partir daí, a PF tem contato com linhas investigativas que levam a criminosos em qualquer lugar do Brasil”, relata Joziel. “Identificamos a pessoa que estaria praticando aquela conduta e o local onde ela mora e pedimos ao Judiciário, com a supervisão de um promotor do Ministério Público, um mandado para investigar melhor o caso e fazer buscas no dispositivo vinculado ao material indevido”. De acordo com o delegado, mesmo quando o investigado tenta dissimular suas atividades, apagando históricos de navegação e conteúdos de seu computador ou celular, o trabalho da perícia é capaz de recuperá-los e revelar as informações necessárias para constatar atos ilícitos.

Pais e responsáveis devem adotar cuidados de prevenção e acolhimento

Além das ações de repressão, a PF atua para prevenir esse tipo de crime. Mediante o projeto Guardiões da Infância, agentes capacitados realizam palestras, adaptando-as



Foto: Evandro Pereira

A pessoa começa consumindo e passa a produzir e vender esses conteúdos. É uma evolução perversa

Joziel Brito

para falar com pais, professores ou crianças, a fim de instruí-los quanto aos riscos de estar na internet, formas de se proteger e canais de denúncia. A PF orienta que os pais supervisionem o uso das redes por parte dos filhos, limitem a exposição de imagens dos menores e mantenham com eles uma relação de lealdade, confiança e acolhimento para abordar o tema.

“Hoje em dia, temos um problema muito sério com os deepfakes, imagens feitas com inteligência artificial. Mesmo a foto de alguém inteiramente coberto pode ser alterada e sexualizada”, alerta Joziel Brito. “As leis já estão se adaptando a essa realidade, mas é preciso que os pais prestem muita atenção, protejam os filhos e denunciem, se perceberem algo errado”.

Apesar de identificar uma tendência comum de progressão na atuação de criminosos que armazenam e compartilham materiais de abuso, o delegado afirma que não é possível identificar

um perfil específico entre os investigados: “A pessoa começa consumindo, adquire confiança e passa a produzir e vender esses conteúdos. É uma evolução perversa, mas essa pessoa, aparentemente, é alguém ‘comum’”. Por isso, é tão importante estar atento aos menores: mudanças bruscas de comportamento, isolamento, medo de usar o celular perto de adultos, exclusão social, tentativas constantes de apagar históricos de navegação ou de esconder dispositivos são alguns dos sinais de alerta.

Delegado federal aponta que não é possível identificar um perfil específico que caracterize os investigados

Penas podem somar até 30 anos de prisão para os condenados

No Brasil, os Artigos 240 e 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determinam as punições para quem produz, publica ou armazena conteúdos que adultizam ou exploram sexualmente o público infantojuvenil. A penalidade varia de acordo com a conduta: o Artigo 241-B, por exemplo, versa que “adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente” resulta no pagamento de uma multa e pena de um a quatro anos de prisão, enquanto o Artigo 241-D determina que “aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso” resulta em multa e reclusão de um a três anos.

“A gente pode pensar que a pena é pequena, mas esses números são para condutas isoladas, e esses criminosos nunca atuam de forma isola-

da. Eles sempre praticam mais de um crime, mais de uma vez”, esclarece Joziel Brito. Ao imputar a punição, somam-se todas as condutas praticadas, mais o número de vezes em que cada uma delas foi identificada. “A lei procura tornar as penas o mais severas possíveis para cada um desses casos. Se um indivíduo armazenou, trocou conteúdos, integra uma organização, a gente considera tudo. Nisso, podemos conseguir cerca de 30 anos de condenação”.

Segundo o delegado, para os agentes envolvidos no combate diário desse tipo de crime, transformar indignação em método é parte do esforço para garantir que a violência não fique impune e que os menores de idade tenham seus direitos preservados. “É um crime revoltante e seria mentira dizer que não nos abala, saber que esse tipo de coisa acontece. Mas o fim, para esse tipo de cidadão criminoso, é rigoroso. Dedicamos toda a nossa energia ao trabalho de levar o culpado à

Justiça”, ressalta. “A exposição, a sexualização precoce dos nossos jovens, é algo que tem de ser reprimido. Nosso trabalho, nesse sentido, é proteger pessoas vulneráveis, que sequer sabem o que está acontecendo ao certo. É importante que a sociedade colabore nesse sentido”.

Para denunciar casos do tipo, pode-se recorrer aos canais de atendimento e plataformas on-line da PF, como o Comunica PF, além das delegacias de Polícia Civil. O Disque 181 e a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, via Disque 100, também são meios seguros para registros anônimos.



Acesse o Comunica PF por meio do QR Code

FESTEJO E REVERÊNCIA

Cortejo exalta raízes afro-brasileiras

Bloco criado por artista desfila hoje, no Centro da capital, difundindo mensagem de paz, liberdade e diversidade

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com



Há 16 anos, desfila pelas ruas do Centro Histórico de João Pessoa o Cortejo de Oxalá, que traz aos festejos carnavalescos locais uma manifestação das ancestralidades afro-brasileiras. Integrando a programação oficial do Folia de Rua desde o ano passado, o bloco sai às ruas, hoje, para sua edição neste ano. O cortejo partirá do Ponto Cultural e Ateliê Multicultural Elioenai Gomes, que fica na Rua da Areia, nº 155, para um percurso de estandartes, música e cultura.

“Vista-se de branco, traga seu instrumento e venha celebrar uma cultura de paz entre todos”. A frase, lema do bloco, sintetiza sua dinâmica: passear pelas ruas e preenchê-las com alegria, diversidade e liberdade.

A programação começa durante a tarde, em frente à sede do ateliê. Às 19h, o grupo reunido sai em cortejo, passando pela Praça Antenor Navarro e pelas ruas Padre Pereira, Henrique Siqueira,

“**A proposta é acolher as afro-identidades, celebrando tradições da cultura negra e a beleza afro**

Elioenai Gomes

Cândido Pessoa e João Suasuna, além do Hotel Globo, antes de retornar até o ponto de partida, com previsão de encerramento às 22h.

Idealizador do bloco, o multiartista e gestor cultural Elioenai Gomes explica que o Cortejo de Oxalá é embalado pelos cantos ancestrais da cultura iorubá, com afoxés, ijexás e muita percussão. “Os tambores são os mais antigos instrumentos e estão em diversas culturas. A proposta é acolher as afroidentidades, celebrando tradições da cultura negra e a beleza afro, com vestimentas brancas, turbantes, adornos e adereços. Preparamos os

estandartes do bloco e adereços para decorar a rua e a própria sede. Teremos um palco e toda uma infraestrutura para apresentar nossa programação afrocultural”.

Elioenai relata que tudo começou com a criação de um grupo de danças e ritmos afro-indígenas, chamado Grupo Raízes, que estimulou a articulação de um arranjo criativo mais amplo, para promover a integração com outros grupos e organizações. “Criei o Baile Afro e, com o sucesso dele, vimos que, além de agregar a negritude, poderíamos avançar com algumas outras pautas, e era preciso ir às ruas. Então foi criado o Cortejo de Oxalá e, depois, surgiu o Auto dos Orixás, que traz enfrentamento ao racismo através da arte, no Dia da Consciência Negra”.

Nas palavras de Elioenai, o Cortejo de Oxalá surgiu da necessidade de se levantar uma bandeira de paz entre todos, no Centro Histórico. “Trata-se de um território que é, de certa forma, invisibilizado, o qual nós queríamos tornar um espaço de celebração e, ao mesmo tempo, realizar o enfrentamento ao

racismo ambiental, estrutural, pessoal e afrorreligioso. O objetivo maior é fortalecer as identidades afro, desconstruir o preconceito e, principalmente, levar alegria às ruas de um território que foi construído por mãos escravizadas. Essa é uma forma de celebrarmos os nossos ancestrais. Em um período de celebração da carne, nós celebramos também a essência”.

Uma das atrações do bloco é o grupo Tambores da Lua.

Criado em 2005, como projeto de extensão na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o grupo toca samba, coco, ciranda, maracatu e frevo. Um de seus integrantes mais antigos é José Braga Xavier, o qual conta que, com foco na percussão, o Tambores funciona como uma oficina aberta e permanente. “Somos um grupo de pessoas que se juntam por prazer. A ideia é praticar mesmo, tentar trazer pessoas diferentes para ajudar

e, juntos, aprender percussão. Com isso, a gente leva os ritmos regionais adiante, até diferentes lugares”.

Para ele, o bloco é um espaço pacífico e de respeito à diversidade. “Sinto que é um momento em que pessoas que são invisibilizadas, que passam pela discriminação e pelo preconceito na sociedade, podem se encontrar e ter essa vivência. Acho muito interessante, gosto da diversidade do ambiente”.



Foto: Carlos Rodrigo

O gestor cultural Elioenai Gomes destaca a representatividade do Cortejo de Oxalá

Educadora ligada à conscientização étnico-racial será homenageada

O bloco também costuma promover, anualmente, homenagens a pessoas que participam, de diferentes maneiras, da construção de uma visão de mundo antirracista e do ativismo em prol do população negra e dos povos originários — especialmente no cenário local.

Neste ano, com direito a estandarte personalizado, o cortejo homenageia a coordenadora pedagógica, artista e ativista Gilvane Carvalho. Graduada em História pela UFPB, Tutu — como é conhecida — é uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado na Paraíba, além de fazer parte do Movimento de Mulheres Negras da Paraíba. Há 10 anos, ela desenvolve

o projeto Por uma Infância e Escola Sem Racismo, tanto na Escola Sempre-Viva como no Ateliê Multicultural Elioenai Gomes, locais onde trabalha como coordenadora pedagógica.

“Tornei-me artista autodidata por vivências e experiências, desenvolvi contações de histórias e vivências usando a arte como ferramenta”. Em sua trajetória profissional, a homenageada ainda promoveu a conscientização de questões étnico-raciais em seminário, encontros de mulheres negras e escolas públicas e privadas, por meio do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem).

Há, aproximadamente, 40 anos, Tutu tem realizado performances em teatro e

dança de ritmos afro e, desde 2010, participa do Auto dos Orixás como bailarina e atriz, explorando também a arte quando desfila com o bloco. “Participo dançando livremente ou, no momento em que o bailarino e estilista Maurício Germano cria uma corte para puxar o cortejo, cantando com o Coral Orikis. Dessa forma, o Auto dos Orixás e o Cortejo de Oxalá são propostas educativas que forçaram, ao longo dos anos, a cidade a reconhecer um produto afro potente e pulsante, quando ainda não existia referência nesse nível de proposta”.

“Sinto-me feliz e honrada pela homenagem, em vida, proposta pelo grande artista e ativista Eioenai Gomes”, conclui Tutu.

MARKETING EPC

PRÊMIO
R\$ 7.000,00

VIII CONCURSO DE
ARTE GRAFITE
EM MURO

HOMENAGEM
A LUIZ PIAUACHO

INSCRIÇÕES ATÉ 09/02

POR MEIO DO ENDEREÇO ELETRÔNICO
(E-MAIL): CPL@EPC.PB.GOV.BR

SAIBA MAIS:

Ministério da cultura, apresenta:

13/02
20H

HOMENAGEM
ÀS MURIÇOCAS
DO MIRAMAR
40 ANOS

CA
FU
CU

NO CARNAVAL

apoio:
CODATA PBGAS TH+ nova orixás TH+PORT L SECRETARIA DE ESTADO GOVERNO DA PARAIBA

patrocínio:
FUNJOPE JOÃO PESSOA TEM CARNAVAL Banco do Nordeste

realização:
amora MINISTÉRIO DA CULTURA GOVERNO DO BRASIL

Foto: Divulgação

MÚSICA

O quarteto entrou em estúdio em 2010 para gravar o disco e o lançou dois anos depois

De volta ao começo

Relançamento em vinil do primeiro disco de Seu Pereira e Coletivo 401 mostra a aurora da popular banda

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O primeiro registro fonográfico de uma banda costuma guardar marcas que o tempo se encarrega de, muitas das vezes, sedimentar. Em outras, quando a qualidade é notória e o resultado surpreende, o tempo entende como necessário o ressignificar da experiência. Gravado com base em memórias da primeira década do século 21 e lançado originalmente em 2012, o álbum *Seu Pereira e Coletivo 401* volta, agora, ao circuito cultural em nova materialidade: o vinil. O relançamento do disco inaugural da banda Seu Pereira e Coletivo 401, pela gravadora paraibana Taioba Music, chega para reposicionar um trabalho concebido como experimento, reinscrevendo-o no debate em torno da música produzida na Paraíba dos últimos anos. A edição em LP, prensado em 180g amarelo marmorizado, está disponível para compra no [site taiobadiscos.com.br](http://site.taiobadiscos.com.br).

O trabalho, gravado no Estúdio Peixe Boi com produção de Marcelo Macedo e Chico Correa, começou a ser gestado muito antes de sua gravação. De acordo com Seu Pereira, compositor e vocalista da banda, o projeto musical existe desde 2001, quando algumas das canções que integrariam o disco já estavam em circulação embrionária.

O percurso até o lançamento, porém, não foi linear, dado o hiato no meio do caminho, ocasião em que o músico precisou se afastar temporariamente da cena — mudou-se para Campina Grande e passou a compor novas canções, a exemplo de “Já era”, grande *hit* do álbum de estreia.

Esse intervalo acabou sendo decisivo para a identidade do trabalho, composto por canções criadas durante a primeira década dos anos 2000 que refletem referências e acontecimentos daquele período.

do. “Tem até um texto no disco em que eu falo sobre isso, que é um recorte da primeira década do século 21, dos anos 2000”, diz Seu Pereira. “São muitas referências. Em ‘Guerrilheiro’ eu falo sobre a história do homem-bomba, quando teve o 11 de setembro de 2001. Falo na música que ‘o homem-bomba veio me abraçar’, porque tava muito em voga isso e tantas outras questões”.

“Cabidela”, décima faixa, é outro exemplo, versando sobre questões sociais associadas à fome no Brasil, abordadas a partir de uma reportagem que o compositor assistiu àquela época. Para Seu Pereira, tais referências surgiram de maneira orgânica no processo de criação, sem um plano temático previamente definido — o álbum contou, ainda, com a participação especial de Russo Passapusso (antes do Baiana System) na música “Clara herança”.

Um disco ousado

Quando o grupo entrou em estúdio, em 2010, para gravar o material que seria lançado dois anos depois, *Seu Pereira e Coletivo 401* passou a representar não apenas um conjunto de canções, mas também o início de uma atuação mais estruturada da banda no campo profissional da música — o traba-

lho firmou repertório reunindo influências diversas, muitas delas associadas à formação cultural e musical do compositor.

Entre essas referências, aparecem elementos da tradição nordestina, perceptíveis já na faixa de abertura, “Papai e mamãe”, que incorpora estruturas rítmicas e poéticas ligadas à cantoria. “Assim como ‘Martelada’ também, com a questão do eu lírico de um bêbado decadente, mas com a métrica bem da cantoria de viola, uma décima, um martelo. Por isso que chamo de martelada, ou martelo agalopado”, pontua Seu Pereira, lembrando da junção com o samba-funk em canções compostas na casa de seus 20 anos, como é o caso de “Batalha diária”.

A ausência de um planejamento estético rígido contribuiu para que o álbum fosse percebido, pelo próprio grupo, como um esforço de ousadia. Para o compositor, essa característica está relacionada ao fato de o disco apresentar, pela primeira vez, a identidade do projeto ao público, sem concessões ou cálculos sobre recepção.

“Foi se revelando, porque eu sempre falo que, quando eu componho, eu não penso se a canção que eu tô fazendo vai fazer sucesso. Componho com as referências

que eu tenho, claro, mas uma canção que eu goste. Eu só mostro para o mundo o que eu gosto, e aí, graças a Deus, não apenas eu gosto, mas o público também gosta, e isso mostra que a gente conseguiu dialogar com o público; o público conseguiu se identificar com as mensagens”, explica.

A resposta pública, aliás, revelou aspectos inesperados frente ao álbum. Canções extensas, sem refrão, como “Já era”, passaram a ser cantadas integralmente pelas plateias, algo que o compositor afirma não ter previsto.

Para além da dimensão musical, o disco também se destacou visualmente desde seu lançamento original. A capa do álbum foi assinada pelo paraibano Mike Deodato, desenhista com notável carreira internacional nos quadrinhos, em colaboração viabilizada por uma relação familiar — Deodato é cunhado de Seu Pereira —, o que permitiu ao grupo contar, já em seu primeiro disco, com uma assinatura gráfica de destaque, sem que isso representasse um custo financeiro inviável para a banda naquele momento inicial.

(Re)descoberta

O relançamento em LP surge, agora, como uma oportuni-

dade de muitos redescobrirem (ou até mesmo descobrirem), o álbum. “Acho que quando veio o *Eu Não Sou Boa Influência pra Você* [o álbum seguinte, de 2017] eu lembro que muita gente comentava: ‘Ah, sou mais o primeiro disco, eu gosto mais do primeiro’, demoraram a abraçar o segundo. Mas quando abraçou, abraçou de uma forma que o primeiro ficou meio ali, no lugar de primeiro disco, um pouco escondido”, comenta o cantor, fundamentado nos números de audições dos *streamings*.

Para Seu Pereira, a nova edição em vinil pode estimular um retorno a esse material, especialmente por parte de ouvintes mais jovens, cujo contato com a banda ocorreu a partir de lançamentos recentes, como o terceiro álbum *Obsoleto* (2025). A expectativa é que o formato físico, associado à campanha de relançamento, provoque a curiosidade e incentive uma escuta mais atenta do disco de estreia.

A banda também planeja ações de circulação associadas ao relançamento. A ideia é realizar apresentações dedicadas exclusivamente ao repertório de *Seu Pereira e Coletivo 401* em *shows* de menor porte, possivelmente com mais de uma sessão por noite. Esses concertos teriam também a função prática de viabilizar a venda direta dos discos em vinil, além de reforçar a presença do álbum no circuito ao vivo.

“Ali é a nossa apresentação. É minha apresentação como compositor e a apresentação da banda como um projeto musical duradouro. Tem canções que se não cantar no *show*, a galera fica chateada. Eu brinco que quero estar com os caras, tudo com 70 anos, com o coletivo ali. Não tá muito longe, não”, brinca Seu Pereira, lembrando o lugar de carinho reservado ao primogênito sonoro.

Foto: Divulgação/Taioba



Ausência de um planejamento estético rígido: disco foi um esforço de ousadia

Foto: Divulgação



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A virada autoritária das Testemunhas de Jeová

Joseph Franklin Rutherford foi o responsável por uma mudança radical na história da organização das Testemunhas de Jeová. Na época em que assumiu o comando ainda se chamavam Estudantes da Bíblia. Sucedeu a Charles Taze Russell, fundador da religião, após a sua morte em 1917. Contam que foi um advogado rígido, de personalidade forte e autoritária, de pele branca, alto, voz rouca e, desde sempre, envolvido em polêmicas. Segundo James Penton, autor do livro *Apocalypse Adiado – A História das Testemunhas de Jeová*, era um sujeito demasiadamente enérgico. Autocrático com os amigos e inexorável com os adversários. Seu temperamento, de tal modo irascível, não surpreenderia ninguém se chegasse ao confronto físico por alguma questiúncula teológica.

Como poderíamos esperar, não teve uma vida pública irrepreensível. Talvez seja o mais manifestamente “improbo” dos líderes da igreja. Durante o período em que esteve à frente da organização, viveu em condições nababescas e protagonizou escândalos. Partiu dele a ideia de construir uma mansão com dinheiro da igreja, para supostamente abrigar os antigos patriarcas bíblicos: Jacó, Abraão e Moisés que, segundo ele, ressuscitariam em 1925. Não aconteceu, como é sabido, mas isso não impediu que vivesse o resto da vida no conforto daquela bela casa. Na década de 1920, protagonizou intensa campanha religiosa ao afirmar que milhões de pessoas que viviam naquela época jamais morreriam.

A transição de poder não foi nada tranquila. As disputas internas foram encarniçadas e os Estudantes da Bíblia sofreram duras perseguições, a partir da entrada dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Rutherford chegou a ser preso, em 1919, com

outros membros da igreja sob a acusação de incentivar a deserção militar. O episódio foi o momento do ápice de instabilidade de seu poder. Isso não impediu que fosse reeleito na prisão. Rutherford questionou as orientações que Russell deixou a respeito da sucessão. A disputa seria resolvida através de eleição. Antes de morrer, Russell havia escrito um testamento que determinava a composição de uma comissão editorial responsável por administrar as produções da Sociedade Torre de Vigia — entidade responsável, entre outras coisas, pelas publicações das Testemunhas de Jeová. O testamento não foi respeitado por Rutherford e seus asceclas que criaram uma comissão paralela que sairia vitoriosa na eleição.

Como se não bastasse, empreendeu uma política de perseguição e expurgos de seus opositores que resultou num grande cisma. Progressivamente aumentou o sectarismo da organização e suprimiu, um por um, seus mais destacados elementos democráticos, estabelecendo uma espécie de teocracia. Os anciões congregacionais perderam a autonomia e deixaram de ser eleitos, passando a ser escolhidos diretamente pela Sociedade Torre de Vigia. Houve uma época em que eles podiam discordar de alguns ensinamentos e, se desejassem, podiam também abrir novas eclesias filiadas aos Estudantes da Bíblia, sem que isso resultasse em expulsão da organização.

Rutherford tinha posições ambíguas em relação a negros e judeus, era, às vezes, racista; às vezes, tolerante, e não disfarçava uma certa misoginia. Penton não deixou de observar a sua aversão às feministas e a maneira rude e fria como tratava a sua esposa. Chegou a defender publica-

mente que os homens não devem se “rebaixar” fazendo qualquer ato de consideração às mulheres, como tirar o chapéu na presença delas. Dizia que o Dia das Mães era um artifício caviloso inventado por feministas endemoniadas.

Os casos de racismo contra negros são anteriores à época de Rutherford. Charles Russell, no passado, viu na cor negra sinais de corrupção e corroborou a ideologia da superioridade intelectual caucasiana em artigos que escreveu. Na revista *A Sentinela*, de 15 de junho de 1905, colocou dúvidas na negritude de Cam e Canaã, exaltando uma suposta superioridade branca. Acreditava que os negros que lograssem a salvação acabariam livres do flagelo da cor e tornariam-se brancos.

A vitória de Rutherford significou o estabelecimento de um governo teocrático, centralizado e autoritário. Esse novo sistema administrativo criou os congressos de zonas — que compreendia um conjunto de congregações — como forma de exercer um controle maior sobre o “rebanho”. Na visão de Penton – a qual endosso — esse sistema criou uma hierarquia, guardadas as proporções, semelhante à da Igreja Católica. Com a distribuição de poder entre servos tal qual entre acerbispos, bispos e padres.

Na medida em que o tempo passava, as pessoas de mentalidade mais livre foram adandonando a organização. Tornaram-se raras no fim da década de 1930. Qualquer discordância é, desde então, suprimida e os opositores “estigmatizados como semeadores de apostasia são expulsos. A tendência foi o surgimento de um massa homogeneia de seguidores, extremamente fiel e crédula. A autoridade central tornou-se inquestionável.

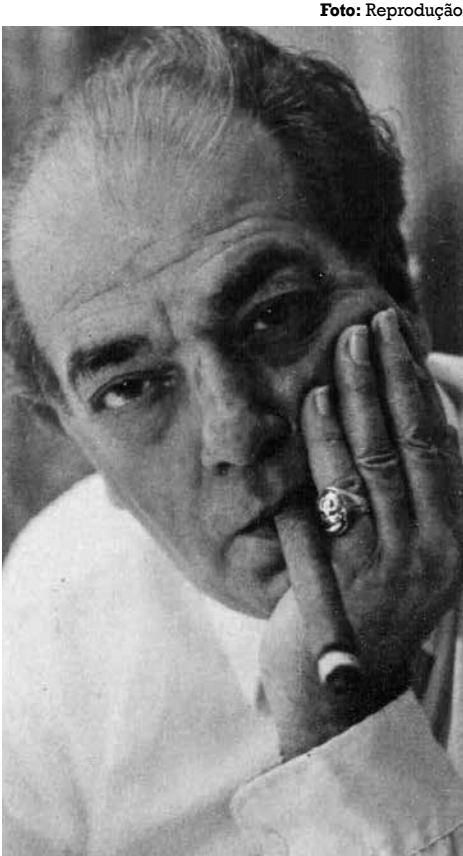
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Alma sonora em Villa-Lobos

Heitor Villa-Lobos (1887-1959) é reconhecido como um dos responsáveis pela consolidação de uma linguagem musical nacionalista no Brasil. Sua obra representa uma síntese entre as tradições eruditas europeias e os elementos do folclore, da música popular urbana e das manifestações culturais indígenas e afrobrasileiras. Ao incorporar essas matrizes em um discurso musical inovador, ele contribuiu para a afirmação de uma identidade musical brasileira e para o sentimento de pertencimento no cenário internacional.

O nacionalismo musical de Villa-Lobos manifesta-se como um projeto estético fundamentado na ancestralidade das culturas regionais e no imaginário sonoro brasileiro. Desde sua juventude, o compositor demonstrava interesse pelas musicalidades populares, convivia com chorões, seresteiros e músicos autodidatas, no Rio de Janeiro. Essas experiências influenciavam sua linguagem composicional, permitiam-lhe assimilar ritmos, modos, inflexões melódicas e procedimentos harmônicos característicos da música dançante espontânea, como o maxixe e a modinha. Ele também incorporava em suas obras, de maneira sistemática, o folclore rural e a musicalidade indígena. O compositor buscava expressar musicalmente o que considerava a “alma sonora” do Brasil. Por exemplo, as *Canções Típicas Brasileiras* (1919) representam essa alma nacional por meio de arranjos para voz e piano que exploram cantos indígenas. Nesse conjunto, destacam-se *Nozani-Ná* (1919) e as toadas caipiras presentes em *Viola Quebrada* (1926). Essas obras transmitem a diversidade cultural brasileira e, juntamente com *Xangô* (1919), revelam o interesse do compositor em registrar e reelaborar cantigas populares, nas quais preservam seus contornos melódicos essenciais, ao mesmo tempo em que as insere em uma escrita harmônica sofisticada. De modo semelhante, obras como *Uirapuru* e *Amazonas*, ambas de 1917, relembram o universo mítico e sonoro da



Heitor Villa-Lobos: nacionalismo musical

floresta amazônica, por meio de recursos orquestrais inovadores para sugerir paisagens naturais, sons de pássaros e rituais indígenas. Um dos aspectos mais originais de sua contribuição ao nacionalismo musical está na forma como Villa-Lobos integrou esses elementos folclóricos a estruturas herdadas da tradição erudita europeia.

A série dos *Choros*, escrita de 1924 a 1929, constitui um exemplo dessa síntese do gênero popular brasileiro — não como forma fixa, mas como conceito estético —, nos quais explora sua liberdade rítmica, sua espontaneidade e seu caráter de improvisação. Ao expandir essas características em formações instrumentais variadas e em larga escala formal, Villa-Lobos cria uma linguagem que é simultaneamente nacional e universal. Outro conjunto de obras fundamentais para compreender sua contribuição ao nacionalismo são as “Bachianas brasileiras”, compostas de 1930

a 1945. Nessa série, ele estabelece uma fusão entre a música barroca do alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750) e os elementos da música brasileira. O compositor via Bach como umanorma universal da música, capaz de se fundir com qualquer tradição cultural. Assim, ao unir procedimentos contrapontísticos bachianos a melodias modais, ritmos sincopados e gestos expressivos da música brasileira, Villa-Lobos constrói uma estética que afirma o Brasil como parte integrante da tradição musical ocidental, ele mantém, ao mesmo tempo, sua própria diversidade cultural. Para além da composição, Villa-Lobos defendia o folclore brasileiro por meio de sua atuação pedagógica e institucional. À frente do projeto de educação musical, durante o governo de Getúlio Vargas (1882-1954), o compositor promovia o canto orfeônico como ferramenta de formação cívica e cultural. Nesse processo, o folclore foi utilizado como elemento fundamental para fortalecer o sentimento de identidade nacional entre crianças e jovens, o qual reforçava a ideia de que a música brasileira deve estar enraizada na ancestralidade, bem como em suas tradições populares.

As contribuições de Heitor Villa-Lobos para o nacionalismo e o folclore brasileiros são multidisciplinares. Sua obra não apenas incorporou elementos da cultura popular e tradicional, mas os reinterpreto dentro de uma linguagem musical inovadora. Ao fazê-lo, ele projeta o Brasil no cenário internacional, no qual demonstra que a diversidade nacional constrói uma forma de universalidade estética.

Sinta-se convidado à audição do 555º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 8 das 22h às 0h.Para quem está emJoãoPessoa(PB),asintoniaie na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em https://radio-tabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei algumas obras de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) que tratam da alma sonora do Brasil.

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

O Carnaval dos sonhos

Descansadão. Vamos começar por aqui? Suaavidade que maltrata a quem vive na ferradura. O Brasil desopila, na voz do artista gaúcho Deluse, que joga pedra no “Descansadão”, nome do *single* de seu novo disco *Pimenta*, que sairá em março, quando, enfim, no dos outros não é mais refresco. Onde andarás o enfezado?

A Geni do Chico teve um troço, depois de brigar com uma das raparigas, que ele deixou na Ilha do Bispo. Se o Pelé disse love, love, love, eu não sei escrever sobre a laranja inteira, sem a outra banda, a laranja que não é mais mecânica, porque o algoritmo sinalizou Carnaval.

O Brasil é o país do Carnaval, uma caipirinha de coco, mas falta Dramin e Rivotril nas farmácias — a moçada, deixada para trás por Anchieta Maia, bate os tambores de Ogum, para não largar o esternocleidomastóideo dos pais — mas ainda não é o fim, tem o quadrado da hipotenusa que é igual à soma dos quadrados dos catetos.

Ninguém fez melhor que o artista Deluse. Ah! Você não conhece? Ele foi no ponto G do bagaço, o caroço e o suprasumo da linguagem mortífera. É melhor sumir, né?

Olha ali o cachorro Orelha (que vai virar lei), morto por adolescentes endiabrados, um magote de vagabundos. Em cada foto do cão Orelha há uma pergunta: foi para isso que vocês inventaram a civilização?

Um grupo chega de busão, dá boa noite e vai plantar pacovan em Bananeiras. Haja curtição. Ué, levaram o Maduro para a lua? Ou mandaram para a tonga da mironga do kabulete? Ah! Ia esquecendo: Wagner Moura e Kleber Mendonça viraram bonecos de Olinda.

O Brasil não vive em paz. O cara sai de casa e não se sabe se volta. Na calçada da minha casa, jovens fumam maconha e me chama de tio. Na rua, matam os cães, em casa matam as mulheres e não são sequer um produto civilizatório.

Na ladeira da Avenida Beira Rio, homens idosos de *topless* jogam porrinha e dão gargalhadas com o Felipe Medeiros, blogueiro paraibano, que vive dizendo que o cantor João Lima deu calote no baterista da banda podre da terra. Já a médica chorona, quando *influencer*, não sabe chorar, tem que ensaiar, meu nego.

Outro dia vi Kant na jogada. Alta costura. Cadê meu *blazer* de batalha? O torcedor do Mengão pega aquele momento em que o futebol estava se compreendendo, se especializando, de um hiperdimensionamento técnico, aquela coisa pós-Vasco. Detesto futebol e os papos, hein? Tudo é efeito, é truque, até a bola cuspida pelo gato.

O Brasil parece possuído, como se injetasse no povo uma engrenagem demoníaca da sofisticação, da falta de consciência, da falta de cultura, da falta de respeito, da falta gás, daí surge um *funk* melódico: “Segura a prexeca que a galera tá na beca”.

Gente que lida com a força bruta, até tu, Brutus? Fracasso é chorar ouvindo música triste em um fone vagabundo que falha do lado esquerdo.

Chuva no Carnaval, na quadrilha, olhe a cobra, olhe a chuva, e os novos médicos fantasiados fazendo o teste da goma.

Com o efeito bambolê, o Brasil não vai conseguir sair do atoleiro, mas se mudar me avisa, antes tenho que me confessar com padre Egidio, que sumiu da mídia. É tu nada, estrela?

Kapetadas

1 – Por que quem não faz p* nenhuma se incomoda tanto com quem faz alguma coisa? A resposta está na pergunta.

2 – Nunca houve tanta gente comendo fora: fora do prato, fora da mesa, fora da cozinha.



Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho: bonecos de Olinda

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Do cinema à “mídia carnavalesca”

O cinema tem gerado, ao longo do tempo, a concepção de que o fantástico e a aventura possam, sim, acontecer no mundo real. Não fosse assim, o virtual dessa arte não teria a magia que tem. Contudo, parte de sua fantasia foi, com o tempo, transformada em uma verdade cruel, traindo o próprio cinema, não menos nociva aos padrões de civilidade que tanto se deseja no mundo.

Verdade também que o cientificismo mostrado pelo cinema, desde os tempos do filme “mudo”, como proposta inovadora em suas histórias, serviu de prenúncio à realidade de hoje, e isso se deve à importância de algumas obras emblemáticas. Quem jamais esqueceu de *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang? São invenções que, ao longo do tempo, têm influenciado multidões, até cooptando mentes a novas experiências tecnológicas. Algumas delas em benefício da própria humanidade; outras, não.

Em razão disso, um paralelo inusitado apresenta-se a nós nesse momento, entre o virtual que sempre se mostrou no cinema e a imitação cruel dessa realidade cênica nos nossos dias. Exemplo típico, o da banalização do crime, por conseguinte, da vida. Heróis e bandidos, hoje, parecem conviver lado a lado. De mãos dadas. O aparato ostentado como “anti-banditismo”, usado pelo Estado e mostrado diariamente pela mídia, sobretudo eletrônica, é algo que transcende à



Foto: Divulgação/Paramount

No passado, a figura dos “chefões da máfia” foi sempre admirada pela população

própria aventura cinematográfica. Mas, no mundo prático, real, tem acontecido sem sucesso.

No passado, a figura dos “chefões da máfia” foi sempre admirada pela população, também a dos “mocinhos” e super-heróis de cada filme. Hoje, as atitudes e ações desses mesmos chefões são sublimadas em importância real e nociva por um tipo de pirotecnia exacerbada e propagandística do próprio aparato policial. Isso tem prevalecido, a “carnavalização” dos fatos cotidianos, também pela mídia, em detrimento da seriedade e respeitabilidade da gestão pública, que não têm conseguido dar jeito nessa situação hoje sofrida pela sociedade.

Assim, quando nos referimos à “coop-

tação de massa”, via mídia, é porque esse fenômeno, socialmente indutivo, existe de fato nos dias atuais, em forma de “moeda corrente”. O estar à frente de uma câmera representa muito. Mesmo que seja, na maioria das vezes, de maneira eticamente questionável e principalmente sob a forma velada, sub-reptícia, mas indutiva, “fabricados” pelas nossas mídias, numa demonstração clara de que a violência de hoje é, realmente, o ópio das massas.

Os feitos heroicos das guerras medievais, fantasiosamente explorados como entretenimento pelo cinema, hoje são imitados nas vias urbanas pelos vis arruaceiros e drogados. Já não são mais virtuais, mas reais... - Mais “Coisas de Cinema”, no site www.alexssantos.com.br



APC dá apoio ao cineclube da FCJA

Academia Paraibana de Cinema, por meio de sua diretoria, está apoiando as atividades do Cineclube O Homem de Areia, da Fundação Casa de José Américo. Quarta-feira (3) passada, em sua primeira sessão do ano, o cineclube exibiu *A Lira do Delírio* (1978), do cineasta Walter Lima Jr. No elenco do filme estão Cláudio Marzo, Anecy Rocha, Tonico Pereira, Paulo César Pereira e Jamelão.

Após a sessão, realizada gratuitamente no Sesc Cabo Branco, devido à reforma do auditório da Fundação Casa de José Américo, houve comentário sobre o filme pelo presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), professor João de Lima, seguido de um debate com o público.

NACIONAL

Ulisses tem sessão antes do recesso do Bangüê

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A trajetória épica e fragmentada do herói criado por Homero, em *A Odisseia*, foi revitalizada, séculos mais tarde, no romance escrito pelo irlandês James Joyce. Essa adaptação do início do século 20 inspirou o diretor gaúcho Cristiano Burlan: o filme *Ulisses* transporta o mito grego para a São Paulo dos dias atuais e substitui os desafios fantásticos do protagonista pelos fantasmas da metrópole. O longa está em exibição no Cine Bangüê do Espaço Cultural, em João Pessoa, no mês de fevereiro e a próxima sessão será amanhã, às 15h. Os ingressos (R\$ 5, meia, e R\$ 10, inteira) podem ser adquiridos presencialmente, uma hora antes da primeira projeção do dia.

Foto: Divulgação



Narrativa pouco óbvia pretende não subestimar o espectador, segundo o diretor (acima)

Cristiano afirma que sua intenção não foi compor uma releitura da obra, mas produzir um texto sensorial a partir dos fragmentos dos originais de Homero e Joyce que encontram ecos nele e na equipe do filme. “O que me norteou o tempo inteiro é essa sensação que habita as duas obras, de que quando você sai de casa, você já não é mais o mesmo; e o retorno à casa nunca é mais possível, porque nem a casa nem você existem como antes”, explica.

Quem faz as vezes do herói é o ator Rodrigo Sanches, que assina o roteiro com Burlan e Ana Carolina Marinho, também presente no elenco. Mais do que um cenário, a Paulicéia é parte importante da narrativa. “São Paulo é uma cidade errante e errática. Cheia de gente que está de passagem, enfrentando uma odisseia dia a dia. Com tanta violência, é difícil saber se no fim do dia, a casa e

você estarão lá”, declara.

A parceria com essa dupla é antiga. Burlan conheceu Marinho num curso de Interpretação para Cinema, convidando-a, na sequência, para um papel em sua adaptação cinematográfica de *Hamlet* (2014). Com Sanches, a convivência começou no teatro e ganhou continuidade nas telas, em filmes como *Antes do Fim* (2017) e *A Mãe* (2022). “Trabalho com artistas dispostos a contribuir com as tramas, que estejam disponíveis para o ‘jogo’”, resume.

Outro colaborador frequente, o pesquisador e ator belga Jean-Claude Bernardet, tem em *Ulisses* uma de suas últimas aparições em um filme, antes de falecer, no ano passado. “Realizamos mais de sete longas juntos. E ele participou de outros projetos, como consultor de roteiro. Estou em processo de montagem de um documentário que fizemos juntos sobre nossa

relação com o cinema: *Jean-Claude Bernardet, o Bastardo*”, revela.

Ainda que o realizador tenha revisitado textos e personagens clássicos ao longo de sua carreira, a releitura recente e quase experimental de *Ulisses*, que começou a circular em festivais em 2024, perfaz uma trilogia que tem continuidade com *Nosferatu*, lançado no ano passado. O último capítulo desse projeto é *Dom Quixote*, da obra clássica de Miguel de Cervantes e ainda inédito.

Um artigo recente da revista estadunidense *N+1* deu conta de que produtoras de *streaming*, como a Netflix, estariam escrevendo roteiros mais simples para as pessoas que desviam a atenção dos filmes para outras telas. Comentando sobre o tratamento menos óbvio dado à narrativa de *Ulisses*, Cristiano Burlan rechaça o que chama de “colonização cultural” dessas produtoras, apontando que elas não podem subestimar o espectador.

“Não existe uma forma certa de fazer as coisas. A ideia de que os filmes precisam ser feitos de um só jeito, destitui o público da sua singularidade e diversidade. Não existe ‘o público’, mas ‘os públicos’. Por trás de cada filme, existem artistas, profissionais criativos. Plataformas restringindo nossa sensibilidade e nossa forma de nos relacionarmos com o fazer criativo é uma violência contra todos nós, públicos e realizadores”, conclui o diretor.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Gostaria de escrever...

Gostaria de escrever sobre as coisas que vivo diretamente no dia a dia. Sem teorias, abstrações, classificações, conceitos formais. Coisas que me tocam pelos sentidos e que mexem com o corpo. Principalmente com o corpo. Completamente.

Escrever, por exemplo, acerca dos cômodos de minha casa, dos ambientes preferidos, em especial, a biblioteca e o quintal, com tudo que me ofertam de espessura real e de verdade simbólica. Não sei por que uma e outro me parecem conter vestígios inexplicáveis do paraíso.

Da biblioteca, destacar, sobretudo, a raridade de certas edições e a alegria sempre renovável de completar a coleção dos meus poetas malditos. Do quintal, dar-me à sombra da pitangueira e ao calor do jasmineiro, para ler, sem pressa e simplesmente por prazer, as lentas páginas das horas que se repetem.

Escrever sobre os pássaros que crio e amo como criaturas sagradas; a respeito dos livros que leio como se cumprisse os mandamentos de um ritual e que considero seminais para o intelecto e o coração; sobre Lizzie, uma sapeca cadelinha, sempre em festa com seus pelos iluminados. Quando brinco com ela, lembro do verso de Drummond: “Todo animal é mágico”.

Escrever sobre Larinha e revelar que o amor de avô não combina com o amor de pais, pois nele frutificam um êxtase e uma doação que extrapola as malhas do dever e se radicam apenas na entrega e na gratuidade. Avô é bicho esquisito. Tem uma ciência diversa. Vive o mistério e a urgência do tempo e do bem querer. Como se aproxima do fim, parece compreender melhor os tropeços e as ilusões de quem começa.

Escrever sobre os bares do meu bairro, seus *habitués* e suas contumazes aflições, tentando, espontaneamente, estipular alguma hierarquia entre os sabores e aromas que oferecem. Ater-me ao sossego de algumas ruas perto da mata, ainda tocadas pelo silêncio e pela solidão como aquela solerte garantia de que existir ainda é possível na azáfama das grandes cidades.

Escrever acerca das árvores, castanholas, jambeiros, mangueiras, abacateiros, cajueiros, ipês e outras espécies da flora tropical, sem nenhuma preocupação com os fundamentos da botânica nem com a nomenclatura rigorosa e científica que nomeiam as especificidades de raízes, caules, ramos e frutos.

Escrever, ainda, a respeito da velhice que chega, desataviada e inclemente, na sua lógica incontornável, dando notícias da decadência do corpo. Talvez aprender, com suas duras lições, que a vida se vai, não se sabe para onde, e que a morte pode ser a luz que brilha no fim do túnel, o instante único e verdadeiro de cada um.

Foto: Reprodução



“Gostaria de escrever sobre as coisas que vivo no dia a dia”

Colunista colaborador

MÚSICA

Pedro Faissal & o Meiofree lança *EP*

Disco Intermares, já nas plataformas de áudio, reflete a relação da banda com o bairro de Cabedelo

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A relação da banda Pedro Faissal & o Meiofree com o município paraibano de Cabedelo está explícita no título de seu novo trabalho, disponível nas plataformas de música desde a semana passada — *Intermares*, nome de um dos principais bairros dessa cidade. Adicionadas ao *rock* e aos gêneros experimentais que os artistas imprimem nesse *EP*, estão

memórias de infância e de juventude e até relatos sobre recomeços, como conta Pedro: “Foi lá que o disco foi construído desde 2021, quando retornei ao bairro após um processo de separação”. O projeto conta com cinco faixas autorais: “Não binário”, “Sim não”, “Ego”, “Rendido” e “Tudo o que eu”. A primeira faixa trata, a propósito, da diversidade em nosso cotidiano, assunto que, por vezes, tem esbarrado num conservadorismo crescente a nível local.

“Fazendo uma autocritica, os roqueiros perderam um pouco da coerência e acho que isso fez com que o público se afastasse, porque o público é muito fiel a essa coerência. Não tem como você militar temas com liberdade e transgressão, se você é de alma conservadora”, analisa Pedro. Há algum tempo, a banda tem assinado os *shows* e os discos como Pedro Faissal & o Meiofree, dando destaque ao nome do cantor. Isso se deu,

segundo ele, porque a banda é inevitavelmente ligada à sua persona, independentemente da formação — ainda assim, há seis anos o grupo o segue. “Essa condição dá espaço para eu ter outros formatos da banda, um trio, um duo, trabalhar numa diferente formação, mas sempre pautado pela versatilidade do grupo — e isso para mim sempre foi muito rico”, explica. Comentando, por fim, o crescimento da Região Metropolitana de João Pessoa,

o expressivo número de novos habitantes que cidades como Cabedelo recebem, Pedro Faissal assevera o caráter positivo desse intercâmbio, mas pontua como importante a manutenção da nossa regionalidade, fato importante para a nossa cultura. “A s s i m como falta um projeto de nação na política, fal-

ta um projeto de nação também para a música. Às vezes, a gente regionaliza tanto que se afasta dessa possibilidade. Que a nossa música possa falar de um lugar mais aberto”, conclui.



Em Cartaz

Cinema

Programação de 5 a 11 de fevereiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

(DES)CONTROLE. Brasil, 2026. Dir.: Carol Minêm e Rosane Swartman. Elenco: Carolina Dieckmann, Caco Ciocler, Júlia Rabello, Irene Ravache, Daniel Filho. Drama/ comédia. Sobrecarregada, escritora volta a beber após 15 anos e sai do controle. 1h36. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h, 14h15, 16h30, 18h45, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h50, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h10, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h10, 20h20.

DESTRUIÇÃO FINAL 2 (*Greenland 2 – Migration*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Gerard Butler, Morena Baccarin, Tommie Earl Jenkins. Aventura/ ficção científica. Família sobrevivente de uma hecatombe deixa bunker na Groelândia em busca de um novo lar. 1h38. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h15, 15h40, 18h; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h15, 16h30, 18h50, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h10. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h30. CINE GUEDES 3: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 21h15. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 15h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 15h, 17h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h30; seg. e qua.: 20h45.

DOIS PROCURADORES (*Zwei Staatsanwälte*). França/ Alemanha/ Países Baixos/ Letônia/ Romênia/ Lituânia/ Ucrânia, 2025. Dir.: Sergey Loznitsa. Elenco: Alexander Kuznetsov, Anatoliy Belyj. Policial/ drama. Promotor descobre corrupção na polícia secreta soviética e passa a correr perigo. 1h58. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 8/2: 15h; ter., 10/2: 16h; sáb., 21/2: 17h10; seg., 23/2: 16h; qua., 25/2: 20h30; sex., 27/2: 18h10.

O SOM DA MORTE (*Whistle*). Canadá/ Irlanda, 2026. Dir.: Corin Hardy. Elenco: Dafne Keen, Sophie Nélisse, Percy Hynes White. Terror. Estudantes sopram um apito asteca que faz com que suas futuras mortes os assombram. 1h37. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 12h30; seg. a qua.: 12h30, 17h10. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 18h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h15.

STRAY KIDS – THE DOMINATE EXPERIENCE (*Stray Kids – The Dominate Experience*). EUA, 2026. Dir.: Paul Dugdale e Farah Khalid. Documentário/ show. Registro dos shows do grupo de k-pop e cenas de bastidores. 2h26. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h. CINESERCLA TAMBIA 4: leg.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 18h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 18h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 18h15.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joëlissson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 9/2, dom., 22/2, ter., 24/2: 16h30, 19h30; sáb., 28/2: 19h30. CENTERPLEX MAG 1: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h45, 16h15, 19h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 20h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: 20h. PATOS MULTIPLEX 3: 17h50.

ALERTA APOCALIPSE (*Cold Storage*). França/ EUA, 2026. Dir.: Jonny Campbell. Elenco: Joe Keery, Georgina Campbell, Liam Neeson, Lesley Maville. Comédia/ terror. Civis se unem a agente do Pentágono para combater o vazamento de um fungo que contamina as pessoas em massa. 1h39. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 17h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h20.

ATO NOTURNO. Brasil, 2025. Dir.: Filipe Matzembacher e Marcio Reolon. Elenco: Gabriel Faryas, Cirillo Luna, Henrique Barreira. Drama/ romance. Um ator e um político em ascensão iniciam um caso com um fetiche por sexo em locais públicos. 1h57. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 8/2: 17h10; ter., 10/2: 18h10; qui., 19/2, qua., 25/2: 18h10; sex., 27/2: 16h.

AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na’vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. Indicado a 2 Oscars. 3h15. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 2D: 12h, 16h; 3D: 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h10, 17h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h30, 20h.

BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h15. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h20.

DAVI – NASCE UM REI (*David*). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/ religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 13h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 12h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 12h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h50. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 15h15, 17h15. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 15h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 14h.

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átomos): leg.: 20h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 12h, 15h, 18h20, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 12h45, 15h45, 18h45, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 20h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 20h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h15; seg. e qua.: 15h50.

HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET (*Hamnet*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a perda de seu filho. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. Vencedor de 2 Globos de Ouro: filme/ drama e atriz/ drama. 2h05. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 17h30.

JOVENS MÃES (*Jeunes Mères*). Bélgica/ França, 2025. Dir.: Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne. Elenco: Babette Verbeek, Elsa Houben, Janaina Halloy. Drama. Cinco jovens mães que vivem em um abrigo lutam por dias melhores. Dois prêmios no Festival de Cannes: roteiro e júri ecumênico. 1h45. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 8/2: 19h20; ter., 10/2: 20h30; qui., 19/2: 16h; sáb., 21/2: 15h; qui., 26/2: 16h.

MARTY SUPREME (*Marty Supreme*). Finlândia/ EUA, 2025. Dir.: Josh Safdie. Elenco: Timothée Chalamet, Gwyneth Paltrow, Odessa A’zion, Tyler the Creator, Fran Drescher, Sandra Bernhard. Drama. Traficante se torna um astro do tênis de mesa. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção e ator. Globo de Ouro

de ator/ comédia ou musical. 2h29. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h15, 16h40.

O PRIMATA (*Primate*). EUA/ Reino Unido/ Canadá/ Austrália, 2025. Dir.: Johannes Roberts. Elenco: Johnny Sequoyah, Jess Alexander, Troy Kotsur. Suspense. Quando chipanzé de estim,ação contrai raiva, os participantes de uma festa precisam se refugiar na piscina para fugir da fúria assassina do bicho. 1h29. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h20. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 19h15. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 16h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 17h10.

SOCORRO! (*Send Help*). EUA, 2026. Dir.: Sam Raimi. Elenco: Rachel McAdams, Dylan O’Brien. Suspense. Funcionária exemplar e chefe abusivo se tornam os únicos sobreviventes em uma ilha, iniciando um intenso jogo de poder. 1h53. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 20h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h30.

ULISSES. Brasil, 2024. Dir.: Cristiano Burlan. Elenco: Rodrigo Sanches, Emerson Alcalde, Luana Frez. Drama. Numa jornada de volta para casa, homem vaga por São Paulo sem rumo e assolado por lembranças do passado. 1h12. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 9/2; dom., 22/2, ter., 24/2: 15h.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgard, Inga Ibsdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado ao Oscar de filme de animação. 2h13. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 18/2: 16h30; qui., 19/2: 20h30; seg., 23/2: 18h10, 20h30; sáb., 28/2: 17h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 20h.

ZOOTOPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átomos): dub.: 13h, 15h20, 17h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 14h50, 19h.

Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h15; seg.: 14h.

Música

HOJE

POLYANA RESENDE. Show de samba.
João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 8/2, 20h. Ingressos: R\$ 15 (couverl).

Carnaval

HOJE

BLOCO DOIDO É DOIDO. Com apresentações de Siba, Tracundum, Chico Correia, DJ Reub e Batoqueira.
João Pessoa: PRAÇA JOSÉ BATISTA DE MELO (Castelo Branco). Domingo, 8/2, 16h20. Entrada franca.

BLOCO CORTEJO DE OXALÁ. Com apresentações de Grupo Raízes, Afoxé Oxum Pandá, Grupo Afro Sessi Egbé e Tambores da Lua.
João Pessoa: ATELIE MULTICULTURAL ELIOENAI GOMES (R. da Areia, nº 155, Varadouro). Domingo, 8/2, 15h (concentração) e 19h (saída). Entrada franca.

BLOCO VIRGENS DE TAMBAÚ. Shows de As Calungas, Claudia Letite, Gracinha Telles e Myra Maya, entre outros.
João Pessoa: VIA FOLIA (Av. Epitácio Pessoa, Miramar). Domingo, 8/2, 16h30. Entrada franca.

BLOCO VIÚVAS DA TORRE. Show de Nação Zumbi.
João Pessoa: AV. MANOEL DEODATO (Torre). Domingo, 8/2, 16h. Entrada franca.

AMANHÃ

BLOCO MELHOR IDADE. Show de Gracinha Telles.
João Pessoa: BUSTO DE TAMANDARÉ (Av. Almirante Tamandaré, Tambaú). Segunda, 9/2, 18h. Entrada franca.

BLOCO MURIÇOQUINHAS. Show de Mundo Bitá.
João Pessoa: VIA FOLIA (Av. Epitácio Pessoa, Miramar). Segunda, 9/2, 16h. Entrada franca.

PRÓXIMOS DIAS

BLOCO ACORDE MIRAMAR. Com orquestra de frevo.
João Pessoa: PRAÇA DAS MURIÇOCAS (R. Tito Silva, Miramar). Madrugada de terça, 10/2, para quarta, 11/2, 0h. Entrada franca.

REDES SOCIAIS

Era da desinformação acende alerta

Instituições articulam ações para enfrentar mensagens falsas e proteger a integridade do processo democrático

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Em um cenário marcado pela polarização política e pela circulação acelerada de conteúdos nas redes sociais, o combate à desinformação consolida-se como um dos principais desafios para a democracia no ano eleitoral. Na Paraíba, iniciativas institucionais e acadêmicas buscam enfrentar a propagação de notícias falsas (*fake news*) e a manipulação de imagens e vozes, conhecidas como “*deepfake*” —, com destaque para a atuação da Rede Paraibana de Combate à Desinformação, coordenada pelo Laboratório Alumia, vinculado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Criada para integrar diferentes setores da sociedade, a rede reúne pesquisadores, profissionais da comunicação e representantes da sociedade civil em torno de um objetivo comum: proteger o direito à informação de qualidade e fortalecer a participação cidadã consciente, especialmente durante o período eleitoral. Dentro desse conjunto de iniciativas, o Alumia desenvolve o projeto *Deepfake* e Eleições 2026: educação midiática no enfrentamento à desinformação — linha estratégica do laboratório voltada à prevenção dos impactos da inteligência artificial (IA) no processo democrático. A atuação do Alumia está



Foto: Carlos Rodrigo

Aplicativos que permitem modulação de imagem e voz são usados para criar narrativas inverídicas e fabricar máculas à honra de agentes públicos

estruturada a partir de quatro eixos complementares: checagem de fatos, desenvolvimento de tecnologias com uso de inteligência artificial, educação midiática e pesquisa acadêmica. A integração dessas frentes permite uma abordagem ampla do fenômeno da desinformação, que ultrapassa a simples identificação de conteúdos falsos. Na área de checagem de fatos, o foco está na verificação sistemática de informações que circulam com grande alcance, sobretudo nas

plataformas digitais. Já no campo tecnológico, o laboratório desenvolve ferramentas baseadas em IA capazes de auxiliar na detecção de padrões de desinformação, análise de redes de disseminação e identificação de conteúdos manipulados. A educação midiática, por sua vez, busca capacitar estudantes, professores e a população em geral para o consumo crítico da informação, promovendo o entendimento sobre como funcionam os fluxos informacionais e os me-

canismos de influência no ambiente digital. **Riscos à democracia** O avanço da inteligência artificial trouxe novos desafios ao enfrentamento da desinformação, sobretudo com a disseminação de conteúdos hiper-realistas. A professora e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Lavid/UFPB e do Laboratório Alumia, Kellyanne Alves, alerta que a disseminação de *deepfakes* representa uma ameaça direta à demo-

cracia e à legitimidade das instituições. Segundo a pesquisadora, essas tecnologias podem interferir nas decisões dos eleitores, manipular a opinião pública, estimular a polarização social e gerar desconfiança quanto à lisura do processo eleitoral, além de favorecer a criação de narrativas falsas capazes de distorcer informações reais e comprometer reputações. “Na era da inteligência artificial, vivenciamos um cenário cada vez mais

preocupante no campo da desinformação visual. As *deepfakes* podem causar danos graves à democracia ao interferirem nas decisões dos eleitores, manipularem a opinião pública e gerarem desconfiança sobre a lisura do processo eleitoral”, afirma. Ela destaca, ainda, que os aplicativos de criação de *deepfakes* estão cada vez mais acessíveis e de baixo custo, o que amplia o potencial de disseminação desse tipo de conteúdo, especialmente em períodos eleitorais.

Arquitetura digital favorece a difusão de conteúdos criminosos

Para o presidente da Associação Brasileira de Agências Digitais da Paraíba (Abradi-PB), Alek Maracajá, a rápida disseminação de conteúdos falsos é impulsionada pela arquitetura das plataformas, pelo comportamento humano, por



Foto: Arquivo pessoal

O problema central não é mais a mentira, é a dificuldade estrutural de distinguir o que é real do que é sintético no ambiente digital

Alek Maracajá

incentivos políticos e pelo fortalecimento das bolhas ideológicas. Segundo ele, os algoritmos tendem a entregar aos usuários conteúdos semelhantes aos que já consomem, criando ambientes fechados de opinião nos quais são compartilhados não pela veracidade, mas pela afinidade ideológica. “As bolhas ideológicas transformaram a eleição numa disputa entre realidades paralelas. Cada grupo passa a acreditar e espalhar apenas a versão que reforça sua própria visão de mundo, mesmo que seja falsa. Isso enfraquece a confiança nas instituições e transforma a eleição numa guerra de percepções, não de propostas”, aponta. Maracajá acrescenta que a popularização de *deepfakes*, vozes sintéticas e vídeos gerados por IA tornou a desinformação tecnicamente semelhante à informação real. “O problema central não é mais a mentira, é a dificuldade estrutural de distinguir o que é real do que é sintético no ambiente digital. Além disso, a escala é inédita: uma única pessoa consegue produzir milhares de peças de desinformação em minutos. Isso torna o modelo

tradicional de checagem insuficiente e desloca o enfrentamento para um nível sistêmico, que exige detecção em tempo real, responsabilização das plataformas e investimento contínuo em educação digital”, afirma. **Desafios legais** Na avaliação da advogada especialista em Direito Eleitoral Laura Veras, o principal obstáculo jurídico está na velocidade com que conteúdos falsos espalham-se, dificultando respostas eficazes da Justiça Eleitoral. “Mesmo quando a Justiça determina a retirada de uma postagem falsa, esse conteúdo já está circulando em outros aplicativos, passando de celular em celular. Com as *deepfakes*, a situação se agrava ainda mais, porque são vídeos e áudios que simulam falas que a pessoa nunca disse. O combate, hoje, é muito mais difícil do que era no passado”, analisa. Ela ressalta que o enfrentamento da desinformação não se confunde com censura, mas com a responsabilização de práticas criminosas que violam direitos e comprometem a integridade do processo eleitoral. “Combater *fake news* não é antagonizar a liberdade

de expressão. Uma coisa é emitir uma opinião; outra, completamente diferente, é espalhar um fato que não aconteceu. Quando alguém propaga discurso de ódio ou divulga informações falsas com o objetivo de difamar ou macular a honra de um candidato, isso deixa de ser opinião e passa a ser crime. Essas coisas precisam ser diferenciadas com bom senso”, adverte. **Proteção** Para a pesquisadora Kellyanne Alves, o papel do cidadão é fundamental no enfrentamento da desinformação. Ela orienta atenção redobrada a conteúdos sensíveis ou alarmistas, verificação da fonte, comparação com veículos confiáveis e busca por checagens independentes. Entre os sinais de alerta, estão falhas de sincronização labial, movimentos artificiais, alterações estranhas de voz, inconsistências de luz e sombra, além da ausência ou confusão de metadados — embora esses também possam ser manipulados. “A verificação precisa ser ampla, combinando análise visual, checagem técnica e confirmação com fontes confiáveis”, detalha.

Ações integradas Diante desse contexto, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) intensificou a vigilância sobre o uso da IA nas campanhas. Em 2024, a Corte regulamentou a utilização dessas tecnologias na propaganda eleitoral, proibindo o *deepfakes* e determinando a rotulagem obrigatória de conteúdos produzidos com apoio de inteligência artificial. Entre as sanções previstas, estão a cassação de registro ou mandato e a apuração de responsabilidades. Em âmbito nacional, a Justiça Eleitoral mantém um Programa Permanente de Enfrentamento à Desinformação, instituído pela Portaria nº 510/2021, que reúne ações de monitoramento, parcerias institucionais e iniciativas educativas de forma contínua, e não apenas em períodos eleitorais. Na Paraíba, representantes da Rede Paraibana de Combate à Desinformação também foram recebidos pelo Ministério Público Federal (MPF) e pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) para discutir estratégias conjuntas de prevenção, monitoramento e educação midiática voltadas às Eleições 2026. O TRE-PB definiu o



Foto: Arquivo pessoal

A verificação precisa ser ampla, combinando análise visual, checagem técnica e confirmação com fontes confiáveis

Kellyanne Alves

combate às *fake news* como tema prioritário de sua agenda institucional em 2026, com a ampliação de ações educativas, campanhas informativas e estratégias de prevenção ao longo do ano eleitoral.



Foto: Divulgação/CGU

Controladoria-Geral da União atua na fiscalização e prevenção de irregularidades, bem como na orientação de gestores

GASTOS PÚBLICOS

Pulverização de recursos desafia o controle externo

Cortes e Controladorias esforçam-se para garantir transparência às emendas

Agência Senado

A expansão das emendas parlamentares como parte do orçamento federal impõe desafios não apenas ao Congresso Nacional, que as elabora, ou ao governo de turno, que as administra. A forma como a execução desses recursos deve ser supervisionada obriga os agentes de controle externo da União a se adaptarem para cumprir a sua missão. É preciso encarar essa nova realidade do processo: uma grande fatia de recursos estará distribuída sem uma organização central. A chave escolhida tem sido uma maior abertura para interação com a sociedade.

Instituído pela Constituição de 1988, o modelo para controlar e fiscalizar os gastos dos ministérios e os recursos federais repassados a Estados e Municípios dividiu as competências em dois grandes órgãos. Um deles é o Tribunal de Contas da União (TCU), criado há 135 anos. Apesar de ser um organismo autônomo, o TCU funciona como um braço do Congresso Nacional, que é o titular do controle externo.

O outro é a Controladoria-Geral da União (CGU), que faz parte do gabinete do Executivo federal. A CGU é bem mais recente: tem apenas 22 anos de existência. Antes de 1988, suas competências eram espalhadas na administração pública federal. Com o tempo, a CGU juntou atribuições de controle interno, corregedoria e ouvidoria; hoje, possui um leque amplo de tarefas:

- Vistoria as contas de órgãos de governo;
- Faz auditorias externas para verificar desvios de recursos federais;
- Realiza trabalhos conjuntos com a Polícia Federal, como apurar denúncias de fraudes nos benefícios a aposentados e pensionistas do INSS;
- Administra o Portal da Transparência — sistema que reúne dados da execução orçamentária federal, incluindo desde o detalhamento das emendas parlamentares até

programas de capacitação e educacionais de prevenção à corrupção;

- Atua de forma complementar ao TCU e aos Tribunais de Contas dos Estados e Municípios.

Contribuição do cidadão

Mesmo assim, é inviável pensar que toda essa estrutura seja suficiente para fiscalizar o que ocorre em um país de dimensão continental, com mais de cinco mil municípios, sem a participação da sociedade. O advento do mundo digital criou novos canais de comunicação e tornou os cidadãos mais ativos e participativos.

Um estudo da Organização Internacional das Instituições Superiores de Controle (Intosai) — entidade que congrega Tribunais de Contas dos países e instituições superiores de controle — publicado em 2024 revelou que o principal desafio decorrente dessa mudança tecnológica é a erosão da confiança dos cidadãos nas instituições. O fenômeno é mundial.

“As pessoas estão mais críticas, mais conectadas, conseguem dialogar e entrar em fóruns e espaços em que, antes, não eram vistas. Portanto, elas estão cobrando mais das instituições”, disse o secretário de Relações Institucionais do TCU, Manoel Moreira de Souza Neto, durante seminário na Câmara dos Deputados, em outubro do ano passado.

Essa mudança tecnológica exigiu que os órgãos de controle e fiscalização do país reorientassem seus programas e desenvolvessem novas maneiras de atuar, envolvendo o usuário final dos serviços do governo: o cidadão.

“Até no TikTok nós estamos. Nossa linguagem mudou. As pessoas têm que entender o que a gente está dizendo”, disse o presidente do TCU, o ministro Vital do Rêgo Filho, no mesmo encontro.

Vital do Rêgo Filho contou que essa “recomposição de rede social” do TCU viabilizou programas como o de voluntariado, que treina cidadãos para serem “audi-

tores sociais”. Assim, eles podem contribuir para informar o que está acontecendo com obras inacabadas em suas cidades, por exemplo. De acordo com o Tribunal, há cerca de 11.500 obras paralisadas no país, com previsão de investimentos combinados de quase R\$ 35 bilhões. Aproximadamente 70% delas são para as áreas de Saúde e Educação.

O presidente do TCU acrescentou que o desafio é mostrar aos cidadãos que eles podem contar com a Corte de Contas para mudar as suas vidas. Vital do Rêgo Filho citou o caso de um motorista de ônibus que encaminhou um vídeo ao TCU, comprometendo-se a fiscalizar uma creche em sua cidade que estava sendo reconstruída: “Perguntamos o porquê, e ele respondeu que a mulher estava grávida e o filho vai ficar lá. Isso me deu muita alegria: ver que esse cidadão está se sentindo responsável e exercendo a sua cidadania”.

Diálogo institucional

Recentemente, o TCU também reformulou seu canal com o Congresso Nacional para oferecer produtos e serviços diretamente aos parlamentares, aperfeiçoando e agilizando a entrega de relatórios e outras informações solicitadas. Até o fim do terceiro trimestre de 2025, o TCU participou de 27 audiências públicas, 23 reuniões técnicas com parlamentares e atendeu a 79 solicitações de informações e requerimentos de fiscalização.

Segundo Manoel Moreira de Souza Neto, os Tribunais de Contas e as Controladorias têm a missão de entregar informações qualificadas tanto para o Congresso quanto para as Assembleias Legislativas, para que possam fazer seu trabalho político. Outra frente é capacitar e treinar gestores municipais. A meta do TCU é orientar 15 mil gestores em todo o país, três em cada município. Essa capacitação, conforme o secretário do TCU, é direcionada à realidade local do gestor, com o objetivo de me-

lhorar a qualidade das informações e a articulação com os órgãos centrais de controle e fiscalização.

“Os Tribunais de Contas e as Controladorias precisam atuar de forma integrada. Os problemas do país não respeitam nossa formalidade federativa. Um problema relacionado à saúde pública passa pela União, pelos Estados e pelos Municípios para ser solucionado”, disse Souza Neto.

A CGU, por sua vez, conduz o programa CGU Presente. Apesar de não lidar com as emendas parlamentares, a iniciativa também vai ao encontro da ideia de reforçar a penetração do órgão nos rincões do país, aumentar a capilaridade da sua atuação e tomar o pulso das populações locais.

O foco do CGU Presente são os programas sociais. Por meio do programa, auditores do órgão visitam pequenos municípios para passar o pente-fino e ouvir diretamente da população onde estão as lacunas de cadastro, cobertura, atendimento e oportunidades. Foram mais de 640 cidades atendidas desde 2024, quando as visitas começaram.



As pessoas estão mais conectadas, conseguem entrar em espaços em que, antes, não eram vistas

Manoel Moreira de Souza Neto

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (30)

Hoje o cronista incorpora a entidade Exu que atua sobre a dualidade do homem. E da mulher também, conforme Oxum, orixá das águas doces e das cachoeiras, deusa da união e da variedade.

À guisa de explicação, como se escrevia antigamente nos posfácios, o colunista sonhou reunir microcontos com historietas diversas, interligadas pela ideia central das energias opostas, o yin-yang chinês, forças antagônicas e complementares dando caldo a contos banais saídos de um mundo ácido.

As narrativas estão aí, situações da vida real pedindo para se adequar ao microconto. Só falta a competência.

As nossas vidinhas podem ser resumidas em apenas alguns contos pequenos. Nesse apanhado de contos resumidos, o contista desvigorado parte para alguns relatos reflexivos sobre as paisagens, as pessoas, o pandemônio e as desigualdades dessa João Pessoa multifacetada.

Gente doida, com antipsicótico correndo nas veias, agindo no sistema nervoso central, controlando as neuras com coca e fumo. O isolamento dessas criaturas, com seus encontros com Deus e o Diabo.

João Pessoa poética e marginal, com seus cantores de rap e seus candidatos a forrozeiros fuleiros. E suas figuras fragmentadas e espatifadas pelas ruas do Valentina e Mangabeira.

Disso é fiel retrato a poética do rapper Cassiano Pedra: “Deixei os meus pedaços pelas ruas / o Samu recolhe as tripas sujas / ainda tenho a língua e a cabeça / o guarda quer matar as ditas cujas”.

Fiquei sabendo que o italiano Salvatore Garau vendeu “arte invisível” por 87 mil euros. É uma escultura que só ele vê. A obra só existe na imaginação do comprador.

No filme do Hugo Carvana “Bar Esperança”, um artista faz uma exposição só com telas em branco.

Conheço pessoas que comprem títulos de nobreza. Absolutamente tudo se vende e se compra nesse mundo maluco.

Só não se compra votos. Isso, não!

A gente se mata todos os dias. De sustos, de vício, amor, desamor, doses conta-gotas de suicídios não violentos. Poetas são mortos silenciosamente, sem deixar sinais. Crime perfeito, sem glosa e sem suspeito.

Kaio Bruno Dias poetizou que a gente morre todo dia por deixar de ser quem gostaríamos, por não ter pernas pra ir àquele seu destino sonhado, por silenciar nossas verdades e quando os vícios se tornam nossos melhores momentos.

Outro poeta anônimo, Pedro Salomão, suplica: “Se você me entende, por favor, me explica!”.

“O liseu que habita em mim saúda a pindaíba que mora em você. Não mais ter”.

“Não é muito minha praia”, disse o rato de praia sobre as praias privatizadas.

Certo dia, um jovem falou e eu anotei: “Não se deve confiar em ninguém com mais de 30 anos. Depois dessa idade, estão todos vendidos”. Eu então disparei, com Charles Bukowski: “E como se pode confiar em alguém com menos de 30 anos, uma vez que é provável que ele acabe se vendendo?”.

FINANCIAMENTO CIENTÍFICO

Pesquisas ajudaram a mudar o país

Soja, vacina e carro a álcool são alguns dos resultados concretos de estudos que receberam apoio do CNPq

Ricardo Westin
Agência Senado

Nos anos 1970, o Brasil criou os carros movidos a álcool, pioneiros no mundo e ainda hoje em circulação. Na mesma época, “tropicalizou” a soja, antes cultivada apenas em regiões de clima frio, e a transformou em um importante item da pauta de exportações. Na década de 2000, passou a extrair petróleo da camada pré-sal, localizada em águas ultraprofundas do Litoral. No início deste mês, começou a aplicar na população uma vacina inédita contra a dengue, desenvolvida e produzida integralmente no país. Essas são algumas das maiores conquistas da ciência brasileira, com impactos diretos na economia nacional e na vida das pessoas. Embora muito diferentes entre si, elas têm pelo menos um ponto em comum: todas tiveram, em alguma fase das pesquisas, o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que completou 75 anos de existência no mês passado.

O CNPq é o principal órgão público de fomento da ciência no Brasil. Trata-se de uma agência vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação que financia pesquisas em todas as áreas do conhecimento e, por meio de bolsas, forma e mantém cientistas vinculados a universidades e institutos de pesquisa em todo o país. No ano passado, o CNPq injetou R\$ 3,14 bilhões na ciência nacional.

O presidente do CNPq, Olival Freire Junior, explica como o conhecimento científico é essencial para o desenvolvimento nacional. “Desde o fim do século 19, todos os países que conseguiram avançar no desenvolvimento contaram com o papel de-

cisivo do Estado como indutor da ciência. Isso vale para Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Japão, Coreia do Sul, China. Para dinamizar a indústria e a economia e melhorar a qualidade de vida da população, as nações apoiam-se fortemente nas tecnologias desenvolvidas pela ciência”.

Ele lembra que, se não fosse o financiamento público da ciência, o Brasil não teria formado engenheiros e outros profissionais especializados para trabalhar em empresas de ponta, como a Petrobras, criada em 1953, e a Embraer, fundada em 1969. “É um erro depender da ciência importada. Na pandemia de Covid-19, aprendemos que, mesmo dispondo de dinheiro suficiente, corremos o grave risco de não ter quem nos forneça os produtos tecnológicos que necessitamos. Isso aconteceu com respiradores. Temos minerais estratégicos em abundância, mas ainda não contamos com toda a tecnologia necessária para transformá-los em equipamentos eletrônicos, de energia limpa e de defesa. Os países que detêm esse conhecimento estão muitos passos à frente. A autonomia científica e tecnológica é crucial para a soberania e até a sobrevivên-

cia de uma nação”, completa o presidente do CNPq.

Incentivo diverso

O apoio do CNPq não se restringe às ciências exatas (Física, Matemática), da saúde (Medicina, Odontologia) e tecnológicas (engenharias, computação), mas contempla também as ciências humanas (História, Filosofia) e sociais (Sociologia, Economia). Ao mesmo tempo, são fomentadas tanto as pesquisas básicas, que alimentam a ciência com novos saberes, quanto as aplicadas, que transformam esses saberes em inovações e soluções práticas.

O filósofo Renato Janine Ribeiro, ex-ministro da Educação e ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), observa que, embora o imaginário público privilegie as ciências exatas, da saúde e tecnológicas quando se fala em pesquisa, as ciências huma-



Foto: Instituto Butantan

O estudo para a vacina inédita contra a dengue recebeu financiamento por meio do CNPq

nas e sociais são igualmente fundamentais.

“A redução da fome e das desigualdades, por meio do Bolsa Família, por exemplo, deve muito às ciências humanas e sociais. Elas identificaram que os velhos programas de distribuição de cestas básicas e frentes de trabalho [con-

tratação temporária de pessoas atingidas pela seca para trabalhar em para obras públicas, normalmente de baixo ou nenhum impacto] não funcionavam como se esperava e concluíram que é mais eficaz a transferência direta de recursos com uma série de regras, como o direcionamento do di-

nheiro às mães e a exigência de que as crianças estejam vacinadas e matriculadas na escola”. Janine Ribeiro conclui: “Isso significa que agências de fomento como o CNPq têm papel relevante na produção de evidências que orientam a formulação de políticas públicas bem-sucedidas”.

Estado assumiu papel central na ciência

O CNPq foi criado em 1951, como Conselho Nacional de Pesquisas. A lei, aprovada pelo Senado e pela Câmara, foi sancionada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, nos últimos dias de seu governo, em 15 de janeiro de 1951. Coube ao presidente Getúlio Vargas colocá-lo em funcionamento três meses depois. A denominação atual foi dada por uma lei de 1974, mas a sigla CNPq permaneceu.

Segundo o historiador Alexandre Correia, do Centro de Memória do CNPq, o que existia até então eram iniciativas isoladas que incentivavam ramos pontuais da ciência. A Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Butantan, por exemplo, enfrentavam doenças como febre

amarela e peste bubônica, e o Instituto Agrônomo de Campinas aprimorava a cultura do café. “Até meados do século 20, a ciência era produzida com poucos recursos financeiros e numa escala muito pequena”, diz.

O primeiro presidente do CNPq foi o almirante e cientista Álvaro Alberto da Mota e Silva. Foi ele que apresentou a ideia da agência de fomento ao presidente Dutra e liderou a equipe de cientistas incumbida pelo governo, em 1949, de redigir o anteprojeto a ser enviado ao Congresso.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) acabara de chegar ao fim. Na esteira da invenção das bombas atômicas, lançadas pelos Estados Unidos sobre as cida-

des japonesas de Hiroshima e Nagasaki, muitos países entenderam que, para não permanecer em situação vulnerável no cenário internacional, deveriam também apostar na tecnologia nuclear. Não por acaso, o almirante Álvaro Alberto foi o representante do Brasil na Comissão de Energia Atômica do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), no fim da década de 1940.

Um dos artigos da lei de 1951 dizia que, entre outras atribuições, o CNPq deveria incentivar a prospecção de minerais radioativos no território nacional. Outro dispositivo proibia a exportação de urânio e tório. Um dos temores do governo era que a Argentina tomasse a dianteira

e dominasse essa tecnologia antes do Brasil.

O país, portanto, seguiu uma onda internacional. Os EUA, por exemplo, abriram sua agência de fomento científico na mesma época: a Fundação Nacional da Ciência, em 1950. O historiador Alexandre Correia explica: “Foi após a Segunda Guerra que se consolidou, no Brasil e no mundo, a percepção de que o conhecimento científico era indispensável não apenas para a defesa militar, mas também para o desenvolvimento econômico, em especial o industrial. Tornou-se, então, evidente a necessidade de que o Estado fomentasse e coordenasse a pesquisa, dando à ciência um papel central na estratégia de progresso nacional”, conta.

Bolsas incentivam pesquisadores e estudantes a realizarem projetos

Outro pilar do fomento à ciência brasileira seria criado pelo governo logo depois do CNPq, ainda em 1951: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), dedicada a promover os cursos de pós-graduação e a formação de mestres e doutores. Igualmente relevante, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que administra recursos destinados à inovação tecnológica, surgiria em 1967.

No ano passado, o CNPq tinha 99 mil bolsas de pesquisa vigentes. O número ficou acima das 91,5 mil de 2024 e bem perto das 102,5 mil de 2014, quando as bolsas alcançaram o número recorde de todos esses 75 anos — em razão do Ciência sem Fronteiras, programa que financiou o intercâmbio de estudantes de graduação e pós-graduação no exterior.

As diferentes bolsas beneficiam tanto os pesquisadores mais experientes do país quanto estudantes que ainda estão na Educação Básica. Para esses últimos, existem as bolsas de iniciação científica, que permitem aos jovens participar de projetos reais de pesquisa ainda durante os ensinos Fundamental e Médio, com o objetivo de estimular os futuros cientistas.

Está sob a responsabilidade do CNPq, a Plataforma Lattes, base de dados oficial da ciência brasileira, que reúne o currículo de pesquisadores e estudantes. Além de permitir acompanhar a produção científica do país, ela é usada pelo próprio CNPq e por outras agências para avaliar pedidos de bolsas, auxílios e financiamentos. Há mais de um milhão de currículos ativos na Plataforma Lattes.

Inspiradas no sucesso do CNPq, todas as 27 unidades da Federação criaram suas próprias agências de fomento da ciência. A primeira delas foi a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), inaugurada em 1962. A mais recente, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Roraima (Faperr), é de 2022. Além disso, existem uma série de instituições privadas que financiam pesquisas em diferentes áreas, como o Instituto Serrapilheira, a Fundação Bunge e o Instituto Ayrton Senna.

Nomes consagrados

Entre os pesquisadores apoiados nas primeiras décadas pelo CNPq, figuraram personalidades como o físico César Lattes, o biólogo e compositor Paulo Vanzolini e o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda.

Necessidade de investimentos e apoio popular são alguns desafios

Um dos principais desafios do CNPq é de ordem financeira. O volume de recursos gerido pela agência é considerado baixo diante da demanda da ciência brasileira. Enquanto os países investem, em média, 1,8% do produto interno bruto (PIB) em ciência e tecnologia, segundo a Unesco (braço da ONU para Educação, Ciência e Cultura), o Brasil aplica apenas 1,3%, somando recursos públicos e privados. Como comparação, a Coreia do Sul e Israel reservam mais de 4,5%.

De acordo com o físico Glaucius Oliva, professor sênior da USP e presidente do CNPq, de 2011 a 2015, existem duas explicações principais para a escassez e a instabilidade das verbas. “A primeira é que o orçamento público está sempre pressionado por demandas emergenciais, como saúde, segurança e in-

fraestrutura. Nesse cenário, a ciência perde espaço e não é priorizada porque suas demandas não são vistas como urgentes. A segunda razão é que os ciclos políticos são curtos, geralmente de quatro anos, e os gestores preferem priorizar ações que tragam retorno imediato. A ciência, ao contrário, exige investimento contínuo para que os frutos apareçam anos ou até décadas depois. É a mesma lógica da educação, que também exige visão de longo prazo”.

Além dos fatores estruturais, Oliva aponta um problema cultural. Ele lembra que, conforme pesquisas de opinião, os brasileiros, em geral, não sabem nomear instituições ligadas à ciência, embora digam confiar nos pesquisadores e no conhecimento científico.

“Esse desconhecimento

é ruim para as instituições, como o CNPq. Quando elege seus representantes, a sociedade não prioriza os candidatos que prometem defender a ciência. Além disso, não se mobiliza nem protesta quando os recursos são cortados ou as próprias instituições são ameaçadas. As pessoas não podem defender aquilo que não conhecem”, avalia.

■ Enquanto os países investem 1,8% do PIB em pesquisas, o Brasil aplica 1,3%, somando recursos públicos e privados

NO NORDESTE

Editais somam mais de 900 vagas

Três estados reúnem oportunidades para níveis fundamental, médio e superior, com salários até R\$ 12 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A Paraíba toda já está em clima de Carnaval, mas, antes de cair na folia, o concurso deve ficar atento ao calendário de editais que segue aquecido. Por aqui, o destaque da semana vai para o concurso da Prefeitura de Cuité, que reúne o maior número de vagas entre os municípios, enquanto o da Prefeitura de Cajazeiras entra em sua reta final e encerra as inscrições hoje. Fora do estado, o radar amplia-se para Pernambuco, onde a Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho abriu um processo seletivo com centenas de oportunidades, e para Alagoas, com o novo concurso do Ministério Público Estadual (MPAL). Todos os editais contemplam cargos de níveis fundamental, médio e superior.

Paraíba
No estado, o concurso de maior destaque é o de Cuité, com mais de 140 vagas em disputa. As oportunidades têm como propósito o reforço do quadro administrativo municipal, sobretudo em

áreas essenciais como Educação e Saúde. Entre os cargos previstos estão médicos, enfermeiros, dentistas e professores, além de funções como fiscais, cuidadores, vigilantes, copeiros e motoristas. A carga horária varia de 20 a 40 horas semanais, com remunerações que podem chegar a R\$ 6 mil, a depender do cargo. As inscrições seguem abertas até 15 de fevereiro, por meio do sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCCon/UEPB). Ainda na Paraíba, se você tem interesse em disputar uma vaga em Cajazeiras, é preciso correr. O certame encerra hoje o prazo de inscrições para suas 75 vagas, distribuídas entre cargos de diferentes níveis de escolaridade, de auditor a agente administrativo, passando por auxiliar de serviços gerais, motorista e técnico de Enfermagem. Os salários variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,4 mil, e as inscrições devem ser feitas pelo *site* da banca Educa PB, com taxas entre R\$ 70 e R\$ 110, conforme o cargo. Vale lembrar que am-

bos os concursos acontecem em suas respectivas cidades.

Pernambuco
No estado vizinho, o grande destaque é o processo seletivo aberto pela Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho, que chama atenção pelo alto volume de vagas. Ao todo, são 657 oportunidades destinadas a candidatos de nível fundamental, médio e superior, distribuídas em uma ampla variedade de áreas da administração municipal. Há oportunidades para biólogos, arte-educador, farmacêuticos, engenheiros, médicos em diferentes especialidades e cuidadores, entre outras funções. De acordo com o edital, as jornadas

de trabalho variam de 24 a 40 horas semanais, com salários que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 12 mil, a depender da função. As inscrições seguem abertas até 23 de fevereiro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto de Apoio à Gestão e Educação (Igeduc), mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 67. Quanto à avaliação, ela será composta por prova objetiva, prevista para os dias 18 e 19 de março, além de avaliação de títulos e análise de experiência profissional. Para alguns cargos específicos, o edital também prevê teste de aptidão física. O processo seletivo ocorrerá no município de Cabo de Santo Agostinho e terá

validade de um ano, podendo ser prorrogado por igual período. **Alagoas**
Por sua vez, o concurso do Ministério Público de Alagoas (MPAL) amplia o leque de oportunidades para quem busca uma carreira de perfil mais técnico no serviço público. O edital contempla cargos de nível médio e superior, com vagas para analistas em áreas como Jurídica, Gestão Pública, Comunicação Social, Engenharia Civil e Elétrica, Psicologia, Pedagogia, Estatística, Arquivologia e Tecnologia da Informação, além de oportunidades para técnicos. Os salários oferecidos variam de R\$ 3,5 mil a R\$

6,2 mil para jornadas de trabalho de 40 horas semanais. Para concorrer, é exigido o Ensino Médio ou Superior completo, além de registro no respectivo conselho profissional, quando aplicável. As inscrições vão até 19 de março e estão disponíveis pelo *site* da Fundação Carlos Chagas (FCC), responsável pela organização do concurso. As taxas cobradas variam entre R\$ 120 e R\$ 140. Sobre a seleção dos candidatos, eles serão escolhidos por meio de prova objetiva, prevista para 17 de maio, com questões de Língua Portuguesa, Legislação, atualidades e conhecimentos específicos. A seleção ocorrerá em Maceió, conforme consta no edital.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Cuité



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Cajazeiras



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho



Use o QR Code para acessar o edital do MP de Alagoas

Quando o ato de cuidar do outro torna-se profissão

Cuidar costuma ser visto como algo quase natural, aprendido na convivência. Talvez seja por isso que, durante muito tempo, o trabalho de cuidador tenha sido tratado como extensão do lar, e não como profissão. Mas o cenário está mudando. Com a população envelhecendo e as famílias cada vez mais sobrecarregadas, a presença do cuidado tornou-se uma demanda incontornável. Entretanto, por mais que a profissão seja fundamental, ela ainda enfrenta o paradoxo de ser cada vez mais necessária e, ao mesmo tempo, pouco valorizada. É nesse contexto que se insere a trajetória de Maria das Neves Honorato da Silva, cuidadora que conhece de perto os desafios e o sentido desse ofício.

Mas sua história, como a de muitos profissionais da saúde, começa antes mesmo da escolha formal de uma carreira. Foi ao acompanhar uma amiga internada em um hospital que Maria passou a compreender, na prática, o que significa cuidar de alguém. A convivência diária com aquele ambiente despertou um questionamento decisivo: por que não seguir na área? Nesse período, ela começou a ajudar outras pessoas e a própria equipe de Enfermagem, ouvindo com frequência que tinha “jeito para cuidar”. O passo seguinte foi encarar o curso técnico em Enfermagem, uma formação que também a levou a refletir sobre onde gostaria de atuar. “Como cresci trabalhando como doméstica, sabia das dificuldades que muitas famílias enfrentam com seus entes queridos. Com quem poderiam deixá-los?”, conta. A segunda constatação veio da realidade ao seu redor —



Foto: Arquivo pessoal/Janisse Santos

Para Janisse (D), pensar que cuidar é apenas “ato de boa vontade” ignora os desafios reais impostos

o crescimento da população idosa e de pessoas com necessidades especiais. “Se eu me dedicar a uma pessoa só, posso ajudá-la a ter qualidade de vida”, pensou.

Rotina desafiadora
No dia a dia, o trabalho de cuidador vai muito além de protocolos clínicos. Para Maria, esse acolhimento precisa extrapolar o diagnóstico no âmbito humano. Mesmo em casos de doenças degenerativas ou estados mais graves, a exemplo do caso vegetativo, ela reforça que isso não significa o fim da vida. Ao contrário. O papel do cuidador, diz, é fazer com que aquela pessoa “tenha os melhores dias da vida”, observando gostos,

reações e pequenas respostas que, muitas vezes, dizem mais do que palavras. A rotina, no entanto, impõe limites claros a esses profissionais. Jornadas extensas, geralmente de 12 horas ou mais, exigem um equilíbrio delicado entre trabalho e vida pessoal. Segundo Maria das Neves, escalas como 12x24 ou até 24 horas seguidas fazem parte da realidade da profissão e impactam diretamente a saúde emocional de quem cuida, não podendo — jamais — ser negligenciada. Conciliar essas dimensões é apontado por Maria como um dos principais desafios da função.

Qualificação
Embora a formação técnica

seja imprescindível, Maria reconhece que, muitas vezes, o cuidado acontece sem qualificação formal. Em situações extremas, familiares acabam assumindo o papel de cuidadores por falta de condições financeiras para contratar um profissional capacitado, a exemplo de mães que cuidam de filhos com deficiência ou filhos que passam a cuidar dos pais idosos. Ainda assim, ela avalia que, quando há formação, o cuidado amplia-se, permitindo uma atuação mais consistente, que vai das atividades mais básicas às estimulações cognitivas direcionadas. Essa dimensão do cuidado, como trabalho técnico, também é destacada por Ja-

nisse Santos, cuidadora com formação em Enfermagem e atuação vinculada a uma empresa especializada, a Acuidar. Para ela, a ideia de que cuidar é apenas um “ato de boa vontade” ignora os desafios reais que o dia a dia impõe. Procedimentos como troca correta de fraldas, mudança de decúbito, prevenção de contaminações e observação de sinais vitais não admitem improvisos, exigindo conhecimento do profissional. “Qualidade técnica é fundamental para realizar esses cuidados com excelência. São conhecimentos que só adquirimos com o curso de cuidador ou técnico em Enfermagem”, complementa. Além disso, Janisse também chama atenção para a relação com as famílias. Em sua experiência, nem sempre o idoso é o maior desafio, mas a dificuldade dos familiares em aceitar o processo de envelhecimento e as limitações que surgem com ele. Cabe ao cuidador, então, explicar rotinas, estabelecer limites e, muitas vezes, mediar expectativas, uma tarefa que exige maturidade e preparo emocional. “É impossível não amar aquele cuja vida está sob minha responsabilidade. Não sei desenvolver minha profissão de outra forma. Porém, procuro sempre não me aprofundar nos assuntos que não têm referência aos meus cuidados, mantendo uma boa relação com os familiares”.

Precarização
Apesar disso, a valorização profissional segue como um dos principais gargalos. Para a cuidadora Maria das Neves, o complicador é a falta de reconhecimento por parte

do Conselho Regional de Enfermagem (Coren) para técnicos que atuam de forma autônoma no cuidado domiciliar. “Só somos reconhecidos como técnicos quando trabalhamos por *home care*. A explicação que dão é que, quando trabalhamos por conta própria, não temos um superior nos fiscalizando”, detalha. Segundo ela, quem atua fora desse modelo acaba enquadrado na legislação do trabalho doméstico, o que reforça a precarização e afasta os profissionais. Entretanto, ela mesma não encara isso como demérito. “Como já vim de casa de família, eu sempre digo que só mudei a profissão de doméstica”, afirma. O ponto principal, para ela, é que, enquanto o cuidado não for encarado como trabalho essencial, a profissão seguirá à margem.

Oportunidades
Na prática, a valorização do cuidador também passa pela oferta de mais oportunidades no serviço público. Em Cuité, por exemplo, o concurso em andamento prevê 10 vagas para cuidador, com exigência de Ensino Médio completo, jornada de 40 horas semanais e remuneração de R\$ 1.518. Já em Pernambuco, o processo seletivo da Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho abre espaço para quem atua na área em duas frentes: 10 vagas vinculadas à Secretaria Municipal de Assistência Social, Mulheres e Direitos Humanos e 15 vagas para cuidador plantonista na Secretaria Municipal de Saúde. Em ambos os casos, a atuação será em regime de plantão 12x36, com salário de R\$ 1.621 e Ensino Médio completo como requisito.

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,64% R\$ 5,220	Euro € Comercial -0,4% R\$ 6,170	Libra £ Esterlina -0,2% R\$ 7,107	Inflação IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11	Ibovespa 182.949,78 pt +0,45%
---	---	--	---	--	--	--

ORÇAMENTO FAMILIAR

Sem reserva financeira, imprevistos viram dívidas

Renda média insuficiente dificulta cobertura de urgências, avalia especialista

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Imagine um trabalhador paraibano de renda média que acorda numa segunda-feira sabendo que precisa pagar R\$ 3 mil até o fim do dia seguinte. O dinheiro não está guardado, o salário já foi comprometido com despesas fixas e não há reserva de emergência. Esse cenário não é hipotético para uma parcela expressiva da população. Resolver esse tipo de urgência pode significar recorrer a alternativas que, se estiverem erradas, podem custar anos de renda.

Dados recentes ajudam a dimensionar esse quadro. Levantamento do Datafolha aponta que 43% dos brasileiros não guardam dinheiro para lidar com imprevistos. Mais de 80% da população enfrentou alguma emergência financeira nos últimos 12 meses, seja por contas em atraso, necessidade de empréstimos ou negativação do nome. Ainda segundo a pesquisa, mais de 78% dos brasileiros da classe C não possuem reserva de emergência.

O imprevisto financeiro deixou de ser um evento raro para se tornar parte recorrente da rotina de milhões de pessoas no Brasil, onde quatro em cada 10 pessoas gastaram mais do que receberam. Alguns movimentos no cenário macroeconômico reforçam essa leitura. Em 2025, as retiradas da caderneta de poupança superaram os depósitos em R\$85,6 bilhões, segundo dados do Banco Central. Foi o quinto ano consecutivo de saída líquida de recursos, a maior desde 2023.

Essa dinâmica aparece também na pesquisa da Fundação Getulio Vargas (FGV), que aponta que 14% dos brasileiros utilizaram recursos da poupança para pagar contas do dia a dia. O índice é considerado alto pelos critérios da própria instituição e indica que a reserva, quando existe, tem sido consumida para cobrir despesas correntes, e não emergenciais.

Situações recorrentes

Essa é a realidade com a qual convive Railda Pereira, diarista e cuidadora de idosos. Moradora do Distrito Industrial, em João Pessoa, ela relata que, diante de um imprevisto financeiro, não consegue mais recorrer a empréstimos formais. “Meu nome tá sujo há muito tempo. Não me deixam sujar de novo”, brinca ela. Quando surge uma despesa inesperada, a solução costuma vir de redes informais. “Eu peço emprestado a uma amiga e ela tira do cartão dela”.

E os imprevistos são recorrentes. Railda conta que já teve o fornecimento de água e energia cortados por falta de pagamento. “A principal renda da



Railda Pereira já precisou escolher entre pagar as contas e fazer a feira do mês

casa é do meu marido, que é pedreiro. Quando ele ficou parado, na pandemia, eu que fiquei como a provedora de tudo. Aí ou eu fazia feira ou pagava água e luz. Eu prefiro fazer feira e deixar cortar”.

O cartão de crédito aparece como uma alternativa constante diante dos imprevistos, mas não na forma tradicional de pagamento mensal do extrato. Railda descreve um mecanismo que, na prática, funciona como um empréstimo atrelado ao limite do cartão. “Quando eu preciso, eu uso o cartão como um empréstimo mesmo. Eu pago uma conta de mil reais e aí o cartão libera de novo aquele valor dentro do meu limite, como se fosse um saque. Eu pego mil e acabo pagando mil e duzentos, mil e trezentos, dependendo das parcelas”.

Vilão do endividamento

Oeconomista e consultor de finanças Amadeu Fonseca diz que esse tipo de estratégia é comum entre famílias sem reserva financeira. Ele explica que, diante da ausência de recursos, muitas pessoas recorrem ao parcelamento de despesas básicas, como mercado e abastecimento de veículos. “Isso vai comprometendo o futuro e se torna uma bola de neve até chegar ao ponto em que a pessoa não consegue mais arcar com nenhum imprevisto”, afirma.

Fonseca destaca que o cartão de crédito se impõe pela facilidade de acesso e pela possibilidade de parcelamento, não por ser a opção mais adequada. “Os bancos oferecem com muita facilidade um cartão se você tem movimentação e renda fixa. Ele parece uma fonte de crédito interessante porque você tem uma data definida para pagar. Por outro lado, é um dos grandes vilões da inadimplência, com as taxas de juros mais elevadas”.

Segundo o economista, o problema não é o gasto inesperado em si, mas a ausência



Usar o cartão de crédito para cobrir despesas pode ser um erro

de margem para absorvê-lo. Quando toda a renda já está comprometida, qualquer evento fora do previsto empurra o orçamento para o endividamento.

Na Paraíba, os reflexos desse quadro são visíveis. Dados da Serasa mostram que 1,31 milhão de pessoas encerraram 2025 com algum tipo de dívida em atraso, o equivalente a 44,33% da população adulta do estado. Em apenas um ano, cerca de 114 mil novos paraibanos passaram a integrar a lista de inadimplentes. Bancos e cartões de crédito concentram 26,1% dessas dívidas, seguidos por contas básicas, como água, luz e gás (22,1%), e financeiras (19,6%).

Outras opções

Quando a dívida é imediata e não há reserva, Fonseca aponta que existem opções menos onerosas, mas elas são limitadas. “O crédito consignado do trabalhador CLT ou pelo INSS, para quem tem acesso, tende a ter as menores taxas. Em outros casos, o empréstimo pessoal pode ser usado para quitar dívidas mais caras, como as do cartão de crédito. E jamais fazer parcelamento da fatura do cartão. O empréstimo pessoal, nesse caso, tende a ser menos prejudicial”, orienta.

Ainda assim, o economista reconhece que essas decisões ocorrem dentro de um cenário restrito. “O nível de renda médio não é suficiente para as despesas de uma família. Muitas despesas são fixas e já comprometem grande parte da renda. As alternativas acabam sendo reduzir gastos essenciais, o que nem sempre é possível, ou bus-

car rendas extras”.

Muitas pessoas consideram o endividamento como um fracasso pessoal. Amadeu Fonseca ressalta que essa percepção ignora fatores estruturais. “O mercado estimula o consumo, e eventos previsíveis acabam sendo tratados como surpresa. Não é uma questão de incapacidade pessoal, mas de renda insuficiente, custo do crédito e falta de margem”.

Apesar das dificuldades, Railda projeta mudanças e fala sobre planos de longo prazo. “No futuro, eu penso em comprar outro imóvel e fazer minha renda e não viver mais de forma tão apertada”.



As alternativas acabam sendo reduzir gastos essenciais, o que nem sempre é possível, ou buscar rendas extras

Amadeu Fonseca

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

IBGE sob risco: quando o Estado perde o espelho

No cotidiano da gestão pública, especialmente em uma capital dinâmica como João Pessoa, governar exige mais do que vontade política: exige realidade. O dado estatístico não é acessório burocrático, é a bússola que orienta decisões, investimentos e políticas públicas. Por quase nove décadas, essa bússola teve um nome incontestável: IBGE. Hoje, porém, sinais preocupantes indicam que essa referência histórica pode estar sob ameaça.

Fundado em 1936, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística consolidou-se como um patrimônio de Estado, atravessando regimes, crises econômicas e mudanças políticas sem jamais abrir mão do rigor técnico. Foi a partir de seus dados que o Brasil estruturou políticas de combate à fome, planejamento urbano, industrialização, repartição tributária e atração de investimentos. A credibilidade do IBGE sempre foi o alicerce invisível do planejamento público e da confiança institucional — interna e internacional.

Entretanto, relatos recentes de servidores e especialistas acendem um sinal de alerta grave. Denúncias de assédio institucional, autoritarismo, fragilização das diretorias técnicas e a criação de estruturas paralelas levantam o temor de interferência política na produção estatística. O risco maior não

é administrativo, é técnico: a possibilidade de que os dados passem a servir a narrativas convenientes, e não à realidade concreta do país. Estatística não é propaganda; é ciência. Quando se tenta maquiar indicadores, o dado perde valor e o planejamento público entra em colapso. Para gestores municipais e estaduais, a confiabilidade

dos números é questão de sobrevivência administrativa. Se indicadores como emprego, inflação, PIB ou dados populacionais forem vistos com desconfiança, todo o processo de planejamento vira ficção. Não há como atrair investimentos, formular políticas de desenvolvimento territorial ou justificar alocação de recursos com números sob suspeição. A curto prazo, a maquiagem pode agradar politicamente; a médio prazo, ela cega o gestor e condena o território à estagnação. O impacto aprofunda-se no pacto federativo.

Em um país marcado por desigualdades regionais, a partilha justa de recursos depende de critérios técnicos isentos. Fragilizar o órgão que mede população e economia é ferir a confiança entre União, Estados e Municípios, colocando em risco mecanismos como o Fundo de Participação dos Municípios. Sem dados confiáveis, a federação perde equilíbrio e previsibilidade.

O IBGE pertence à sociedade brasileira, não a projetos de poder. Defender sua autonomia técnica, seus servidores de carreira e sua independência metodológica é defender o próprio Estado brasileiro. Sem estatísticas reais, concretas e isentas, o desenvolvimento vira retórica e a boa gestão torna-se impossível. Um país que perde a confiança em seus dados passa a governar no escuro — e esse é um risco que o Brasil não pode correr.

SAÚDE FINANCEIRA

Como saber se seu banco é seguro?

Ferramentas oficiais permitem aos clientes checar a estabilidade das instituições antes de realizar investimentos

Wellton Máximo
Agência Brasil

Com a liquidação de instituições financeiras pelo Banco Central (BC) desde o fim de 2025, notícias e rumores sobre a saúde de bancos passaram a circular com mais frequência, nem sempre com informações corretas. Para o consumidor e o investidor, saber diferenciar alertas reais de *fake news* (em português, notícias falsas) é essencial para proteger seu dinheiro e tomar decisões seguras.

Existem ferramentas oficiais, indicadores públicos e sinais objetivos que permitem avaliar a situação financeira de um banco em funcionamento no Brasil. Nem toda notícia alarmista sobre instituições financeiras é verdadeira.

Antes de agir por medo, o consumidor deve consultar fontes oficiais, analisar indicadores e desconfiar de promessas exageradas. A informação de qualidade continua sendo a melhor defesa contra boatos e prejuízos.

Confira o passo a passo para conferir se uma notícia negativa procede ou se é apenas desinformação:

1. Consulte se o banco é autorizado pelo Banco Central: o primeiro passo é verificar se a instituição é autorizada e supervisionada pelo Banco Central do Brasil.

Isso pode ser feito no *site* do BC, no caminho: Meu BC → Serviços → Encontre uma instituição.

Bancos não autorizados não podem operar no sistema financeiro nacional.

2. Use bases oficiais de dados. Três tipos de plataforma concentram informa-



Os consumidores devem buscar informações de qualidade para não cair em rumores e manter o dinheiro protegido

ções confiáveis:

- Central de Demonstrações Financeiras (CDSFN), do Banco Central: na mesma página do serviço “Encontre uma instituição”, com o seguinte caminho: digitar o nome da instituição → clicar no resultado → clicar em Central de Demonstrações Financeiras;
- *Site* Banco Data: organiza dados financeiros de forma acessível, com esquemas visuais e cores (verde, laranja e vermelho) para indicar o risco de cada indicador;
- *Site* de Relações com Investidores (RI) de cada instituição: cada instituição autorizada pelo BC é obrigada a manter uma página de relação com investidores, com todas as informações financeiras e com resumos de fácil leitura. Caminho: digitar em qualquer *site* de busca o nome da instituição + RI.

Esses sistemas permitem

analisar balanços, resultados e indicadores de risco.

3. Avalie os principais indicadores de solidez, que são:

- Índice de Basileia: mede a relação entre capital próprio e riscos assumidos. O mínimo exigido no Brasil é 11% para instituições em geral, 13% para bancos cooperativos. O índice é confortável acima de 15%. Um índice de Basileia 11% significa que, para cada R\$ 100 emprestados, a instituição tem 11% de recursos próprios (dos sócios e dos acionistas). Quanto maior, mais capacidade o banco tem de absorver perdas.
- Lucro líquido recorrente: lucros consistentes ao longo do tempo indicam boa gestão;
- Inadimplência da carteira de crédito: percentual de empréstimos vencidos há mais de 90 dias. Índices elevados são sinal de risco;

- Índice de imobilização: mostra quanto do capital está preso em ativos fixos (como imóveis que não podem ser vendidos em momentos de crise); valores altos reduzem a liquidez;
- *Rating* de crédito: notas atribuídas por agências como Moody’s, S&P e Fitch. Rebaixamentos sucessivos acendem o alerta. No caso do Banco Master, no entanto, várias agências atribuíam nota alta e risco baixo à instituição.

4. Verifique a cobertura do Fundo Garantidor de Créditos. Para quem investe, é fundamental confirmar se o banco é coberto pelo FGC, que garante até R\$ 250 mil por Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) ou Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), com teto global de R\$ 1 milhão pago a cada quatro anos.

O FGC cobre os seguintes recursos e investimentos:

- Contas-correntes e poupança;
- CDB e RDB;
- Letras financeiras dos seguintes tipos: LCI, LCA, LC, LH, LCD;
- Depósitos a prazo;
- Operações comprometidas com títulos elegíveis.

Em caso de liquidação, o FGC é o caminho para recuperar os valores dentro do limite.

Recursos e investimentos não cobertos pelo FGC:

- CRI e CRA;
 - Debêntures;
 - Letras financeiras dos seguintes tipos: LF, LI, LIG;
 - Títulos públicos, porque esses papéis são cobertos pelo Tesouro Nacional;
 - Títulos de capitalização;
 - Fundos de renda fixa: em caso de quebra, têm CNPJ separado da instituição e podem ir para outro gestor;
 - Depósitos no exterior;
 - Depósitos judiciais.
- O correntista deve estar

Liquidação extrajudicial evita prejuízos e falência desordenada

Wellton Máximo
Agência Brasil

O tema da liquidação extrajudicial voltou ao debate recentemente após as liquidações do Banco Master e do Will Bank, determinadas pelo Banco Central. Os episódios reacenderam dúvidas entre clientes e investidores sobre o funcionamento do regime, os impactos para contas e investimentos e os direitos de quem mantêm vínculo com instituições financeiras em crise. Afinal, o que é a liquidação extrajudicial?

Trata-se de um procedimento administrativo usado para encerrar, de forma organizada, as atividades de instituições financeiras que enfrentam grave crise. Quando anunciada, a medida costuma gerar apreensão entre clientes, principalmente sobre o destino de contas, investimentos e contratos em andamento.

O regime é aplicado quando a situação financeira da instituição se torna insustentável. Segundo o Banco Central, o objetivo principal é proteger depositantes, credores e o pró-

prio sistema financeiro, evitando prejuízos maiores ou uma falência desordenada.

Quem decide?

No caso de instituições financeiras, a decretação da liquidação extrajudicial é atribuição exclusiva do Banco Central. A iniciativa pode partir do próprio órgão regulador ou, em alguns casos, dos administradores da instituição, desde que haja previsão estatutária. A legislação autoriza a medida em situações como insolvência sem possibilidade de reversão, descumprimento de normas, fraudes, falhas operacionais graves ou gestão temerária.

Além de bancos, outras empresas de setores sensíveis também podem ser submetidas ao regime, como seguradoras e entidades de previdência privada aberta, supervisionadas pela Susep, e operadoras de planos de saúde, reguladas pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

O que acontece com o banco?

Após a liquidação, as



Situação do Banco Master reacendeu dúvidas sobre o tema

operações da instituição são interrompidas. Contas, transferências, cartões e novos contratos deixam de funcionar. Um liquidante é nomeado pelo Banco Central para levantar bens, dívidas e créditos, vender ativos e organizar o pagamento dos credores conforme a ordem prevista em lei.

E o cliente, como fica?

Quem tinha conta no banco perde o acesso imediato aos serviços. O saldo existente passa a integrar o passivo da instituição, e o correntista torna-se credor no processo de liquidação. O pagamento dependerá das garantias disponíveis e do andamento do trabalho do liquidante.

O dinheiro está protegido?

Depósitos e alguns investimentos contam com a cobertura do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), formado por recursos das instituições financeiras, públicas e privadas. O fundo assegura até R\$ 250 mil por CPF ou CNPJ, por instituição, considerando o conjunto de produtos elegíveis, como conta-corrente, conta-poupança, CDB, RDB, LCI e LCA.

No caso de CDBs, a proteção também segue esse limite. Em conglomerados financeiros, porém, o valor garantido pode variar conforme a data de emissão dos títulos e a forma como as instituições são enquadradas pelo FGC, o que pode reduzir o montante efetivamen-

te coberto.

O FGC está pagando R\$ 40,6 bilhões a cerca de 800 mil investidores do Banco Master. A previsão inicial estava entre R\$ 41 bilhões a R\$ 43 bilhões a 1,6 milhão de clientes. Com a liquidação do Master, o passivo subiu em R\$ 6,3 bilhões, segundo o próprio FGC, totalizando o impacto final em R\$ 46,9 bilhões. Isso equivale a mais de um terço do patrimônio do fundo.

Dívidas continuam valendo?

A liquidação extrajudicial não elimina débitos dos clientes. Empréstimos, financiamentos e faturas seguem válidos. O que muda é a administração desses contratos, que passa a ser feita pelo liquidante ou por outra instituição que eventualmente assuma parte das operações.

Bens são bloqueados?

A lei determina a indisponibilidade dos bens de controladores e ex-administradores da instituição liquidada. A medida impede a transferência de patrimônio até que sejam apuradas possíveis responsabilidades, funcionando como proteção adi-

ciente de que perderá esses valores em caso de quebra da instituição.

5. Desconfie de rentabilidade fora do padrão. Bancos pequenos oferecem taxas maiores que bancos grandes e de baixo risco. Já os bancos em dificuldade podem oferecer taxas muito acima da média do mercado para captar recursos rapidamente. Retornos extraordinários quase sempre vêm acompanhados de maior risco.

No caso de CDBs, a taxa máxima recomendada está em 115% do Certificado de Depósito Interbancário (CDI). O Banco Master oferecia taxas de 140% do CDI.

6. Fique atento aos sinais de alerta. Não é possível prever com exatidão se um banco será liquidado, mas alguns indícios ajudam:

- queda contínua do Índice de Basileia; prejuízos recorrentes nos balanços;
- rebaixamento de *rating*;
- notícias sobre investigações ou intervenção;
- ofertas agressivas de captação;
- entrada em regimes especiais do Banco Central, como o Regime de Administração Especial Temporária (RAET).

No caso do Will Bank, liquidado recentemente, o Índice de Basileia estava negativo em 5,3% em junho de 2024. O Índice de Imobilização estava negativo em 1,9% na mesma data, mesmo com lucro líquido de R\$ 55,5 bilhões.

7. Compare com investimentos mais seguros. Para reduzir riscos, especialistas destacam:

- Tesouro Direto: risco de crédito considerado o menor do país;
- CDBs, LCIs e LCAs de grandes bancos, com alta solidez e proteção do FGC.



Foto: Ascom Secties

Meio século de isolamento e um final feliz: a geografia colocou o município no centro da ciência e da tecnologia mais moderna

SERTÃO DA PARAÍBA

Carrapateira é agora a Cidade da Astronomia

Município sequer tinha energia elétrica para assistir à ida da Apollo 11 à Lua

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Em 1969, enquanto Neil Armstrong dava os seus primeiros passos na Lua, o município de Carrapateira também entrava para a história, mas por uma realidade bem diferente do avanço tecnológico que maravilhava o mundo. A pequena cidade do Sertão da Paraíba sequer tinha energia elétrica para assistir ao feito mundial e ficou conhecida como o lugar que “tinha ciúmes da Apollo 11”, devido ao contraste de desigualdade social. Meio século depois, uma ironia se revelou: foi justamente aquilo que antes representava

um atraso, o isolamento, o silêncio e a geografia, que colocou Carrapateira no centro da ciência contemporânea a partir da construção da Cidade da Astronomia. Essa mudança não aconteceu por acaso. Embora a trajetória de Carrapateira lembre um roteiro de ficção, com direito a reviravoltas e um final feliz, o futuro do município está sendo construído de forma técnica e planejada, com base em dados científicos. A Cidade da Astronomia é uma iniciativa do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), pensada

para aproximar a população da ciência, promover o letramento científico e consolidar o município como polo de divulgação e educação astronômica. Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, a transformação de Carrapateira evidencia o papel da política pública como instrumento concreto de mudança social e territorial. “Quando o Estado investe de forma planejada em ciência e tecnologia, ele não está apenas implantando equipamentos, está mudando realidades. Carrapateira é um exemplo claro de como uma política pública

bem estruturada transforma o que antes era visto como limitação em oportunidade”, afirmou. Segundo o professor Jamilton Rodrigues, coordenador da Cidade da Astronomia, a escolha do município se deu a partir de características naturais raras, que sempre estiveram ali, mas nunca haviam sido reconhecidas como potência científica. “Carrapateira tem um dos céus mais limpos do Nordeste, com baixíssima poluição luminosa, clima favorável e localização geográfica estratégica para a observação astronômica. O que antes era isolamento hoje é vantagem científica”, explica.

Cineasta Fabiano Maciel fez documentário

Em 2003, a história de Carrapateira voltou a ser contada, desta vez por meio do cinema. O cineasta Fabiano Maciel chegou ao município para produzir o documentário “Carrapateira não tem mais ciúmes da Apollo 11”, lançado em 2004. Inspirado na reportagem de 1969, o filme revisita personagens, ruas e memórias da cidade para mostrar como a população lidava com a própria imagem e com o sentimento de esquecimento. Ao longo da produção, Fabiano Maciel e sua equipe usaram recursos simbólicos para aproximar a comunidade do céu. Em uma das cenas do documentário, com uma luneta improvisada no ponto mais alto da cidade, os moradores observaram o Universo pela primeira vez. A experiência coletiva de olhar o céu pela luneta deu lugar a uma perspectiva concreta: a Cidade da Astronomia terá o planetário mais moderno do Brasil.

História com esperança

Essa transformação de Carrapateira também é narrada por quem a estudou, vi-

veu e sentiu cada etapa. O secretário municipal de Meio Ambiente de Carrapateira e historiador de formação, José Irineu Mendes, dedicou sua monografia de graduação à trajetória da cidade, buscando compreender o impacto simbólico e social da reportagem de 1969 e as mudanças que vieram nas décadas seguintes. Segundo ele, Carrapateira dos anos 1960 era completamente isolada: estrada de terra, ausência de telefonia, sem internet e sem asfalto, ligando o município a outras cidades. “Era uma cidade esquecida pela tecnologia, pelo desenvolvimento, pela modernidade”, conta. Para o historiador, a Cidade da Astronomia representa um salto que vai além do progresso gradual. “Não foi apenas um avanço. Foi uma mudança de sistema. Uma cidade associada à pobreza extrema hoje se torna referência internacional em ciência. É algo surreal”, afirma. Para ele, o que sustenta essa virada é também o desejo coletivo da população de transformar o próprio destino.

Magnúcia Lúcia Galdino da Silva, hoje com 50 anos, foi uma das participantes do documentário de 2004. Ela lembra de um tempo em que a sobrevivência dependia exclusivamente da roça. Para comprar uma roupa, era preciso plantar algodão, colher e vender. A comida vinha da terra, mas o dinheiro era escasso. “Era tudo muito difícil”, recorda. Hoje, mesmo reconhecendo que os desafios ainda existem, ela enxerga algo novo. “Nunca imaginamos um projeto tão grande chegar a um lugar tão pequeno. O lugar é pequeno, mas o coração sempre foi grande”. O sentimento de esquecimento atravessou gerações, mas agora dá lugar à esperança. Avó de sete netos, Magnúcia acredita que o futuro será diferente para eles. “Mesmo que eu não veja tudo o que a Cidade da Astronomia vai trazer, eu sei que os meus vão assistir. E, enquanto isso, vamos nos preparar. Não vamos esperar só quem vem de fora chegar. Já vamos construir hotel, restaurante. Vai tudo melhorar”, disse.

Complexo Científico
Tudo isso faz parte de um projeto ainda maior, chamado “Complexo Científico do Sertão”, um conjunto de equipamentos científicos implantados de forma estratégica, com o objetivo de interiorizar a ciência e promover o desenvolvimento regional no Semiárido paraibano. Além disso, o projeto também inclui a construção do Radiotelescópio Bingo, localizado no município de Aguiar; o Vale dos Dinossauros, em Sousa; e um museu, em Cajazeiras que, em conjunto, promovem um roteiro científico no Sertão da Paraíba.

■ **O olhar para o céu pela luneta deu lugar a uma perspectiva concreta: a Cidade da Astronomia terá o planetário mais moderno do Brasil**

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

A receita perfeita da pasta cacio e pepe, a física e o Prêmio IgNobel

240 g de massa, idealmente tonnarelli;
160 g de queijo pecorino romano;
4 g de amido de batata ou de milho;
40 ml de água (para misturar com o amido);
água para cozinhar a massa;
água do cozimento para o molho;
pimenta-do-reino e sal a gosto.

Você pode estar achando que a coluna de hoje é sobre alta culinária. Na verdade, ela começa com um dos pratos mais famosos da culinária italiana, mais precisamente da romana, a pasta cacio e pepe, que, junto com a carbonara, talvez seja uma das receitas mais difundidas no mundo inteiro. Ambas têm algo em comum: a simplicidade como bem essencial da cozinha italiana. Mas não estou aqui para falar de física. Pode parecer estranho à primeira vista. O que a física tem a ver com fazer uma receita perfeita de cacio e pepe? Em 2024, um conjunto de físicos italianos e de outras nacionalidades publicou um artigo em uma renomada revista científica da área de física dos fluidos, a *Physics of Fluids*, com o título “Phase behavior of Cacio and Pepe sauce” (em tradução livre: “Comportamento de fase do molho Cacio e Pepe”). O trabalho propõe, do ponto de vista da física, sugestões e métodos baseados em princípios de mínima energia para se obter o preparo ideal. À primeira vista, pode soar incomum para a maioria das pessoas a ideia de aplicar física para determinar a melhor forma de preparar uma pasta. Mas é justamente aí que está a grande descoberta deste artigo. Ao adicionar a água do cozimento da massa ao queijo pecorino e à pimenta e misturar corretamente, forma-se um gel líquido e homogêneo, com a consistência ideal. O molho precisa atingir um estado específico: um gel fluido, pouco viscoso, mas jamais filamentar. Quando surgem pequenos fios ou tirinhas de queijo, o molho “desandou”. A quantidade de amido é justamente o que garante que esse fluido, com propriedades muito bem definidas, fique pastoso o suficiente para envolver a massa de forma aveludada, cobrindo todas as suas superfícies. Se a quantidade de amido ultrapassa um determinado limite, o sistema perde estabilidade e o molho desanda. No artigo, os autores chegam a nomear esse momento como uma verdadeira mudança de fase, algo que aprendemos ainda na escola. No caso do cacio e pepe, quando o molho passa da fase aveludada para a filamentar, ele entra no que os pesquisadores chamaram de “fase mozzarella”, em referência aos fios característicos da muçarela de búfala. Essa breve explanação física sobre um molho perfeito nos mostra como a ciência pode, sim, ser aplicada às coisas mais simples do nosso dia a dia. É claro que grandes chefs e a própria tradição da alta cozinha italiana já sabiam, na prática, qual era a forma ideal de preparar uma cacio e pepe sem defeitos. O que a física faz é criar parâmetros, baseados em metodologias científicas, algo que hoje já é amplamente utilizado em diversas áreas da alta gastronomia. O estudo recebeu ainda um prêmio curioso e bastante conhecido: o Prêmio IgNobel, concedido em Boston, nos Estados Unidos. Trata-se de uma premiação dada a trabalhos científicos pitorescos, que chamam atenção por abordarem temas inusitados, mas que despertam reflexão. Daí podemos concluir que a ciência tem um olhar atento aos detalhes das coisas simples. Fenômenos do cotidiano estão repletos de explicações baseadas em leis naturais, processos de viscosidade, dinâmica dos fluidos e mudanças de fase. Tudo isso está ali, concentrado em algo tão cotidiano quanto um prato de massa. Por isso, não devemos subestimar a ciência. Muitas vezes, nas coisas mais simples, tiramos aprendizados importantíssimos. Grandes descobertas e aplicações de alta tecnologia nascem justamente de observações aparentemente banais, mas analisadas com método, curiosidade e rigor científico, em diversas áreas do conhecimento. No mais, só posso dizer: aproveitem a receita.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador

REDUÇÃO DE DANOS

Moradias sustentáveis promovem o bem-estar

Arquitetura ecológica é forma de conservar recursos naturais

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

As moradias sustentáveis têm se tornado alternativas para lidar com os impactos causados pela construção civil. Pensadas a partir de aspectos ambientais, sociais e econômicos, essas habitações vão além da redução de danos à natureza, promovendo qualidade de vida para os moradores e benefícios coletivos quando aplicadas em maior escala.

A arquiteta e mestra em Engenharia Urbana e ambiental, Patrícia Gigliola, explica que esse tipo de habitação utiliza materiais ecológicos, como tijolos de terra comprimida, bambu e taipa, além de aproveitar a luz e a ventilação natural. Também incorpora tecnologias de eficiência energética e sistemas de gestão de água, como captação de chuva e fossas ecológicas, e integram-se ao entorno, respeitando clima, topografia e vegetação local. “As construções sustentáveis também priorizam durabilidade, baixa manutenção e envolvem a comunidade no processo construtivo, promovendo aprendizado e capacitação”, afirma.

Para o professor e engenheiro civil Normando Perazzo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que se dedica a esse campo desde a década de 1970, a nomenclatura correta seria “moradia de menor impacto ambiental”. Para ele, nenhuma construção é totalmente isenta de repercussões negativas para o meio, assim, o que se pode fazer é tentar reduzi-las.

“O campo da Engenharia e da Arquitetura é uma das atividades mais agressivas à natureza, porque os materiais de construção exigem muita energia no seu processo de fabricação. Então, qualquer obra que fazemos provoca um impacto considerável na natureza”, destacou o professor.

De acordo com Normando, construções de menor impacto utilizam menos energia em sua execução e priorizam materiais naturais e menos poluentes, como madeira, bambu e terra. Além disso, já integram soluções para reduzir o consumo energético, como sistemas de energia solar e reaproveitamento de água da chuva.

Os benefícios vão desde a conservação dos recursos naturais até a melhoria da saúde e do bem-estar dos moradores, além da valorização de saberes e culturas locais. “Uma moradia sustentável não é apenas uma casa, mas um modelo de habitação integrado que contribui para o cuidado com o meio ambiente, fortalece a comunidade e promove impactos positivos e duradouros”, enfatizou Patrícia.

Experiência comunitária

Na Paraíba, algumas iniciativas têm colocado esses conceitos em prática. A Associação Casa dos Sonhos (ACS),

que atua há 20 anos na comunidade Santo Amaro, em Santa Rita, desenvolve projetos socioambientais voltados a crianças, adolescentes, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade social.

Criada em 2004, a instituição conta com o apoio da Fundação Mission Bambini, organização internacional sediada em Milão. A arquiteta Patrícia Gigliola foi contratada para fazer o projeto arquitetônico da sede do projeto e, segundo ela, ali entendeu o papel social da arquitetura. “Contribuir para a redução do impacto no meio ambiente e ainda colaborar a nível social para que as pessoas mais pobres possam ter acesso à moradia digna”.

Entre as ações da ACS estão edificações construídas com soluções sustentáveis, como o uso do bloco de terra comprimida (BTC) — tijolo ecológico —, captação e reaproveitamento de água, energia solar, reuso de materiais e acessibilidade. A brinquedoteca e a biblioteca da associação são exemplos desse modelo construtivo.

Para ampliar a atuação no campo da sustentabilidade, está em processo de criação o Centro de Sustentabilidade Insieme (CSI), termo que significa “junto”, em italiano. “Concebido com foco na educação lúdica e prática, o CSI tem como propósito consolidar-se como referência em ensino e práticas sustentáveis, além de estimular a criação de núcleos replicáveis em diversos municípios da Paraíba, promovendo a articulação entre sociedade civil, academia e Poder Público na construção de soluções locais com impacto ambiental positivo em escala global”, explicou Patrícia.

Em relação aos projetos habitacionais, a ACS, desde sua fundação, atua em parceria com a ONG italiana Mattone su Mattone, o Politécnico de Turim e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do professor Normando Perazzo, na transferência da tecnologia do bloco de terra

comprimida (BTC) para a comunidade local. Essa atuação inclui o envio de prensas manuais de BTC da Itália, capazes de produzir cerca de 300 a 350 tijolos por dia, com o auxílio de duas pessoas; a realização de diversas capacitações para a produção dos blocos e para a execução das edificações, além da construção de moradias destinadas a famílias da comunidade que perderam suas casas em decorrência de enchentes.

Pesquisas e tecnologias

A pesquisa acadêmica também tem contribuído para o avanço das moradias sustentáveis. Na UFPB, o projeto Janelas Fotovoltaicas Sustentáveis, desenvolvido no Centro de Energias Alternativas e Renováveis (Cear), desenvolve janelas capazes de gerar energia solar e, ao mesmo tempo, melhorar o conforto térmico das edificações.

Coordenado pela professora e engenheira mecânica Taynara Lago, o projeto tem como proposta atual incorporar tecnologias fotovoltaicas às janelas, transformando-as em superfícies ativas de geração de energia, o que contribui para a redução do consumo elétrico e das emissões de gases de efeito estufa.

“O projeto é relevante porque atua em duas frentes essenciais para a sociedade: a redução do consumo energético das edificações e geração de energia limpa no próprio local de uso”, explicou Taynara. Para a pesquisadora, a busca por modelos de moradia sustentáveis é fundamental para promover cidades mais resilientes, acessíveis e ambientalmente responsáveis, além de estimular soluções tecnológicas adaptadas à realidade climática local.

Outro exemplo é a Casa Ecoeficiente do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-PB), em Campina Grande. Desde 2006, o local atua como espaço didático e tecnológico para a dis-



Fotos: Arquivo pessoal/Patrícia Gigliola

Com as prensas manuais de BTC, duas pessoas são capazes de produzir até 350 tijolos por dia

seminação de conhecimentos sobre energias renováveis, reuso de água e materiais alternativos na construção civil, bem como recebe estudantes, pesquisadores e profissionais, funcionando como centro de capacitação e inovação.

Segundo Guilherme Santos, professor do Senai, a casa reúne aplicações de energia solar fotovoltaica e eólica, além de sistemas de reaproveitamento da água, além de melhor aplicação da luminosidade e da ventilação. “A construção civil da casa foi projetada para aproveitamento de iluminação e ventilação natural, reduzindo o gasto de eletricidade em seu uso. As paredes são revestidas e preenchidas na sua maioria com material reciclável e isopor, melhorando o conforto acústico e isolamento térmico, reduzindo o custo da obra e tornando a obra mais sustentável”, pontuou.

Habitação social

A sustentabilidade também tem sido incorporada à habitação popular. Para a Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap), a sustentabilidade não é um item opcional, ela já faz parte do jeito como a Companhia pensa e executa seus empreendimentos. Soluções como cisternas, reuso de águas cinzas, energia solar e melhor isolamento térmico já fazem parte dos projetos habitacionais.

Conforme a diretora da Cehap, Emília Correia, além do benefício ambiental, essas medidas reduzem os custos para os beneficiários. “A família passa a gastar menos com energia, menos com água, e isso faz muita diferença no orçamento de quem já vive com renda apertada”.

Em 2025, a Cehap entregou 2.133 moradias, entre obras novas e reformas, em áreas urbanas e rurais. Um dos destaques é o Projeto Casas Sustentáveis, no município Areia de Baraúnas, no Sertão paraibano, que integra a utilização de energia solar, reaproveitamento de água e isolamento térmico, sem encarecer a obra. “Ao todo, serão 30 moradias construídas a partir de um modelo consciente, que mostra que esse tipo de solução é plenamente possível de ser aplicado na habitação popular”, destacou Emília.

A iniciativa recebeu o Prêmio Selo de Mérito pelo caráter pioneiro e pela aplicação prática de soluções sustentáveis na habitação popular.

Em João Pessoa, o programa João Pessoa Sustentável — Habitação e Meio Ambiente prevê a construção de três conjuntos habitacionais no Complexo Beira Rio, totalizando 747 unidades. Os projetos priorizam ventilação cruzada, iluminação natural e sistemas de economia de energia nas áreas comuns, buscando maior conforto tér-

mico e redução do consumo energético.

“Algumas pessoas passam pela Avenida Beira Rio e percebem que os empreendimentos estão sendo construídos de costas. A parte da frente da unidade habitacional, na verdade, está ficando exatamente voltada para o rio. Isso foi uma formatação que identificamos de ventilação cruzada para que pudéssemos fazer com que as unidades habitacionais tivessem um conforto térmico melhor e para que as famílias não precisem, por exemplo, gastar tanto com ventilador ou qualquer outro tipo de refrigeração”, afirmou Vitor Cavalcante, coordenador-executivo do programa.

Desafios

Apesar dos avanços, Normando Perazzo aponta desafios para a ampliação dessas tecnologias. De acordo com ele, sistemas construtivos não convencionais exigem mais tempo e planejamento, o que nem sempre se alinha à lógica do mercado. Ainda assim, o professor acredita que esse é o único caminho viável para o futuro da construção civil. “Hoje em dia, está havendo um incentivo maior para o desenvolvimento de novos materiais, para se realizar experimentos de menor impacto ambiental, porque, realmente, é insustentável a situação como está”, finalizou.

Foto: Arquivo pessoal/Taynara Lago



Construções de menor impacto já integram soluções para reduzir o consumo energético, como sistemas de energia solar e reaproveitamento de água da chuva



Foto: Arquivo pessoal/Patrícia Gigliola

Ilustração: Bruno Chiosse



Quem
leva a
melhor
no duelo
de Galo x
Raposa, o maior
clássico do futebol
paraibano, neste
domingo, no
Amigão?

TREZE X CAMPINENSE

Dia de Maiorais no Amigão

Confronto cresce de importância para as duas equipes, que lutam para ficar na zona de classificação

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Treze e Campinense fazem, hoje, o Clássico dos Maiorais, pela sexta rodada do Campeonato Paraibano, às 18h, no Amigão. O enfrentamento coloca frente a frente duas das equipes mais vencedoras do certame local. A Raposa tem 22 conquistas, enquanto o Galo, 17. Este será o 421º confronto entre as agremiações, o retrospecto contabiliza 140 vitórias para o Alvinegro e 113 vitórias para o Rubro-Negro, com mais 167 empates.

Na atual edição do Estadual, o Treze faz uma campanha melhor que o rival. Até aqui, foram três vitórias e duas derrotas, tendo nove pontos e a vice-liderança. No entanto, o Campinense não está tão atrás, pelo menos em pontuação. A Raposa soma oito pontos após cinco jogos (duas vitórias, dois empates e uma derrota), mas está na sexta posição.

No último encontro dos clubes de Campina Grande, também pelo Campeonato Paraibano, o Rubro-Negro venceu por 2 a 0. O confronto ocorreu em janeiro de 2025. Na oportunidade, Airtón Júnior e Lucas Gabriel marcaram os gols do triunfo raposeiro. Agora, o Clássico dos Maiorais vale vaga no G4 e pode dar fôlego para trabalhar na sequência do certame.

Do lado do Treze, a expecta-

tativa é que o clube consiga a vitória para consolidar um bom momento na competição. Depois de duas derrotas, o clube venceu o Confiança na última rodada por 1 a 0 agora, conforme destacou o volante Marquinhos, a intenção é somar mais três

pontos e igualar o Serra Branca, que é o líder, em pontuação. Para isso, o atleta espera contar com o apoio incondicional do torcedor.

“É um clássico especial para a cidade. A gente vem trabalhando nesta semana focado nesse clássico e também

Foto: Estefinho Francelino/Campinense



No último confronto, em 2025, o Campinense venceu, por 2 a 0

estamos entendendo todo o contexto. Já entendemos que é parte de uma grandeza muito maior. Basta nós, agora, dentro de campo, fazermos o que o professor [Roberto Fernandes] vem passando para nós. E, claro, sabemos que clássicos como esse tem que se jogar e ganhar. Vamos entrar com força total, determinados”, disse o jogador.

Escolhido para falar antes do Clássico dos Maiorais, Marquinhos esteve em campo em todos os jogos do Galo no Paraibano, atuando como titular e terminando todas as partidas. Ele fez uma análise do nível dos jogos da competição e projetou o futuro do Treze na sequência da temporada.

“Olha, o que eu vejo, hoje, na competição, é um torneio meio equilibrado, em que não tem jogos fáceis. Muito se fala que é entrar e ganhar, mas não é bem assim, são 11 contra 11. Esse jogo em si vale muito, não só para os clubes, mas em termos de tabela de classificação. Se Deus quiser, a gente vai conseguir esses três pontos, dando um passo muito grande para uma classificação. Então, é entrar com esse foco, sabendo que o objetivo é claro”, afirmou Marquinhos.

Do lado do Campinense, Evaristo Piza falou sobre como sua equipe entrará em campo. A Raposa vem de uma vitória histórica no Clássico Emoção (4 a 1 contra o Botafogo) e o torcedor espe-

ra que a atuação seja repetida contra o maior rival.

“A gente percebe um pouco do ambiente da cidade e começa a entender a dimensão e o tamanho desse jogo. Espero que a gente consiga fazer um grande espetáculo, um grande jogo, impondo-se perante o adversário. Vai ser um jogo de muito estudo, de muitas emoções, valendo muito nesse momento da competição. Nosso adversário com nove pontos e a gente nós com oito. Um jogo de seis pontos, que quem conseguir o êxito da vitória vai se aproximar bastante da classificação”, comentou Evaristo Piza.

“Enfim, a gente tem que saber neutralizar, equilibrar bem a nossa equipe mentalmente. Não deixar a euforia, desse jogo que nós fizemos contra o Botafogo (4x1), influenciar ao ponto de achar que somos a melhor equipe do mundo. Pelo contrário, vamos com os mesmos pezinhos no chão, o mesmo respeito de antes que nós tivemos com todos os adversários”, acrescentou.

Finais no século

Treze e Campinense encontraram-se pela última vez na final do Campeonato Paraibano no ano de 2020. Naquela oportunidade, o Galo levou a melhor ao vencer com placar agregado de 2 a 1. Neste século, ainda estiveram nas decisões de 2008 e 2004. Nestas, a Raposa levou a melhor contra o rival Alvinegro.

SUSTENTABILIDADE DA SÉRIE B

Reestruturação dos clubes em debate

CBF reúne Conselho Arbitral e define a mudança no formato de disputa deste ano, com a criação de play-offs

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou, durante a reunião do Conselho Arbitral da Série B, na última quinta-feira (5), a criação do Programa de Apoio à Reestruturação Financeira de Clubes da Série B (Parf-B). A iniciativa visa fortalecer a sustentabilidade econômica da competição, vinculando o suporte financeiro da entidade ao compromisso dos clubes com a responsabilidade financeira e com boas práticas de gestão. Durante a reunião, foi definida também a criação de *play-offs* entre os times que finalizarem a competição da terceira à sexta colocação.

A CBF deu mais uma demonstração concreta de valorização de seus produtos com o anúncio do Parf-B, anúncio que garante tranquilidade financeira e equilíbrio competitivo para a edição deste ano da Série B. Por meio do programa, a CBF confirma que continuará a financiar integralmente as despesas de logística (transporte e hospedagem), de exames *antidoping* e as taxas de arbitragem para a disputa da competição.

No entanto, a partir desta temporada, a manutenção desse benefício estará estritamente condicionada ao cumprimento de uma série de requisitos que fazem parte do arcabouço do Sistema de Sustentabilidade Financeira (Fair Play Financeiro) criado pela CBF, demandando como contrapartida colaboração e transparência pelos clubes.

Para o presidente da CBF, Samir Xaud, desfecho da reunião foi o esperado tanto pela parte da CBF como pelo lado dos clubes. “Foi uma reunião muito produtiva. Estamos numa reconstrução dos nossos campeonatos. É um produto que estava desvalorizado e estamos trabalhando nessa valorização. Chegamos num denominador comum, achamos uma forma de enaltecer o nosso produto, de valorizar ainda mais e ajudar os clubes, pensando na sua saúde financeira como um todo, chegando em um modelo de gestão que estamos implementando aqui na CBF. Nada mais justo do que a CBF continuar ajudando os clubes financeiramente, aportando alguns gastos, mas em contrapartida os clubes mostrarem esse controle financeiro”, disse Xaud.

Segundo Gustavo Henrique Dias, o vice-presidente da CBF, a medida, estudada pelo corpo técnico da CBF, demonstra responsabilidade por parte da CBF com seus filiados. “A CBF vai sempre buscar o melhor para os seus filiados e o melhor para a competição. Queremos corrigir os erros do passado e tentar trilhar um caminho para que essa competição seja valorizada. É uma competição que a população gosta, que é superdisputada. Estamos muito felizes com a reunião”, disse Dias.

Entre os representantes de clubes, o desfecho da reunião do Conselho Arbitral trouxe uma sensação de renovação da Série B. Guilherme Bellintani, dono da So-



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

A reunião do Conselho Técnico do Campeonato Brasileiro Série B debateu diversos assuntos relacionados às disputas, que só começam em março

cidade Anônima do Futebol (SAF) do Londrina, acredita que a união entre uma nova fórmula de disputa e a obrigatoriedade da responsabilidade fiscal e financeira dos clubes representa um caminho próspero para a Série B.

“Acho que a Série B sai daqui absolutamente renovada. A mudança no modelo competição, incluindo os *play-offs*, faz com que,

até o último momento da competição, o meio de tabela continue disputando o acesso. Isso é muito positivo. Acho que o público ganha, o torcedor ganha, os clubes ganham. E, em relação às finanças de cada clube, especialmente, o que a gente vê é um movimento de certa forma inédito na CBF, que é sustentar o processo de financiamento da logística,

um procedimento histórico da relação dos clubes com a CBF, mas avançar nesse sentido, condicionando isso ao cumprimento das primeiras regras do Fair Play financeiro”, disse.

A criação do Parf-B e o equilíbrio que a medida trará para a competição foi elogiada também por Náutico e São Bernardo, clubes que já estavam amparados pela

assinatura de um acordo comercial diretamente com a CBF, mas que também se mostraram favoráveis à medida, em prol de uma competição mais isonômica.

“O dilema maior era a questão dos dois blocos que se formaram na Série B, que era de Náutico e São Bernardo, os demais 18 clubes e a questão da logística. E a CBF trouxe uma saída intelligen-

te, que fomenta a competição. Ou seja, não é uma decisão que deixa os clubes sem ter esse amparo. Mais uma vez, é uma situação em que todos ganham, a CBF ganha e o futebol ganha, porque tudo, no final, vai direcionar para essa questão da responsabilidade do gestor com o Fair Play Financeiro”, disse o presidente do Náutico, Bruno Becker.

Novidades visam criar mais valor comercial

Outra grande novidade é a alteração do formato da competição, com a criação de um sistema de *play-offs* ao término das 38 rodadas de pontos corridos, envolvendo os quatro clubes posicionados da terceira à sexta colocação. Com a proposta, aprovada por maioria de votos dos representantes dos clubes presentes, as duas vagas restantes de acesso serão definidas ao fim de confrontos de ida e volta, com o terceiro colocado enfrentando o sexto, e o quarto disputando contra o quinto.

“Buscando possibilidades de criar maior valor comercial, maior atratividade para a competição da Série B, nós propusemos para debate e votação entre os 20 clubes presentes na reunião do

Conselho: a cereja do bolo da reunião, com a implementação do *play-off*. A partir deste ano, na Série B, os clubes que ficarem de terceiro a sexto, ou seja, esses quatro clubes, eles jogarão duas partidas, ida e volta, para que sejam determinados os últimos dois clubes que subirão junto com o primeiro e o segundo colocado na classificação geral para a Série A do ano de 2027”, disse Julio Avellar, diretor de competições da CBF.

Outra grande mudança foi a decisão dos clubes de alterar o calendário inicial, que previa uma pausa durante o período de Copa do Mundo, para incluir partidas da Série B enquanto o Mundial estiver acontecendo. Para Avellar, essa medida pode aumentar o ní-

vel técnico da competição.

“Com isso, vamos conseguir espaçar mais os jogos, o que aumenta o nível técnico, ajuda na preparação e na recuperação física dos atletas e até na logística dos clubes”, concluiu.

Monitoramento

O Parf-B está sendo desenhado para premiar a gestão responsável e a transparência. Para permanecer no programa e usufruir do custeio das despesas operacionais, os clubes deverão cumprir os requisitos do novo Sistema de Sustentabilidade Financeira (SSF) da CBF.

Além das regras gerais do sistema, os participantes deverão observar novos indicadores específicos de desempenho e

conformidade, focados em solvência, modernização de gestão e transparência. O detalhamento técnico desses indicadores será apresentado em regulamento próprio, a ser divulgado pela CBF até o fim de fevereiro.

O monitoramento dos indicadores e a auditoria das informações prestadas ficarão a cargo da Agência Nacional de Regulação e Sustentabilidade do Futebol (Anresf), instituição independente criada pela CBF especificamente para a fiscalização e gestão do Fair Play Financeiro da entidade.

O objetivo é fomentar um ambiente de negócios mais seguro, onde os recursos economizados pelos clubes com a isenção de custos

operacionais sejam efetivamente direcionados para o saneamento de passivos e para a reestruturação interna.

Regras de permanência

A adesão ao programa é facultativa, mas a fiscalização será contínua ao longo de todo o campeonato. Caso a agência reguladora identifique o descumprimento dos requisitos de gestão e governança estipulados no regulamento, o clube estará sujeito à exclusão do programa.

Nesse cenário de desequilíbrio, o clube perderá imediatamente o subsídio da CBF e passará a ser o único responsável pelo pagamento de seus próprios custos de logística e arbitragem até o fim da competição.

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



O presidente da CBF, Samir Xaud, ouviu atentamente as reivindicações dos clubes e está confiante numa competição com mais visibilidade neste ano

MUNDIAL 2026

Dunga tem receita para ganhar Copa

Volante diz que vencer um Mundial exige força psicológica e conhecimento profundo sobre os seus adversários

Em entrevista à Fifa, Dunga, o capitão do tetra, dá os detalhes do que seria essencial na preparação para tentar conquistar o título na América do Norte.

A tabela oficial da Copa do Mundo da Fifa 2026 definiu o confronto entre México e África do Sul, na Cidade do México, como o jogo de abertura. A expectativa é enorme para a torcida. Pensando em quem vai para campo, porém, a competição já começou. Ao menos essa é a recomendação de Dunga, o capitão que ergueu a taça de 1994 pelo Brasil, para quem sonha com o título em 19 de julho — aí, sim, na última data da tabela de fato, de modo indiscutível.

Isso porque o caminho para chegar lá está praticamente definido, restando algumas definições de repescagens mundo afora. Buscando as memórias de três décadas atrás, o ex-volante afirma à Fifa: “Quando um país ganha uma Copa do Mundo, ele faz coisas que os outros não fizeram. Você tem que ganhar o jogo antes do treinamento, na preparação”.

Quando o sorteio dos grupos é realizado, abre-se a fase de estudos, de preparação específica, de mergulho nos detalhes que podem fazer a diferença. Dunga relembra como sua seleção soube transformar a informação — escassa naqueles tempos — em conhecimento valioso”.

Diferentemente do que todo mundo fala, que não se estudava antigamente, estudava-se. Só que com um *delay*”, conta. “Primeiro era preciso esperar a transmissão pela televisão, depois a comissão técnica — [o técnico] Carlos Alberto Parreira, [o auxiliar] Zagallo e [o supervisor] Américo Faria — organizava os estudos sobre cada equipe”.

Obviamente, a base de vídeos e dados sobre cada um dos 48 times que vão jogar a Copa do Mundo é vasta. Todos estão conectados e têm acesso. Na visão do capitão, de todo modo, o raciocínio segue o mesmo. As ferramentas são outras, mas a busca por trunfos deve ser incessante.

Dunga relembra com orgulho daqueles tempos. Muito passava pela conversa, mesmo com o prato quentinho à frente no refeitório. A insipiente globalização do futebol já ajudava um pouco, é verdade. O intercâmbio, com vários brasileiros espalhados pela Europa, era fundamental. “Na hora do jantar, sentava com todos os jogadores, que jogavam em países diferentes, e ficávamos dando as características dos adversários, a forma de jogar”, conta.

A troca não se resumia a característica técnicas, parte técnica, mas também sobre o perfil emocional de cada jogador, revela. “Isso nos ajudou a ter um *upgrade*. “Agora, a abundância de dados e imagens permite que seleções tenham acesso a praticamente tudo sobre seus adversários. O de-



Foto: Reprodução/Instagram @velhofutebol

Dunga beija o troféu da Copa do Mundo de 1994 durante a cerimônia de premiação

safio, segundo Dunga, não é mais conseguir informação, mas saber filtrá-la. “Antigamente, não tinha vídeo, era foto, era *slide*, mas nós sempre estudamos. Hoje há excesso de material. É preciso ter critério para não se perder”, observa. Nesse sentido, o sorteio continua sendo o marco inicial da Copa: é quando se define o mapa da preparação, seja com poucos recursos ou com tecnologia de ponta.

O que é preciso para vencer

Estudar é uma coisa, a prática é outra. Conhecer os adversários é apenas o primeiro passo. O que vem depois é igualmente decisivo. E aqui entram os pontos que, na visão de Dunga, sustentam qualquer campanha vitoriosa. A preparação é contínua.

“Não adianta estudar se você não consegue aplicar o que aprendeu. É preciso se aprimorar a cada dia”, afirma. A Copa não permite imprevistos: cada jogo é deci-

vo, cada erro pode custar a eliminação. Por isso o cuidado máximo na hora de traduzir a informação coletada. Outro aspecto é a mentalidade. Dunga não poderia ser mais enfático ao dizer que vencer uma Copa exige força psicológica. “Vai ser difícil para todo mundo. Mas, se eu quero ser campeão do mundo, eu tenho que passar por todos”, diz.

Para ele, não existe caminho fácil: é preciso estar disposto a enfrentar qualquer adversário e a lidar com a pressão de representar um país inteiro. A disciplina também ocupa lugar central em sua análise. “O principal para ser campeão do mundo é estarem todos dispostos a pagar o preço. O preço para levantar aquela taça é enorme, mas vale a pena”, afirma.

Esse preço envolve sacrifícios pessoais. “São 30 dias que você tem que esquecer o mundo. Eu vou falar uma frase que muita gente não gosta, mas tem que esquecer

a família, tem que esquecer tudo, tem que focar no seu trabalho”, explica.

Vitórias coletivas

Para Dunga, essa entrega total é o que diferencia campeões de candidatos. A unidade, segundo o capitão do tetra, é o que garante que os mínimos detalhes sejam cuidados — e, numa Copa, os detalhes decidem. Dunga resume sua filosofia em uma frase que repete com frequência: “Vitórias coletivas, benefícios individuais”.

O título é fruto de um esforço coletivo que vai além dos jogadores que entram em campo. E aí se interligam os estudos lá atrás — ou, no caso dos competidores da Copa do Mundo de 2026, os estudos de agora. “É toda a estrutura que tem que remar para o mesmo lado. Não adianta estar no mesmo barco. Tem que remar na mesma direção”, afirma. “São 30 dias que tu pode conquistar o que não vai conquistar o resto da tua vida”.



Foto: Reprodução/Instagram @liertesaressedungaoficial

A Seleção Brasileira que conquistou o tetracampeonato em 1994, nos Estados Unidos

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Dia do Maiorais

Hoje é domingo e, além de pedir cachimbo, como diz o ditado, e ser o dia internacional da tristeza, assim que o futebol acaba e a vinheta do Fantástico começa a disparar na Globo, de acordo com meu dito, devidamente sentido por tantas pessoas, é dia do maior clássico da Paraíba: o Clássico dos Maiorais.

Essa análise tão evidente, mas tão sentida pelos botafoguenses, que muitas vezes me criticam por fazer uma constatação tão óbvia, não impede, por exemplo, de ter uma compreensão de que há também outras rivalidades tão grandes no futebol paraibano. Ou até maior! Mas aí é papo para outra coluna, talvez — **CONTÉM SPOILER** — quando for dia do Clássico Tradição, entre Belo e Galo.

Mas hoje é dia de Clássico dos Maiorais, entre Treze e Campinense. O maior clássico por um motivo lógico. Precisamos ir para a equação, somar aspectos, pesar valores e botar na balança. E Treze x Campinense contempla tudo. Grandeza dos clubes dentro do futebol paraibano, protagonismo histórico local, duelo que foi disputa de taças estaduais e, claro, um dos mais arretados elementos: o fato de envolver uma só cidade e toda ela, sobretudo, no dia da peleja.

Afinal, em Campina Grande, quase todo mundo que gosta de futebol nutre um amor, ou pelo menos uma simpatia, por um dos times. O que faz o jogo ter uma das nais importantes substâncias de um clássico. A sua relação com a cidade, as ruas, os bairros, os afetos diários que podem ser afetos também da arquibancada ou inimigos simbólicos por 90 minutos.

Acontece que eu ainda sou jornalista, gente que tem mania de analisar a realidade atual. E a verdade é que o Clássico dos Maiorais vive um dos seus piores momentos históricos. O Campinense está sem série e o Treze disputa a Série D. Há mais de 10 anos, os clubes veem o Botafogo-PB, rival comum de ambos, ter um pouco mais de protagonismo no cenário nacional, e um Sousa, que, no momento, vem de melhores resultados na vida da bola paraibana, comandando o futebol interiorano. Raposa e Galo vivem um momento decadente, o que não é nada bom para o futebol paraibano, mas que se reflete também no clássico.

Tudo isso se soma a mudanças sociais, econômicas e institucionais que enfraqueceram os dias de clássico. Além de os times já não empolgarem suas massas há muitos anos, outros fatores vêm afastando os torcedores de Campina Grande do Amigão. Ingressos caros, violência entre as torcidas organizadas rivais e a escolha dos órgãos de segurança de não mais dividir os dois setores de arquibancada para as duas torcidas, diminuindo consideravelmente a qualidade do espetáculo e enfraquecendo a possibilidade de os ingressos serem um pouco mais baratos pelo menos em um dos setores tiraram um pouco do brilho do Clássico dos Maiorais, um dos maiores do interior do Brasil.

Mas tudo isso seria diluído se os clubes fossem mais competentes fora dele, conseguindo se sanear financeiramente, gerando o valor de credibilidade em suas demandas, os torcedores, para poderem, novamente, formar elencos melhores e mais competitivos, para voltarem a, pelo menos, flertar com glórias mais expressivas, para além do básico de buscarem, a cada ano, nas últimas temporadas, apenas não ficar sem série. Algo muito pouco para os dois clubes, que, como já dito, têm torcidas apaixonadas e que envolvem uma cidade importante do interior do Nordeste.

Para não dizer que não falei das flores, o clássico de hoje, mesmo que nivelado por toda essa compreensão de clubes que ainda estão longe de voltar aos seus grandes momentos, vai ser disputado por times equivalentes. Tanto na qualidade dos elencos quanto em relação aos momentos que vivem no Campeonato Paraibano deste ano. O Treze tem apenas um ponto a mais do que o Campinense. Ambos não convencem seus torcedores. Aspectos preocupantes no macro, mas que equilibra o microcosmo do confronto de logo mais. E gera um cenário minimamente interessante para o duelo deste domingo, que é o maior clássico da Paraíba.



Jogadores do Palmeiras festejam mais um gol no triunfo sobre o Vitória

PAULISTÃO

Corinthians enfrenta o Palmeiras

Equipes vêm de bons resultados no meio de semana e buscam, hoje, a afirmação na competição estadual

Da Redação

Como o Brasileirão está acontecendo com jogos apenas no meio da semana, este domingo (8) reserva vários jogos pelos campeonatos estaduais, com destaque para o clássico Corinthians x Palmeiras, pelo Paulistão, válido pela sétima rodada, tendo como palco a Neo Química Arena, a partir das 20h30 (horário de Brasília). O Alvinegro ocupa a quarta posição do Campeonato Paulista, com 11 pontos. A equipe conquistou três vitórias, dois empates e duas derrotas, demonstrando irregularidade na competição estadual. O Palmeiras está na vice-liderança, com 12 pontos. O Verdão conquistou quatro vitórias e dois empates, mantendo-se invicto e apenas um ponto do líder, o Novorizontino. O jogo será mostrado pela HBO Max (streaming). No meio de semana, o Palmeiras venceu o Vitória por 5 a 1, pelo Brasileirão, e o Corinthians fez 3 a 0 no Capivarano, no Paulistão.

Corinthians e Palmeiras já se enfrentaram 343 vezes ao longo da história, em todas as competições. O Palmeiras possui ligeira vantagem no confronto geral, com 123 vitórias, contra 116 triunfos do Corinthians, além de 104 empates. Atuando como mandante, o Corinthians possui retrospecto de 165 jogos disputados, com 79 vitórias do Timão, 46 empates e 40 vitórias do Palmeiras.

Carioca

O clássico Vasco x Botafogo, às 18h, em São Januário, pela sexta rodada da Taça Guanabara, vale muito para as equipes. O Botafogo já está classificado para as quartas de final, mas luta pela liderança do Grupo B. O Vasco, por sua vez, entrará em campo já sabendo suas condições para avançar, já que Sampaio Corrêa e Flamengo se enfrentaram ontem. O Vasco ocupa a quarta colocação do Grupo A e vem de um empate sem gols com o Madureira na última rodada. A equipe precisa da vitória para ganhar posições e melhorar sua situação na tabela. Já o Botafogo, líder do Grupo A, chega pressionado após a derrota por 1 a 0 para o Fluminense. O Glorioso busca vencer o clássico

para se manter na ponta da classificação. No outro jogo de hoje, o Fluminense enfrenta o Maricá, às 20h30, no Maracanã.

Jogos de hoje

- **BAIANO**
16h
Juazeirense x Bahia
- **BRASILIENSE**
16h
Brasiliense x Aruc
- **CARIOCA**
18h
Vasco x Botafogo
- 20h30
Fluminense x Maricá
- **CATARINENSE**
18h
Avaí x Camboriú
- 18h
Chapecoense x Criciúma
- **CEARENSE**
18h
Ceará x Fortaleza
- **GAÚCHO**
18h
Internacional x São Luiz
- **GOIANO**
16h
Vila Nova x Jataiense
- Anápolis x Anapolina
- **MINEIRO**
18h
Cruzeiro x América
- **PARAENSE**
10h
Santa Rosa x Bragantino
- 16h
São Francisco x Cameté
- 17h
Águia de Marabá x São Raimundo
- Paysandu x Remo
- **PARAIBANO**
18h
Treze x Campinense
- **PARANAENSE**
18h30
Azuriz x Operário
- Coritiba x Cianorte
- **PAULISTA**
16h
Noroeste x Santos
- 18h30
Capivariano x Mirassol
- Velo Clube x Bragantino
- 20h30
Corinthians x Palmeiras
- **PERNAMBUCANO**
18h
Santa Cruz x Decisão
- **PIAUIENSE**
16h
Parnahyba x Oeirense
- 17h
Teresina x Piauí
- **POTIGUAR**
16h
América-RN x Santa Cruz-RN
- Laguna x Potyguar
- **SERGIPANO**
15h15
Guarany x Desportiva
- 17h
Confiança x Itabaiana

MUDANÇA

Ronaldo decide investir em projeto de luxo

Ricardo Magatti
Agência Estado

Ronaldo Fenômeno decidiu vender suas ações no Cruzeiro e no Valladolid, em 2024 e 2025, respectivamente, e dar um tempo do futebol. Desde então, o ex-jogador e empresário intensificou seus investimentos em outros esportes. Ele lidera um projeto de construção de quadras de tênis, o esporte que mais pratica, e, nesta semana, tornou-se sócio de um clube de luxo com piscina de ondas artificiais.

O Fenômeno fez sua estreia no mercado imobiliário ao virar sócio do Reserva Beach Club, empreendimento de alto padrão em Alphaville, na Grande São Paulo. Ele disse ter aceitado o convite por ser um projeto que promove a prática esportiva e de saúde. E prometeu surfar, embora não tenha intimidade com o esporte. Duas de suas filhas surfam e vão ajudá-lo, afirmou.

“Tenho medo de me machucar. Já vi casos de a prancha bater no rosto. Vamos começar com ondas pequenininhas”, disse.

O Fenômeno dá prioridade ao tênis, esporte que começou a praticar para emagrecer, por sugestão do professor de educação física Marcio Atalla, e agora vai se arriscar no surfe. Ele disse ter dado um tempo do futebol por causa do estresse que passou quando esteve à frente da gestão do Cruzeiro e do Valladolid.

“Como eu vendi as duas equipes que eu tinha, decidi que quero coisas mais tranquilas por um tempo do que a indústria do futebol. [No surfe] ainda não tem torcida organizada que vai ao centro de treinamento para te xingar e quebrar seu carro”, brincou, em conversa com jornalistas durante o evento em que foi anuncia-

Tênis

Fenômeno diz dar prioridade ao tênis, esporte que começou a praticar por sugestão do professor Marcio Atalla

da a sua parceria com o Reserva Beach Club.

O ex-jogador vendeu a Sociedade Anônima de Futebol (SAF) do Cruzeiro em abril de 2024 para o empresário mineiro Pedro Lourenço (dono da rede Supermercados BH), encerrando seu ciclo como sócio majoritário após mais de dois anos, com o negócio de R\$ 600 milhões.

No ano passado, em maio, transferiu suas ações do Valladolid a um grupo de investimentos dos Estados Unidos após meses de protesto da torcida, que o chamou de mentiroso: “Cadê o dinheiro?”, cobraram os torcedores.

O clube

O empreendimento liderado pela BR Soho

ocupará um espaço de 169 mil m² e tem valor geral de venda estimado em R\$ 4,2 bilhões. O investimento é de R\$ 1 bilhão. Serão colocados à venda 3,5 mil títulos familiares, que devem custar R\$ 630 mil cada um.

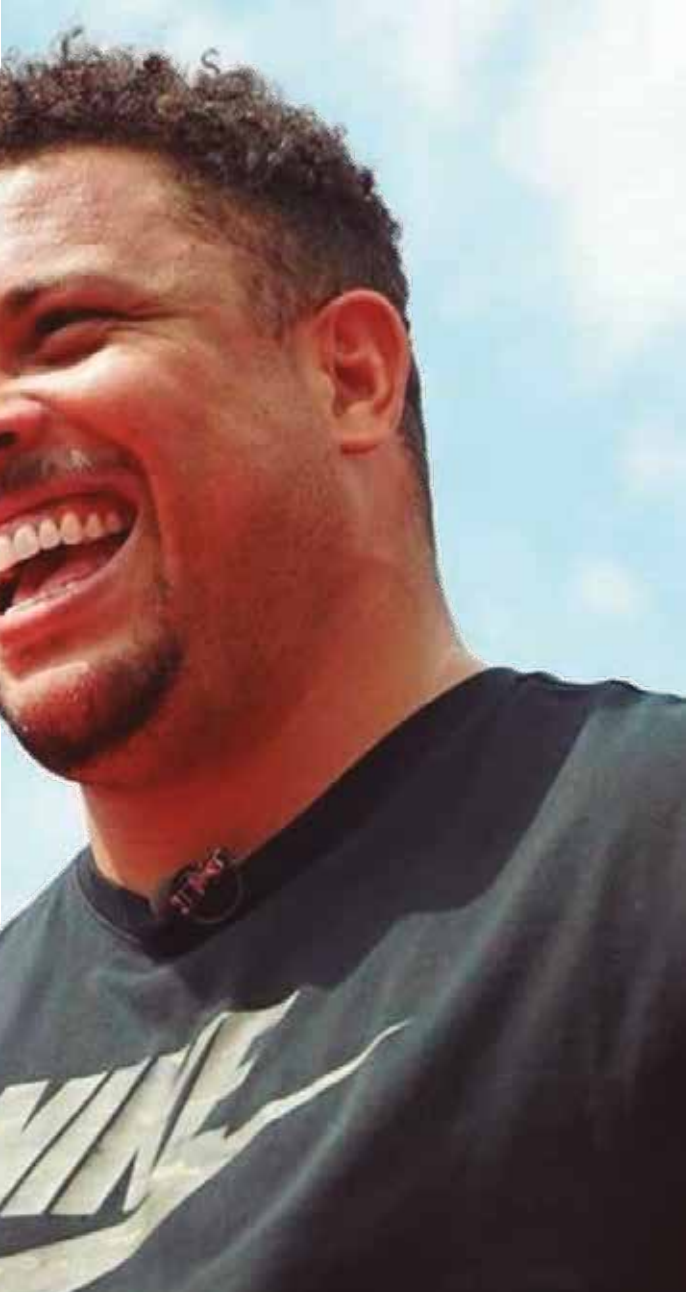
O clube vai dispor de uma piscina de ondas de até 2,1 m de altura e com capacidade de 50 surfistas por hora, além de quadras de beach tennis, campos de futebol, pista de skate, spas e uma praia de mais de 25 mil m².

O projeto é liderado pela BR Soho, e a entrega deve ser realizada em etapas. A piscina de ondas e

as principais áreas de convivência têm previsão de serem concluídas até o fim de 2026, enquanto a entrega total do clube está programada para o fim de 2027.

“O Ronaldo sempre teve uma relação muito clara com projetos que deixam legado. Esse é um movimento que vai além de um investimento pontual e reflete a forma como ele enxerga o futuro do esporte e do lazer no país. Acreditamos muito nesta relação, e a chegada dele vai ser um momento estratégico e de virada para nós”, afirmou Maurício Gariglia, CEO da BR Soho.

Foto: Reprodução/Instagram @ronaldofenomenofans



Ronaldo largou investimentos no futebol após vender o Cruzeiro e o Valladolid

TRADIÇÃO

No batuque da Jurema

Papel do tocador de atabaque é essencial para ditar o ritmo, conduzir os pontos cantados e sustentar o axé durante as giras e rituais

Ademilson José
Especial para A União

No mundo dos músicos e mais precisamente dos percussionistas, há um personagem pouco lembrado que, para uma grande comunidade de juremeiros e umbandistas, é de importância fundamental. Além de proporcionar ritmo que serve para mexer o corpo, o batuque executado por ele também determina e dá cadência à espiritualidade dos integrantes da religião.

Trata-se do tocador de atabaque que, na Jurema da Paraíba e região, é conhecido como “batedor”, e que, nos espaços mais amplos dos orixás (englobando Umbanda e Candomblé) ganha o nome de “ogã”. É, de fato, um personagem essencial, porque, além de ditar o ritmo, ele conduz os pontos cantados e sustenta o axé (a energia) durante as giras e rituais do terreiro ou barracão.

Considerado elo de ligação entre o sagrado e a comunidade religiosa, Ednaldo Joaquim de Oliveira (o Pai Naldo, de 52 anos) é um desses percussionistas diferenciados e espirituais. Há cerca de 30 anos, é isso que ele faz no Templo de Mãe Rita, situado na Rua Nilo Peçanha, no Alto das Populares, em Santa Rita, na Grande João Pessoa.

Quem assiste a uma prolongada sessão de cânticos e rituais, percebe isto: enquanto baterista, o percussionista musical comum toca para dar ritmo e cadência à banda que ele participa; para fazer as pessoas mexerem o corpo, o batedor de Jurema toca para muito mais: toca para mexer com o espírito de quem participa do ritual. Muitas vezes, é ele que também precisa puxar o cântico para melhor entoar o coletivo do terreiro no ritual.

Não é de estranhar, numa visita, alguém do ter-

reiro não permitir que a pessoa aproxime-se ou mexa com aquele instrumento de percussão. É porque, segundo o próprio Pai Naldo, o atabaque é sagrado e só os batedores ou ogãs podem mexer com ele. Embora tenha momentos que lembra um baião ou um samba qualquer, seu toque é considerado “um som, uma voz da ancestralidade”.

Segundo Pai Naldo, os atabaques são em três tonalidades e tamanhos diferentes: o rum (maior e mais grave); rumpi (médio) e lé (menor e de sonoridade mais aguda). São feitos de madeira, também chamados “ilús” e muito comuns na Jurema e na gira de Exu/Pombagira. “Esses instrumentos oferecem som e ritmo específicos para a força dessas entidades”, explica.

Mas o suingue com força de fé não se resume ao atabaque. Na Jurema (que é paraibana e, mais precisamente, de Alhandra, no nosso Litoral Sul) e nas religiões originárias do continente africano, o maracá, o agogô e o xequerê também são instrumentos muito presentes nas reuniões e rituais. Os dois últimos, inclusive, são de ferro e oferecem toques de agitação que complementam o som dos atabaques.

Sobre os ritmos, Pai Naldo esclarece que são vários. Uns mais agitados e outros mais lentos, predominando entre eles o congo, o nagô e o samba caboclo, variando conforme a linha de trabalho da religião. São ritmos também oriundos da África e os mais conhecidos e praticados no Brasil são originários de Angola, de onde vieram muitos escravizados no nosso período colonial.

Na Jurema Sagrada, principalmente, a percussão é muito forte e marcada, tradição indígena que foi seguida por todos os mestres. É por isso, segundo Naldo, que as sessões religiosas não podem se prolongar até tarde da noite ou pela madrugada. “A reclamação da vizinhança se torna inevitável. Eu mesmo costumo abrir as reuniões por volta das 17h para não passarmos das 21h”, diz ele.

Ele fala com essa autoridade, porque, além de batedor no Templo de Mãe Rita, no Alto das Populares, Naldo também tem seu próprio barracão em casa, no conjunto Marco Moura, também no município de Santa Rita. A partir deste começo de ano, com outros juremeiros, assume também a coordenação de um outro barracão em Na-

tal (RN). “Mas lá, no Rio Grande do Norte, como na minha casa, no Marco Moura, eu não sou do toque. Quem comanda terreiro não pode ser batedor”, afirma o pai de santo, ao explicar que, nesses outros espaços, dedica seu tempo somente à organização e ao comando das reuniões e, no dia a dia, a atender pessoas que recorrem ao terreiro em busca de alguma ajuda ou serviço.

Ele esclarece que, ao contrário dos percussionistas comuns, os batedores, atabaqueiros e ogãs não recebem pagamento (cachê) para atuarem em sessões religiosas, por mais prolongadas que elas sejam. O chefe do terreiro ou algumas pessoas que participam das sessões às vezes ajudam, dão contribuições, mas sem compromisso. “Meus ganhos são dos atendimentos e do meu trabalho como pedreiro”, afirma.

De pai para filho

Com tantos anos batendo atabaque, desde os 20 anos e por influência do pai, Naldo não poderia deixar de também influenciar. Seu filho, João Pedro, de 17 anos, já anda dando ritmo à Jurema com ele. Juntos, pai e filho também tocam nas Giras de Roda (sessões que ocorrem na rua) e nas Juremas de Chão (quando os participantes atuam em círculo e sentados em posição de ioga).

Como só o tempo de prática define quem é quem e como ainda não recebe entidade nenhuma, o jovem João Pedro ainda é pai ogã, cargo que lhe dá direito de tocar atabaque para a Jurema e para outros orixás, mas que ainda precisa de uma boa estrada para ser pai de santo.

Em termos de divulgação do seu trabalho como batedor e de sua própria religião, Naldo ainda é do tempo do boca a boca, mas o filho, o jovem João Pedro, tem perfil no Instagram (@ogadeaxe05), espaço em que acaba divulgando o trabalho religioso e de percussionista dos dois.

Há cerca de 30 anos, Pai Naldo (E) é batedor de Jurema no Templo de Mãe Rita, no Alto das Populares, em Santa Rita; seu filho, o jovem João Pedro (D), também toca para mexer com o espírito de quem participa do ritual

Ilustração: Bruno Chiossi

Saiba Mais

Jurema Sagrada — tradição religiosa e cultural brasileira, com forte raízes indígenas, originária do Nordeste do Brasil, mais precisamente entre os indígenas que habitavam o Litoral Sul da Paraíba. Ela se caracteriza como um culto ancestral que integra saberes de cura, uso da planta sagrada que é a jurema e a incorporação de entidades espirituais. Além da Paraíba, tem forte presença em Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Umbanda — religião brasileira, monoteísta, sincrética e espiritualista, que nasceu no início do século 20 (1908), no Rio de

Janeiro. Ela combina elementos do espiritismo kardecista, catolicismo popular, religiões de matriz africana e saberes indígenas.

Candomblé — religião monoteísta de matriz africana, consolidada no Brasil a partir do século 19, fundamentada no culto aos orixás (divindades da natureza) e na veneração aos ancestrais. Embora seus cultos raízes venham da África Ocidental e Central (povos Iorubá, Jeje e Bantu), o candomblé configurou-se na Bahia, como forma de resistência cultural e espiritual durante o período da escravidão.



Heleno passou por vários veículos de comunicação, como Rádio Tabajara, Miramar, CBN, Rádio Correio, Arapuan, O Norte e Sanhauá

Artigo*

A normalização da violência começa no silêncio

A violência contra a mulher no Brasil não é um problema distante, restrito a manchetes de jornais ou às estatísticas dos relatórios oficiais. Ela acontece todos os dias, em casas parecidas com as nossas, em famílias que, muitas vezes, acreditavam estar protegidas. Os dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) confirmam uma realidade dolorosa: a maioria das agressões e dos feminicídios ocorre dentro de relações íntimas, onde deveria existir cuidado, respeito e afeto.

Casos extremos, como o de mulheres arrastadas por carros ou assassinadas após anos de ameaças, nos causam indignação momentânea. Mas, quando o choque passa, fica a pergunta que poucas vezes fazemos com profundidade: como chegamos até aqui? Em muitos desses relatos, há um padrão que se repete, sinais ignorados, agressões minimizadas, frases como “é só ciúme”, “foi um momento de raiva” ou “isso é coisa de casal”.

“Eu achava que precisava aguentar”, relatou uma mulher ao procurar ajuda após anos de violência. Essa frase, simples e devastadora, revela o quanto aprendemos, desde cedo, conceitos distorcidos sobre relações, poder e afeto. Dentro de casa, ensinamos muito mais do que imaginamos, pelo que dizemos, pelo que toleramos e, principalmente, pelo que silenciamos.

Falar sobre a violência contra a mulher não é promover polêmica, mas assumir responsabilidade coletiva. É entender que esse



Divulgar canais como o Ligue 180 e reforçar que pedir ajuda não é fraqueza pode significar a diferença entre a vida e a morte de uma mulher

tema diz respeito a todos: famílias, escolas, empresas e governo. Começa, inclusive, na forma como educamos nossos filhos. Ensinar meninos a lidar com frustrações sem agressividade e meninas a reconhecer sinais de abuso é um passo essencial para romper ciclos de violência. Mostrar, pelo exemplo, que conflitos podem ser resolvidos sem gritos, humilhações ou agressões.

Também é papel da família acolher, ouvir e acreditar. Muitas mulheres desistem de denunciar porque temem não serem levadas a sério. Por isso, divulgar canais

como o Ligue 180 e reforçar que pedir ajuda não é fraqueza pode significar a diferença entre a vida e a morte.

A violência contra a mulher não nasce de um dia para o outro. Ela é construída, aos poucos, em ambientes onde o abuso é normalizado. Combater esse ciclo exige mais do que leis, exige empatia, educação e engajamento social. Somente quando

entendermos que esse é um problema de todos nós, será possível transformar estatísticas em histórias de sobrevivência, dignidade e respeito.

cente, quando estudava no Senai, saía de madrugada, com a comidinha pronta, para poder jogar antes da aula. Conhecia muito de futebol, trabalhou na Rádio Clube Recife e escreveu colunas para o *Jornal de Jaboatão e Diário de Pernambuco*”, conta Paula Frassinette.

Torcedor apaixonado do Santa Cruz -PE, chegou a atuar nos campos de futebol na função de juiz, após fazer o curso de árbitro pela Federação Pernambucana de Futebol. Num dos primeiros momentos de sua carreira, quando cobria um jogo em Brasília (DF) e foi solicitado para comentar uns poucos segundos ao longo do intervalo, acabou assumindo o comando da transmissão por quase 15 minutos, até a volta para o segundo tempo da partida. Assim, ele foi ganhando experiência.

A migração definitiva para a capital paraibana deu-se na década de 1970, para acompanhar a esposa, que havia sido aprovada no concurso público para professora da UFPB. Em João Pessoa, o jornalista passou por vários veículos de comunicação, como Rádio Tabajara, Miramar, CBN, Rádio Correio, Rádio Arapuan, O Norte e Sanhauá, tornando-se amplamente conhecido como o “comentarista autêntico”, bordão com o qual era anunciado pelos colegas antes de suas crônicas.

“O comentário esportivo era para ele como tirar uma ‘chupeta’ da boca de uma criança. Quem o conhecia sabia que não tinha ‘papas’ na língua e que também não levava desaforos para casa. Sempre defendia a verdade”, escreveu Marcos Lima, em crônica para o jornal *A União*. O radialista Ivan Bezerra de Albuquerque (1932-2018) afirmou que Fernando Heleno Duarte era um profissional taxativo e verdadeiro, mas que suas opiniões nem sempre agradava a todos. Paula Frassinette destaca que Fernan-

do Heleno lutou muito pelo futebol paraibano, denunciando e “puxando as orelhas” da direção da federação estadual. “Dona Rosilene Gomes, que presidiu a Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB) por 25 anos, ficava muito brava e não gostava muito dos comentários, mas, como ele não dependia da federação, tinha muita liberdade para falar. E ele era uma pessoa séria, uma pessoa respeitada e ouvida, pois falava muito bem, dizia o que ele acreditava sem papas na língua”, ressalta.

Apesar de torcer pelo Botafogo na Paraíba, clube que chegou a assumir por três meses, em 1996, quando a diretoria passava por sérios problemas, os comentários do cronista não pendiam para um lado, aliando objetividade jornalística, coerência e simplicidade. Dentre os muitos prêmios conquistados, estão algumas das edições da Bola de Ouro, troféu concedido em âmbito nacional aos cronistas esportivos pela empresa JJ Consultoria & Comunicação.

A qualidade de seu trabalho fez surgir admiradores também entre os que se iniciavam na carreira radiofônica, que o viam como exemplo de profissional e de professor. Esse foi o caso do jornalista esportivo Stefano Wanderley, que desde criança acompanhava o “comentarista autêntico”, com quem cultivou uma proximidade quando ainda era estudante de Comunicação. Ele mantém vivo, na memória, o convite de Fernando Heleno para entrar na cabine de transmissão de um jogo e fazer uma participação curta, mas bastante significativa para quem

ainda mal sabia falar ao microfone.

“Quando ingressei no rádio, por eu ser jovem demais, ele sempre procurava me dar conselhos. Além da Rádio Sanhauá, a gente se encontrava no Bar da Feijoada do Fábio, do bairro Jaqueiribe, e ele me dizia sempre: ‘Procure fazer assim, assim e assim...’. Ele era uma referência, porque não media palavras para dizer as coisas e, quando dizia, dizia correto. A gente se via também pela universidade, porque ele era professor, e conversávamos sempre sobre futebol, tanto que, mesmo sendo professor na mesma instituição em outra área, eu o convidei para participar da banca de meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], que foi algo relacionado a futebol”, conta o jornalista.

Stefano Wanderley faz referência a outra frente de atuação profissional do cronista esportivo, como docente do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB. O ingresso no Departamento de Direito Público ocorreu depois de ter feito o curso, na década de 1980, pela mesma instituição. Era filiado ao Sindicato dos

Professores da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb).

No exercício da advocacia, Fernando Heleno atuou no ramo do Direito de Família, mas também auxiliou diversos clubes nas causas desportivas. “Além de brilhar no rádio, com comentários refe-

nados, simples e objetivos, e comandar a Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba (Acep) como presidente, Fernando Heleno Duarte marcou história também como advogado dos clubes do futebol paraibano nas sessões do Tribunal de Justiça Desportiva da Paraíba (TJD-PB), em reuniões na sede da Federação Paraibana de Futebol. Na maioria das atuações, sem receber nenhum real. Quando um processo era lido pelo relator e não tinha um defensor, lá estava ele para fazer a defesa.

Deixou um grande legado”, afirma o jornalista Geraldo Varela, que, durante 29 anos, esteve na FPF-PB como assessor de imprensa e ainda chegou a acumular a função de secretário do TJD-PB.

Leitor assíduo de livros e jornais, ele não dispensava o rádio e a televisão, sobretudo para se atualizar sobre o futebol.

Tributo

Em 2016, o troféu do Campeonato Paraibano recebeu o nome do radialista e cronista esportivo pernambucano radicado no estado, numa homenagem póstuma da FPF-PB

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

“Ó abre alas” — para Chiquinha Gonzaga

Não bastasse a reconhecida competência dela, como compositora, pianista, violonista e maetrina, ela ainda carregava na “bagagem” existencial o peso de ser considerada uma mulher transgressora, levando em conta o ambiente conservador em que viveu.

Tida e havida como uma mulher “avançada” para a sua época, Francisca (H) Edwiges Neves Gonzaga, a Chiquinha Gonzaga (Rio de Janeiro, 1847-1935), era filha de mãe mulata e solteira (Rosa Maria de Lima) e do futuro marechal-de-campo (José Basileu Neves Gonzaga). Este, apesar das circunstâncias, reconheceu-a como filha legítima, tendo a maetrina vencido todos os preconceitos inerentes à sua época e tornando-se figura de proa em nossa música popular, com ingerência, inclusive, na composição de operetas de natureza clássica.

De sua vida privada, sabe-se que, por promessa do pai, foi “dada” em casamento ao oficial da Marinha mercante José Jacinto Ribeiro do Amaral, que, “logo de cara”, fê-la desfazer-se de um piano que lhe fora dado pelo pai, quando comprovou as aptidões dela. O marido, como compensação, permitiu-lhe, como embarcadilha, para “passar o tempo”, usar o violão, instrumento sobre o qual ela afirmava: “O violão sou eu”, dado o apego e o domínio com que executava o instrumento.

O casal havia tido três filhos — João Gualberto, Maria e Hilário —, porém o pai dela, Basileu, senhor da situação e parte da manutenção do casal, deserdou a filha legítima, apesar de bastarda, quando esta, sob a alegação de sofrer maus-tratos por parte do marido, resolveu “fugir de casa”,



Além de uma mulher transgressora, Gonzaga era compositora, pianista, violonista e maetrina

levando consigo apenas o filho mais velho, João Gualberto, deixando os dois mais novos, com os quais ela não conviveu.

Chiquinha foi levando a vida, sem deixar que essa a levasse. Por volta de 1870, já com a idade de 23 anos, buscou sobreviver ensinando violão, começando a compor e ensaiando os primeiros passos como maetrina. Na área da com-

posição, numa época em que predominavam lundus, valsas, polcas, quadrilhas, mazurcas, tangos, fados e até músicas sacras, ela enveredou por todos esses ritmos, porém somente veio a obter o reconhecimento público e dos “entendidos”, em 1877, quando fez publicar a polca “Atraente”, que, numa época em que ainda não dispnhamos das gravações

fonográficas, as músicas tornavam-se populares mediante a edição das partituras que se espalhavam entre os executantes. (A chamada “Era do Disco” somente se iniciaria para nós em 1902). Esse primeiro grande sucesso mereceu 15 edições consecutivas, o que diz bem de sua aceitação e popularidade.

Quebrando paradigmas, ela compôs a primeira opereta escrita por uma mulher, ao que se saíra: “A Corte na Roca”, de 1885, que alcançou outro sucesso, conferindo à autora o honroso título de “Offenbach de Saia”.

O aludido caráter transgressor de que falei refere-se, sobretudo, à criação de maxixes e gêneros semelhantes, não bem aceitos pela sociedade de antanho, o que a levava a ter algumas de suas criações censuradas pela polícia da época (qualquer semelhança com tempos que viriam não terá sido mera coincidência). Mesmo assim, as “travessuras” dela, expostas em muitas de suas composições, não a impediram de chegar a maetrina/regente da Banda da Polícia Militar (Rio de Janeiro, então capital do país).

Seu lado — por assim dizer — transgressor atingiria o clímax quando ela passou a “ostentar a bandeira” do Abolicionismo, mesmo antes de as autoridades assim o decidirem. Fato notório: ela própria chegou a alforriar um dos seus amigos e auxiliares, o músico escravizado Zé da Flauta.

O que não dizer do entrevero causado em pleno Palácio do Catete, exatamente em presença e no gabinete do então presidente da República, o Marechal Hermes da Fonseca?...

Mas, aí, já será a continuação dessa história...

TECNOLOGIA

Diretor usa IA para fazer série histórica

Cineasta Darren Aronofsky quer explorar as possibilidades da ferramenta

Daniel Vila Nova
Agência Estado

O diretor Darren Aro-nofsky, responsável por longas como *Cisne Negro*, *Mãe!* e *Réquiem Para Um Sonho*, entrou com tudo na tendência da inteligência artificial (IA). Em parceria com a Google DeepMind — divisão da empresa vol-tada ao desenvolvimento de IA —, o cineasta produ-ziu a série *On This Day... 1776*, uma animação feita com inteligência artificial generativa sobre a Revo-lução Americana.

Os dois primeiros epi-sódios do seriado foram lançados no último dia 29, no canal do YouTube da revista norte-americana *Time*. A obra é formada por episódios curtos, com cer-ca de quatro minutos cada um, que recontam momen-tos marcantes da guerra revolucionária que fundou os Estados Unidos e liber-tou o território da coloni-zação britânica.

Em 2026, quando a Re-volução Americana com-pleta 250 anos, a série acom-panhará o cronograma do evento histórico, com no-vos episódios lançados nas datas correspondentes aos acontecimentos narrados. O segundo episódio, por exemplo, é focado na cria-ção do panfleto “*Common Sense*” — um importante documento revolucionário — por Benjamin Franklin e Thomas Paine.

Em comunicado divul-gado à imprensa, os es-túdios responsáveis pela produção afirmam que a série utilizará uma “com-binação entre ferramentas



Foto: Primordial Soup/Divulgação

Animação usa inteligência artificial generativa para contar a história da Revolução Americana

clássicas do cinema e re-cursos emergentes de IA”. Apesar de toda a animação do seriado ser feita por in-teligência artificial gene-rativa, as vozes dos perso-nagens são dubladas por profissionais do SAG-Af-tra, o sindicato norte-ame-ricano de atores.

Já não é de hoje que Hollywood utiliza inteli-gência artificial em seus processos artísticos, mas o lançamento da série chama atenção por ter um grande nome do circuito cinematográfico mundial envolvido. Darren Aro-nofsky é um entusiasta da tecnologia e, segundo ele, quer explorar as possibili-dades da ferramenta, mas jamais substituir a criativi-dade humana.

Quem concorda com a fala é Ben Bitonti, presiden-te da Time Studios. “Esse

projeto oferece um vislum-bre de como pode ser o uso da inteligência artificial de forma ponderada, criati-va e liderada por artistas. Não para substituir o ofí-cio, mas para expandir o que é possível e permitir que contadores de histó-rias cheguem a lugares a

que simplesmente não con-seguiriam antes”.

Nas redes sociais, no en-tanto, a iniciativa sofreu inúmeras críticas. Para par-te do público, a utilização de IA piora a qualidade da obra e ameaça os empregos de artistas e trabalhadores do setor audiovisual.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Está (1) = tá + coxo (2) = manco. **Solução:** cal-çado (3) = tamanco.

Charada de hoje: O vaso de fogo simbólico (2) que está (1) ali (2) faz com que ela ache graça (2), acre-ditando tratar-se de um contrabando (5).



Ilustração: Bruno Chioffi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Imagem: Marilda Castanha/Divulgação

Eita!!!!

Literatura indígena para crianças

Celebrado ontem, o Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas é uma reflexão sobre a história de resistência dos povos originários no Brasil e na América do Sul. A data remonta ao ano de 1756, marcado pela morte do líder guarani Sepé Tiaraju, que se tornou símbolo de defesa de seus territórios diante da colonização portuguesa e espanhola. Nesse contexto, a literatura destaca-se como uma ferramenta potente de transmissão das múltiplas culturas indígenas para as novas gerações. Selecionamos algumas narrativas dedicadas ao público infantil para a compreensão e o reconhecimento da riqueza e diversidade cultural indígena.

O Segredo da Chuva (Editora Ática), de Daniel Munduruku

O jovem Lua, para salvar seu povo da seca, parte em uma jornada em busca do Espírito da Chuva. Ao enfrentar desafios e desvendar mistérios da natureza, ele aprende lições valiosas sobre a vida e a importância da conexão com os elementos. Escrita por um autor paraense que vive entre cidades e aldeias, essa narrativa lembra um mito tradicional e promove o entendimento entre povos originários e não indígenas. A obra conta com ilustrações assinadas por Marilda Castanha (imagem acima).

Chapeuzinho Verde (Leiturinha), de Maria Lucia Takua Peres

O conto clássico da menina que leva doces para a vovozinha já foi inspiração para um sem-número de outras histórias. Em algumas delas, o chapéu tem outra cor; em outras, o lobo é bom; há outras ainda em que o lobo conta a sua versão da história. Nessa obra potente de Maria Lucia Takua Peres, indígena da etnia avá-guarani, e ilustrada por Yacuná Tuxá, indígena do povo tuxá, Chapeuzinho Verde nos convida a abrir a mente e o coração se quisermos garantir a sobrevivência da Terra e de todos os que nela habitam.

Um sonho que não parecia um sonho (Editora Caramelo), de Daniel Munduruku

Darebu havia sonhado tudo aquilo? Mas parecia tão real. Onde estavam os curumins que haviam ido atrás do espírito da floresta? O avô, em sua sabedoria, era a pessoa que poderia explicar a aventura que todos estavam vivendo. No livro, Munduruku estabelece um diálogo entre as crianças da cidade e as lendas indígenas, mostrando como os sonhos podem passar importantes mensagens para as pessoas. A arte fica por conta da Inez Martins.

Iracema (Ática), de Ivan Jaf e Raquel Teixeira

A releitura do clássico de José de Alencar aproxima o enredo secular da nova geração ao ser contada em uma linguagem alinhada aos repertórios visuais e narrativos contemporâneos: as histórias em quadrinhos. Essencial para discutir estereótipos e representação.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - balão de interrogação; 2 - chifre do diabo; 3 - nariz; 4 - banco; 5 - óculos do médico; 6 - caixa; 7 - gaveta; 8 - quadro; 9 - rabo do diabo.